



Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas  
Programa de Pós-Graduação em Literatura

EMANUELLE ALVES MELO

A PRUDÊNCIA DE NÍCIAS: ESTUDO ACERCA DO *ÉTHOS* DE NÍCIAS EM  
TUCÍDIDES E EM PLUTARCO

Brasília-DF  
2016

EMANUELLE ALVES MELO

A PRUDÊNCIA DE NÍCIAS: ESTUDO ACERCA DO *ÉTHOS* DE NÍCIAS EM  
TUCÍDIDES E EM PLUTARCO

Dissertação apresentada ao Instituto de Letras da  
Universidade de Brasília para obtenção do título de  
Mestra em Literatura.

Área de Concentração: Estudos Literários  
Comparados/ Tradução e Comentário de Prosa  
Grego Antiga.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da  
Rocha

Brasília-DF  
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

MELO, Emanuelle Alves.

A Prudência de Nícias: estudo acerca do *Éthos* de Nícias em Tucídides e em Plutarco/ Emanuelle Alves Melo; orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha. – Brasília, 2016.

104 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2016.

1. Historiografia Antiga. 2. Biografia Antiga. 3. Retórica. 4. *Éthos*.

MELO, E. A. **A Prudência de Nícias:** Estudo acerca do *Éthos* de Nícias em Tucídides e em Plutarco. Dissertação apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestra em Literatura (Estudos Literários Comparados/ Tradução e Comentário de Prosa Grega Antiga).

Aprovada em: 29/02/2016

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha

Julgamento:       aprovada      

Instituição: Universidade de Brasília

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida de Oliveira Silva

Julgamento:       aprovada      

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna

Julgamento:       aprovada      

Instituição: Universidade de Brasília

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Erivelto da Rocha Carvalho (suplente)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Instituição: Universidade de Brasília

Assinatura: \_\_\_\_\_

*Dedico esta dissertação à minha querida e amada mãe,  
Maria Helena. Sem seu amor e carinho, nada seria.  
Toda minha educação eu devo à senhora. Amo você!*

## AGRADECIMENTOS

Neste momento tão especial, gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida e por estar onipresente a cada passo que dou;

Aos meus queridos pais, Maria Helena e Manuel. Muito obrigada por estarem sempre ao meu lado, dando-me apoio e carinho.

Aos meus irmãos, Leidinha, Luciana, Karla, Claudinha, Carlos e César. Obrigada pelos conselhos importantes.

Ao meu namorado e melhor amigo, Rafael. Agradeço por estar sempre ao meu lado e nunca ter me deixado fraquejar, quando pensava que não seria capaz de terminar minha dissertação.

À minha grande amiga e companheira de Mestrado, Valesca. Essa vitória é nossa!

Às minhas amigas, Valéria, Ludimilla e Luana. Primeiramente, peço desculpas pela ausência ao longo destes últimos anos, mas prometo que agora as coisas serão diferentes.

À minha orientadora, Sandra Lúcia, que me acolheu na UnB quando ainda era caloura. Obrigada por todos ensinamentos e oportunidades. Este Mestrado é fruto de toda pesquisa que desenvolvemos juntas desde os tempos da Iniciação Científica.

Agradeço ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas pela grande oportunidade.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pelo suporte financeiro, sem o qual não seria possível realizar esta pesquisa.

ἤκιστα δὴ ἄξιος ὢν τῶν γε ἐπ' ἐμοῦ Ἑλλήνων ἐς τοῦτο  
δυστυχίας ἀφικέσθαι διὰ τὴν πᾶσαν ἐς ἀρετὴν νενομισμένην  
ἐπιτήδευσιν.

Sendo ele [Nícias], dentre os Helenos do meu tempo, o que  
menos merecia chegar a tal destino, por ter deixado girar toda  
a sua existência pelos mandamentos da virtude.

(*Thuc.* 7.86.5)

## RESUMO

MELO, E. A. **A Prudência de Nícias:** Estudo acerca do *Éthos* de Nícias em Tucídides e em Plutarco. 2016. 104 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como o historiador Tucídides e o biógrafo Plutarco, em suas respectivas obras, *História da Guerra do Peloponeso* e *Vida de Nícias*, apresentam o caráter de Nícias, um general ateniense que, devido às suas ações, não foi bem-sucedido na expedição à Sicília. A análise do caráter desse personagem irá concentrar-se nas narrativas de ambos os autores e nos discursos oratórios que Tucídides atribui a Nícias. Dessa forma, para a análise do caráter do referido personagem, faz-se necessária a leitura de duas obras, a *Retórica*, de Aristóteles, e o diálogo *Do Orador*, de Cícero, visto que ambos os autores trazem duas concepções diferentes a respeito do caráter do orador: o primeiro defende que o caráter é construído por meio do discurso, enquanto o segundo, por meio da reputação do indivíduo. A partir da leitura de Tucídides e de Plutarco, verifica-se que a prudência é a característica principal de Nícias, porém, há outras que derivam desta, como a desconfiança, a necessidade de segurança e a lentidão para executar uma ação. Portanto, nesta pesquisa, será apresentado como cada um desses autores escreveu acerca do caráter de Nícias, tendo em vista que eles abordaram alguns aspectos de maneira distinta, como a prudência, ou mais detalhada, como a riqueza.

Palavras-Chave: Historiografia Antiga; Biografia Antiga; Tucídides; Plutarco; Retórica; *Éthos*.



## ABSTRACT

MELO, E. A. **The Nicias' Caution:** a Research about Nicias' *Éthos* on Thucydides and Plutarch. 2016. 104 p. Thesis (Masters) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

The purpose of this research aims to analyze how Thucydides and Plutarch represent Nicias' character on their respective works: *History of the Peloponnesian War* and *Life of Nicias*. Nicias was an Athenian general, which had a dominant trait of caution and because of his attribute he was not very successful at the expedition to Sicilia. The analysis of Nicias' character will be concentrated on the narratives of both authors and on the Thucydides' speeches assigned to Nicias. In order to a correct analysis of aspects from Nicias' character, the studies of two main works are necessary. These are: Aristotle's *Rhetoric* and Cicero's *De Oratore*. Both authors introduce two different conceptions about the orator's character: the first one argues the *éthos* is conceived through the speeches, and the second one believes that character is the result of the reputation. After reading Thucydides' and Plutarch's works, it's possible to infer that caution is the main character of Nicias, and this feature conceives other attributes as the distrust, the need for security and the delay to act. Therefore, this research expects to present an analysis about how the authors approach Nicias's character since they have written different lines of analysis mostly about caution or with some details, such as wealth.

Keywords: Ancient Historiography; Ancient Biography; Thucydides; Plutarch; Rhetoric; *Éthos*.

## LISTA DE ABREVIATURAS<sup>1</sup>

<b>Alc.</b>	<i>Vida de Alcibíades</i> (Plutarco)
<b>Alex.</b>	<i>Vida de Alexandre</i> (Plutarco)
<b>Const. Lac.</b>	<i>A República dos Lacedemônios</i> (Xenofonte)
<b>Dem.</b>	<i>Vida de Demóstenes</i> (Plutarco)
<b>De Orat.</b>	<i>Do Orador</i> (Cícero)
<b>De Super.</b>	<i>Sobre a Superstição</i> (Plutarco)
<b>Il.</b>	<i>Ilíada</i> (Homero)
<b>Inst.</b>	<i>Instituições Oratórias</i> (Quintiliano)
<b>L. 7.</b>	<i>Carta VII</i> (Platão)
<b>Kn.</b>	<i>Os Cavaleiros</i> (Aristófanes)
<b>Nic.</b>	<i>Vida de Nícias</i> (Plutarco)
<b>Nic. Eth.</b>	<i>Ética a Nicômaco</i> (Aristóteles)
<b>Pers.</b>	<i>Os Persas</i> (Ésquilo)
<b>Plb.</b>	<i>História</i> (Políbio)
<b>Pomp.</b>	<i>Carta a Pompeu Gêmino</i> (Dionísio de Halicarnasso)
<b>Rh.</b>	<i>Retórica</i> (Aristóteles)
<b>Hist. Conscr.</b>	<i>Como se Deve Escrever a História</i> (Luciano de Samósata)
<b>Th.</b>	<i>Sobre Tucídides</i> (Dionísio de Halicarnasso)
<b>Thuc.</b>	<i>História da Guerra do Peloponeso</i> (Tucídides)

---

<sup>1</sup> Abreviaturas de obras baseada no site <<http://www.perseus.tufts.edu/>>.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTORIOGRAFIA E DA BIOGRAFIA ANTIGAS</b> .....	14
1.1 CARACTERÍSTICAS E METODOLOGIA DA HISTORIOGRAFIA E DA BIOGRAFIA .....	15
1.1.1 Considerações acerca da Historiografia e da Biografia Antigas: Origens e Características Principais .....	15
1.1.1.2 A Investigação na Biografia .....	23
1.1.2. A Metodologia de Pesquisa na Historiografia Moderna .....	26
1.2 A RETÓRICA COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DA HISTÓRIA E DA BIOGRAFIA .....	30
1.2.1 A Retórica na Historiografia.....	31
1.2.1.2 Algumas Reflexões acerca da Retórica na Historiografia de um ponto de Vista Moderno .....	36
1.2.2 A Retórica na Biografia.....	39
1.3. AS FALAS DE PERSONAGENS .....	41
<b>2 O ÉTHOS DE NÍCIAS EM TUCÍDIDES</b> .....	46
2.1 AS DELIBERAÇÕES DE NÍCIAS .....	47
2.1.1 O <i>Éthos</i> de Nícias na Narrativa de Tucídides.....	49
2.1.1.1 Os Verbos <i>παραινέω</i> e <i>λέγω</i> .....	51
2.1.2 O <i>Éthos</i> em Relação à Maturidade dos Personagens.....	53
2.1.3 A Preocupação em relação ao Corpo e às Posses .....	57
2.1.4 O <i>Éthos</i> que não Persuadiu .....	61
2.2 AS EXORTAÇÕES DE NÍCIAS .....	64
2.2.1 A Experiência de Nícias em Guerras.....	66
2.2.2 O <i>Éthos</i> da Superioridade .....	69
<b>3 A RECEPÇÃO DE NÍCIAS EM PLUTARCO</b> .....	74
3.1 AS FONTES DE PLUTARCO NA <i>VIDA DE NÍCIAS</i> .....	74
3.2 A PRUDÊNCIA DE NÍCIAS.....	77
3.3 A MATURIDADE DE NÍCIAS .....	85
3.3 A GENEALOGIA DE NÍCIAS.....	87
3.4 A RIQUEZA DE NÍCIAS .....	89

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>98</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo apresentar traços do caráter de Nícias, que foi um dos comandantes da expedição à Sicília, narrada nos livros 6 e 7 da *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides (séc. IV a.C.), cuja vida foi posteriormente objeto da atenção de Plutarco (séc. I d.C.) na *Vida de Nícias*.

Para tanto, será analisado como Tucídides constrói o caráter de Nícias, seja por meio de sua própria narrativa ou dos discursos retóricos que atribuiu ao personagem em questão. Por conseguinte, será analisado como Plutarco apresenta o caráter de Nícias em sua biografia, de modo a identificar semelhanças e/ou diferenças com a representação de Tucídides, visto que o biógrafo declara, no início da *Vida de Nícias*, que lera o historiador para a composição dessa biografia.

Primeiramente, para chegar a esse objetivo, convém esclarecer alguns aspectos em torno da historiografia e da biografia antigas antes de apresentar as análises. Desse modo, no primeiro capítulo desta pesquisa, serão elucidadas algumas reflexões a respeito desses gêneros, como, por exemplo, suas principais características, bem como suas origens e seus objetivos mais relevantes. Entretanto, o foco deste trabalho não é reincidir sobre as diferenças desses gêneros, mas sobre suas semelhanças. Dentre estas, destacam-se a metodologia de pesquisa e a forma pela qual o texto é constituído, pois ambos os textos, o de Tucídides e o de Plutarco, recorrem à arte retórica para suas respectivas composições, seja para ornamentá-las, seja para persuadir os seus leitores/ouvintes.

A retórica na historiografia e na biografia será o ponto crucial desta pesquisa, pois, apesar de ser tratada como um assunto controverso tanto na antiguidade quanto na modernidade (visto que ela toca no estatuto da verdade desses gêneros), todas as análises em torno do caráter de Nícias giram em torno dessa arte. Portanto, ainda no primeiro capítulo, serão apresentadas algumas reflexões antigas e modernas a respeito da retórica nos gêneros historiográfico e biográfico, tanto na antiguidade quanto na modernidade, não levando em conta se determinado evento ocorreu de fato ou não, ou seja, a retórica será analisada somente como instrumento para fins de persuasão e de análise de caráter.

Tendo em vista essas considerações, no segundo capítulo, será apresentado como Tucídides representa o caráter de Nícias em sua historiografia. Apesar de a descrição de

detalhes individuais não ser recorrente nesse tipo de texto, é possível identificar, por meio da retórica, alguns traços individuais na obra tucidideana, como o caráter, por exemplo. Dessa maneira, as reflexões acerca da retórica terão como base teórica a *Retórica*, de Aristóteles, e o diálogo *Do Orador*, de Cícero, pois ambas trazem concepções diferentes a respeito do caráter: por um lado, Aristóteles defende que o caráter do orador é construído a partir dos discursos, enquanto Cícero, por sua vez, argumenta que o caráter do indivíduo é fruto de reputação adquirida em vida. Assim, essas duas noções podem ser encontradas na *História da Guerra do Peloponeso*, visto que o caráter de Nícias pode aparecer tanto nas narrativas que Tucídides faz antes de introduzir os discursos, uma vez que há características que o autor confere ao personagem, quanto nos próprios discursos que foram atribuídos a este. Durante a análise, verificar-se-á que o caráter predominante de Nícias é a prudência, e, a partir desta, serão especificados os aspectos predominantes desse comportamento do personagem. Além disso, serão trabalhadas outras características do caráter que Nícias apresenta, como a superioridade em relação ao outro. Dessa forma, será com base nesses aspectos que a análise do caráter de Nícias será apresentada.

No terceiro capítulo, por fim, o caráter de Nícias será analisado por meio da recepção que Plutarco teve de sua leitura da obra de Tucídides. Dessa forma, será observado se o caráter que o historiador transmite desse personagem corresponde ao que Plutarco descreve na sua biografia, levando-se em conta que este também teve contato com a leitura de outros autores, ou seja, é possível haver algumas diferenças. Além disso, visto que um dos objetivos da biografia antiga é avaliar o caráter do indivíduo, serão observadas, também, as reflexões que Plutarco tece a respeito de seu biografado.

Por último, nas considerações finais, estarão descritas, em conjunto, as conclusões referentes às considerações a respeito da história e da biografia antigas e às análises do caráter de Nícias nos textos antigos estudados, apresentando semelhanças e diferenças observadas em cada um dos autores e sintetizando, por fim, todos os objetivos alcançados nesta pesquisa.

## 1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTORIOGRAFIA E DA BIOGRAFIA ANTIGAS

A historiografia e a biografia antigas, apesar de suas diferenças quanto ao tipo de assunto abordado – na primeira, eram encontrados relatos de cunho político-militar, e, na segunda, era narrada a história da vida de um determinado indivíduo –, são gêneros que compartilham algumas características semelhantes, como a metodologia de pesquisa e de escrita, uma vez que, neles, são evidentes as fontes de pesquisa, as seleções e as críticas.

Além da semelhança em relação à metodologia, o historiador e o biógrafo utilizam a retórica como recurso para a construção de seus textos e para persuadir o seu leitor/ouvinte. No texto biográfico, por exemplo, há *tópoi* que podemos encontrar nos discursos retóricos do gênero epidíctico, como a genealogia, a educação, as ações feitas em vida e a morte do indivíduo em questão, e, além disso, podem ser verificados traços subjetivos do biógrafo, defendendo o biografado, seja por meio de elogios ou por meio de censuras aos seus antagonistas. No texto historiográfico, porém, a retórica não aparece de modo tão semelhante ao da biografia, visto que os assuntos abordados são diferentes. A retórica, no gênero historiográfico, pode estar tanto na construção dos argumentos, de modo a ornamentar o texto ou a convencer seu leitor de que o que se está contando é verdadeiro, quanto nas marcas de subjetividade do historiador, como no uso de adjetivos.

Ademais, a retórica na historiografia não aparece somente na construção dos argumentos e nas intervenções do historiador, mas também na reconstituição de discursos diretos. Na *História da Guerra do Peloponeso*, escrita por Tucídides, por exemplo, há várias transcrições de discursos que teriam sido ditos por participantes da guerra, e, nesses discursos, podemos identificar alguns recursos retóricos que foram utilizados para sua construção, como o *éthos* que o orador constrói ao longo de seus discursos (este aspecto será analisado com mais precisão no capítulo 2 deste trabalho). Além disso, é importante ressaltar que as transcrições de falas são tema de discussão desde a historiografia antiga até a moderna, visto que elas tocam em um assunto pertinente no que concerne ao estatuto da verdade que visa o historiador, uma vez que elas exigem dele um trabalho de interpretação.

Neste capítulo, então, pretende-se explicar como a retórica aparece nos gêneros historiográfico e biográfico antigos, com enfoque maior no primeiro, visto que há várias discussões em torno da retórica nesse gênero. Para tanto, serão apresentadas algumas características gerais da historiografia e da biografia antigas, bem como algumas observações

sobre suas origens e metodologia. Além disso, será explicado como a retórica está presente em ambos os gêneros, contextualizando discussões, tanto na Antiguidade quanto na Modernidade, de tal modo que verificar-se-á que as considerações acerca da escrita e da retórica não mudaram consideravelmente, principalmente em relação ao gênero historiográfico. Por fim, será introduzida a questão dos discursos transcritos na *História da Guerra do Peloponeso* como exemplo de uso de recursos retóricos na historiografia, visto que eles contêm elementos retóricos e caráter interpretativo.

## **1.1 CARACTERÍSTICAS E METODOLOGIA DA HISTORIOGRAFIA E DA BIOGRAFIA**

### **1.1.1 Considerações acerca da Historiografia e da Biografia Antigas: Origens e Características Principais**

Em relação à origem da historiografia antiga, é importante ressaltar que há várias discussões a respeito disso. Segundo Momigliano (1998), devido à longa tradição de poesia épica que havia na Grécia Antiga, Homero e outros poetas, como Simonides e Xenófanos, foram considerados como percussores dos historiadores, pois eles narravam sobre guerras e fundações das cidades gregas. Entretanto, de acordo com o autor, tanto os gregos quanto os romanos sabiam a distinção entre a história e a poesia épica, visto que a distinção entre elas estava no fato de a história ser escrita em prosa e ter como objetivo separar os fatos das fantasias sobre o passado.

Dessa forma, um dos critérios utilizados para diferenciar a história de escritos anteriores é o assunto a ser abordado, porém não é somente essa a diferença que determina a origem desse gênero, mas também a forma pela qual ele está disposto ao seu leitor/ouvinte, que tem relevância igualmente para fins de classificação. Para tanto, convém apresentar algumas considerações acerca da origem da historiografia e identificar alguns fatores que determinaram a origem de ambos os gêneros, historiografia e biografia.

Cícero (séc. I a.C.) considera Heródoto, que escreveu por volta de 445-425 a.C., como o “pai da história”, e, segundo Momigliano (1998), foi com Heródoto que o termo *ιστορία*



passou a ser utilizado como nome genérico para “inquerito”<sup>2</sup>. Heródoto, por sua vez, cita Hecateu de Mileto como seu predecessor, porém distancia-se deste, chamando-o de λογοποιός (contador de histórias) (HARTOG, 2001).<sup>3</sup>

No século IV a.C., o termo ἱστορία continua sendo utilizado com o significado dado por Heródoto, a saber, “uma pesquisa específica de acontecimentos passados” (MOMIGLIANO, 1998, p. 184). Apesar de os três componentes do inquerito de Heródoto – a etnografia, a pesquisa constitucional e a história bélica – não permanecerem vinculados em autores posteriores, como, por exemplo, em Tucídides – que excluiu a etnografia –, Heródoto foi quem deixou aos historiadores o princípio do texto histórico: a explicação dos eventos que eram relatados.

Durante o século V a.C., havia também os cronistas locais.<sup>4</sup> Dionísio de Halicarnasso, na sua obra *Sobre Tucídides*,<sup>5</sup> relata que os primeiros registros historiográficos gregos surgiram, primeiramente, sob a forma de histórias locais ou regionais, que tinham como objetivo levar ao conhecimento de todos as lembranças conservadas por cada povo e cidade. Nesses escritos, havia alguns mitos, além de peripécias teatrais, e, quanto ao estilo, esses textos utilizavam os mesmos recursos linguísticos, como a linguagem clara, comum e breve, não apresentando nenhuma preocupação técnica (*Th.* 5. 2-4). Contudo, Momigliano (1998) ressalta que as crônicas locais não eram consideradas textos historiográficos justamente devido aos temas que abordavam, pois a comunidade para a qual o historiador deveria se dirigir era a da Grécia como um todo, e não a de uma cidade em particular. Deste modo, a história e as crônicas locais se diferenciavam por causa dos assuntos que tratavam, pois, enquanto a história grega relatava, principalmente, eventos políticos e militares, as crônicas locais, por sua vez, eram

---

<sup>2</sup> Segundo Hartog (2001, p. 50-51), o termo ἱστορία designará tanto a ação de quem ἱστορεῖ, quanto um método. A investigação, de acordo com o autor, pode ser uma atividade de um “investigador-viajante”, como faz Demócrito, ou uma investigação de tipo judiciário. Além disso, médicos e tragediógrafos também fazem o uso da investigação, bem como Heródoto faz dela a palavra-chave de todo o seu empreendimento. Quanto à etimologia da palavra ἱστορία, ela é formada a partir do verbo ἱστορεῖν, que, por sua vez, é derivado de ἵστωρ (juiz, testemunha), referindo-se etimologicamente ao verbo εἶδω (ἰδεῖν – no infinitivo – e οἶδα – no perfeito do indicativo). De acordo com o autor, quando Heródoto escreve “Ἡροδότου Ἀλικαρνησέως ἱστορίας” (*Hdt.* 1,1), significa que ele não é um ἵστωρ, que somente “conhece ou julga”, pois ele não está decidindo uma querela, mas que ele é aquele que ἱστορεῖ, ou seja, que está reivindicando um lugar para seu saber, saber este que ainda está em construção. Desta forma, para “ver” (ἰδεῖν), é necessário se arriscar e aprender a ver, seja recolhendo testemunhas, reunindo as diferentes versões etc.

<sup>3</sup> Segundo Momigliano (1998, p. 183), Hecateu de Mileto teria tentado colocar ordem e “racionalidade” nas genealogias míticas gregas, além de ter escrito uma narrativa na qual ele discutia geografia e etnologia. Segundo Hartog (2001, p. 41), das obras escritas por Hecateu de Mileto, sobreviveu somente o *Percurso da Terra Habitada* (em dois livros: Europa e Ásia); as *Genealogias* estão perdidas.

<sup>4</sup> Segundo Momigliano (1998, p. 183), os cronistas locais eram um grupo reduzido de escritores de biografias e autobiografias, como Sila de Carianda e Íon do Quios; de estudantes de cronologia, como Hípias de Élide; de pesquisadores de história literária, como Teágenes de Régio e Damastes de Sigeum; e, por fim, de historiadores locais e regionais, como Cáron de Lâmpsaco e Antíoco de Siracusa.

<sup>5</sup> Halicarnasso *apud* Hartog (2001, p. 162-163).

textos sobre genealogias, fundações de cidades, festivais, rituais, leis, costumes, entre outros. Foi somente na Renascença que esses aspectos foram classificados como “antiguidades”, visto que tratavam de assuntos históricos que não estavam nos moldes de Heródoto e de Tucídides, ou seja, não tinham como foco a política e a guerra (MOMIGLIANO, 1998).

Entretanto, convém mencionar as considerações de Gentili e Cerri (1988) quanto ao tratamento desses tipos de história. Segundo esses autores, deve-se ter em vista que há duas noções que estão intimamente ligadas a dois tipos de concepção de história: a primeira, que pode ser entendida como uma série de eventos políticos isolados – concepção definida por Momigliano –, e a segunda, que pode ser considerada uma antropologia que envolve todos os aspectos da vida humana. A título de exemplo do segundo tipo, eles citam a *Carta a Pompeu Gêmino*, escrita por Dionísio de Halicarnasso, pois, nela, ele descreve as qualidades do trabalho historiográfico de Teopompo, o qual, além de ver e dizer não somente o visível para a maioria das pessoas, consegue examinar a fundo as causas, as motivações e afeições da alma, que estão por trás das ações, bem como mostrar as virtudes e os vícios dos autores (*Pomp.* 6.6-7).<sup>6</sup> Dessa maneira, a narrativa que abrange as fundações das cidades, as vidas dos reis, as caracterizações psicológicas e as descrições das regiões e dos costumes seria o que Dionísio denomina “narrativa polimórfica” do historiador (GENTILI; CERRI, 1988, p. 63). Todos esses aspectos, nesse caso, seriam partes indispensáveis para a narrativa histórica.

Ademais, segundo Momigliano (1998), há outro aspecto que diferenciava a crônica local do texto histórico, pois a primeira continha excessos de elogios e acusações, que são provenientes da retórica epidíctica, desviando-se, assim, de um dos objetivos cruciais da história: a busca pela verdade. Portanto, para o autor, um dos fatores para não se conferir à crônica local o caráter de texto historiográfico, bem como não atribuir a origem da historiografia a ela, deve-se ao fato de o cronista utilizar-se de recursos retóricos, que são predominantes na retórica epidíctica.

Entretanto, em relação à busca pela verdade ou pelo provável, a historiografia é levada à esfera da arte retórica, particularmente à da oratória forense (GENTILI; CERRI, 1988). Argumentam Gentili e Cerri que o historiador, da mesma forma que o orador, deveria reconstruir os desdobramentos dos eventos com base nas testemunhas e evidências, a fim de conferir credibilidade ao seu texto. Dessa maneira, o uso da retórica se fazia importante para a reconstituição do texto historiográfico, visto que ela auxiliaria no processo de construção dos

---

<sup>6</sup> Halicarnasso *apud* Hartog (2001. p. 97).

argumentos selecionados pelo historiador, de modo a convencer seu leitor/ouvinte de que aquilo era verdadeiro.

Ainda acerca da utilização da retórica no texto historiográfico, convém apresentar as considerações de Cícero (séc. I a.C.), a título de exemplo, a respeito da composição do gênero historiográfico. Na sua obra *Do Orador*, ele apresenta, dentre vários assuntos, um diálogo acerca da escrita da História, precisamente da romana (*De Orat.* II, 51-53), e, nesse diálogo, Antônio pergunta a Cátulo se a História era digna de ser escrita por um orador ou por outro tipo de homem. Cátulo, por sua vez, responde-lhe que, se ela fosse escrita aos moldes gregos, seria tarefa para um homem elevado; porém, se fosse escrita da forma pela qual os seus contemporâneos escreviam, não haveria a necessidade de ser relatada por um orador, desde que não escrevesse mentiras. Após essas considerações de Cátulo, Antônio responde-lhe da seguinte maneira:

51. [...] para que não desprezes os nossos escritores, os próprios gregos, de início, também escreveram à maneira de nosso Catão, de Pictor, de Pisão. 52. De fato, a história não era outra coisa senão a redação de anais, para cuja preservação, assim como a das tradições públicas, o pontífice máximo, desde o início da história romana até o pontificado de Públio Múcio, confiava à escrita todos os detalhes de cada ano, levando-os ao registro oficial e expondo a lista em sua casa, para que o povo dela pudesse tomar conhecimento: eles que ainda hoje são denominados *anais máximos*. 53. Muitos imitaram essa escrita monótona, deixando sem qualquer ornamento, apenas os registros de épocas, homens, lugares, feitos. Desse modo, tal como Ferécides, Helânico, Acusilau e muitos outros, entre os gregos, assim o foram o nosso Catão, Pictor e Pisão, que não dominam os meios com que se orna o discurso.<sup>7</sup>

A partir dessa passagem, verifica-se que há uma crítica em relação à escrita da história em Roma. Na historiografia romana, provavelmente, não haveria elementos retóricos na composição do discurso, e, devido a isso, dispensava-se a sua escrita por um orador, cabendo ao historiador somente dizer a verdade. Entretanto, é interessante observar que Antônio argumenta que a historiografia grega, no início, não era escrita com o ornamento retórico, resumindo-se apenas a um registro de épocas, homens, lugares e feitos. Segundo Hartog (2011), a historiografia romana era proveniente dos anais, que eram crônicas escritas pelo pontífice máximo, que inscrevia, numa tábua feita de cal, os acontecimentos do ano e afixava em sua casa. Nessas tábuas, ele escrevia sobre as vitórias, as calamidades, os prodígios, ou seja, essas inscrições feitas pelo pontífice eram consideradas elementos de uma história, pois eram acontecimentos que a cidade teria escolhido para memorizar.

---

<sup>7</sup> Tradução de Adriano Scatolin (2009).

Dessa forma, verifica-se que já havia discussões acerca da utilização da retórica como instrumento que auxiliaria na reconstrução do texto historiográfico. Além disso, infere-se desse trecho que haveria, em algum período da Grécia Antiga, uma forma de escrever história de modo mais simples, visto que não continha aspectos retóricos na construção dos argumentos. Por fim, é interessante observar as características que norteavam esses textos antigos, uma vez que discutiam a respeito de assuntos predominantes na crônica local, na historiografia e na biografia também (registros de épocas, homens, lugares, feitos).

Gribble (1998, p. 42), em seu artigo *Narrator Interventions in Thucydides*, argumenta que a “narrativa objetiva”, que é a narrativa predominantemente escrita em terceira pessoa, está eminentemente adequada à historiografia, principalmente àquela que se preocupa em passar a impressão de que os eventos são verídicos. Dessa forma, com a ausência de um narrador em primeira pessoa, a experiência em relação à leitura se dá de forma mais direta e fiel. No caso de Tucídides, há o predomínio da narração em terceira pessoa, mas há também passagens nas quais podemos verificar a primeira pessoa, ou seja, por meio de suas intervenções, ele cria um tipo de retórica.<sup>8</sup>

Portanto, quanto à origem do gênero historiográfico, verifica-se que seu começo não se dá exclusivamente a partir de Heródoto, pois já existiam as crônicas locais, nas quais eram relatadas histórias sobre as fundações das cidades, os costumes, a religião, entre outros aspectos, e os anais, que abordavam assuntos semelhantes aos da crônica, mas escritos de modo mais simples, sem recursos retóricos. Quanto ao uso da retórica, ela não pode ser um elemento crucial que exclua o caráter historiográfico das crônicas locais. Apesar de este gênero conter aspectos da retórica epidíctica, como elogios e/ou acusações, não se pode perder de vista que os textos considerados historiográficos na Antiguidade eram textos compostos com o auxílio da retórica, principalmente no que concerne à elaboração dos argumentos. Quanto a esse aspecto, ele será abordado de maneira mais aprofundada na seção “1.2.1 A Retórica na Historiografia”, onde serão apresentados alguns aspectos retóricos de textos historiográficos. Portanto, a crônica local e a história antigas poderiam se diferenciar quanto ao assunto abordado, o que não justifica desqualificar-se a primeira devido à predominância de elementos da retórica epidíctica, supostamente desviando-se da verdade, visto que a retórica está presente tanto na crônica quanto na prosa historiográfica propriamente dita.

---

<sup>8</sup> Dentre as intervenções da narrativa de Tucídides, Gribble (1998, p. 47) destaca o uso da primeira pessoa, referência a um leitor implícito (τίς), saltos no tempo, como retrojeções, antecipações ou anacronismos com uma definição vaga, e o uso de superlativos.

Quanto à biografia, há várias considerações acerca de sua origem. Segundo Osley (1946), a *Odisseia* de Homero pode ser considerada como um fragmento considerável de uma biografia escrita em versos. Para Momigliano (1986), havia tentativas de escrita desse gênero no século V a.C.<sup>9</sup> No século IV a.C., Isócrates e Xenofonte escreveram biografias de cunho encomiástico:<sup>10</sup> em *Evágoras*, Isócrates combinou o relato das ações do homem com o louvor do seu caráter, indicando as suas virtudes, e, em *Agésilau*, Xenofonte, após narrar as ações do rei, enumerava as suas virtudes (OSLEY. 1946).<sup>11</sup> Por fim, Whitmarsh (2005) argumenta que, na historiografia grega, já havia elementos biográficos<sup>12</sup> e que, no século IV a.C., existiam biografias, mas elas não estavam completamente estabelecidas, como a *Ciropédia*, de Xenofonte, e a *Filípica*, de Teopompo.

Entretanto, de acordo com Ipiranga Junior (2014), a produção biográfica helenística até o século II a.C. se apresenta de forma fragmentária,<sup>13</sup> não permitindo uma classificação segura desse gênero. Somente durante o século I a.C. que surgem os primeiros *bíoi*, como a coleção de vidas de Cornélio Nepos, além dos fragmentos da *Vida de Augusto*<sup>14</sup> e de um relato autobiográfico,<sup>15</sup> ambos de autoria de Nicolau de Damasco. Segundo Rocha (2014), apesar de a *Vida de Augusto* encontrar-se de forma fragmentária, é possível identificar uma unidade

<sup>9</sup> Momigliano (1986, p.23) cita o estudo de Homeyer (1965) que apresenta que podem ser encontrados registros biográficos nos escritos de Heródoto. Além disso, qualquer relato, seja em verso ou em prosa, que exponha alguma narrativa acerca de um indivíduo, poderia ser considerada uma elaboração biográfica. Momigliano (1986, p. 36) apresenta alguns fatores que podem ter contribuído para a criação da biografia, como as orações fúnebres e as árvores genealógicas.

<sup>10</sup> Segundo Whitmarsh (2005, p.75), as obras *Agésilau* e *Evágoras* narravam sobre a vida de indivíduos, mas elas não seriam consideradas biografias no sentido de “relatos completos das vidas de homens”; seriam um encômio de louvor. Para Hägg e Rousseau (2000), atualmente a biografia – termo diferente de *bios*, utilizado na antiguidade para referência ao gênero biográfico – remete a um conceito amplo, que abrange o panegírico como uma de suas formas de escrita. Entretanto, historicamente falando, a biografia e o panegírico constituíam gêneros diferentes: por exemplo, a obra *Evágoras* era considerada um panegírico “puro”, uma vez que era baseada em discursos epidícticos. A retórica permitia a esse gênero um grande número de *tópoi* e estratégias. A biografia, por outro lado, era um produto livresco, mais versátil e, às vezes, se parecia com uma carta.

<sup>11</sup> Segundo Momigliano (1986), Xenofonte teria escrito a obra *Agésilau* duas vezes: uma do ponto de vista histórico e a outra do biográfico. Dessa forma, esses textos teriam contribuído para a distinção entre os gêneros historiográfico e biográfico, visto que, na biografia de *Agésilau*, predomina o elogio ao indivíduo.

<sup>12</sup> Segundo Momigliano (1998, p. 188), os textos biográficos não constituíam história, porém a história poderia conter pequenas narrações biográficas.

<sup>13</sup> Segundo Ipiranga Junior (2014, p. 123), foi descoberta, em 1912, uma *Vida de Eurípedes*, escrita por Sátiro, cujo fragmento, datado da segunda metade do século III a. C., se encontra mais ou menos completo. Gazzinelli (2014, p. 149), em seu estudo sobre a *Vida de Eurípedes*, nos revela que essa biografia apresenta aspectos referentes às práticas biográficas da escola aristotélica, além das convenções do gênero *bíos* no período helenístico. Segundo a autora, a *Vida de Eurípedes*, de Sátiro, foi escrita cuidadosamente e com explicitação das fontes, permitindo-nos avaliar a influência de textos literários, sejam trágicos ou cômicos, na narrativa.

<sup>14</sup> Segundo Rocha (2014), a *Vida de Augusto* retoma a tradição panegírica de Xenofonte e Isócrates. Ademais, esses fragmentos revelam a recorrência dos *tópoi* tradicionais do gênero *bíos*, como a genealogia do biografado, a educação e as narrativas de guerra.

<sup>15</sup> De acordo com Lafer (2014), Nicolau de Damasco, ao escrever sua autobiografia, preocupou-se em se distinguir dos *Commentari de vita sua* dos romanos, concentrando-se em suas informações familiares, educação e princípios éticos, com a finalidade de propor ao seu leitor um modelo de vida.

narrativa,<sup>16</sup> pois os quinze capítulos estão coesos e organizados cronologicamente. Contudo, segundo Ipiranga Junior (2014), é somente no século I d.C. que as narrativas de cunho biográfico e autobiográfico do período romano-helenístico aparecem com maior força, com os autores Plutarco, Suetônio e Luciano de Samósata, por exemplo.

A escassez de material biográfico entre os séculos V e II a.C., em Atenas, pode estar associada ao fato de que os Atenienses contemporâneos poderiam não ter interesse pela geração anterior. Segundo Momigliano (1986), é maior o material biográfico produzido na Ásia Menor durante esse período, pois era mais forte o interesse nessa região pelos detalhes biográficos, porém, em Atenas, observa-se certo desdém acerca dos detalhes pessoais. Essa falta de interesse por parte dos Atenienses desse período pode estar associada à indiferença aristocrática por esses detalhes, pois as circunstâncias privadas, que se tornavam públicas, eram exploradas por comediógrafos e oradores. Segundo Whitmarsh (2005), durante os três primeiros séculos do Império Romano – período denominado como a Segunda Sofística –, passou-se a ter uma nova ênfase sobre os indivíduos, tomando as suas obrigações primárias em termos de relação moral entre si mesmos, em vez de centralizá-las na sociedade, de forma geral.

A investigação histórica, por outro lado, segundo Momigliano (1986), adquiria mais influência em Atenas, pois ela se dava pela narração crítica dos acontecimentos políticos e militares, e não dos indivíduos. A sua metodologia, que tinha como expoente Heródoto, abordava os costumes, as instituições e as guerras, além da explicação dos eventos relatados (MOMIGLIANO, 1998). Barreira (2001, p. 193), por sua vez, destaca que a historiografia, tanto a grega quanto a romana, tratava de assuntos político-militares basicamente. A história se tornou um gênero inseparável de exercício e de reflexão sobre o poder (ἀρχή), e, portanto, a historiografia estava direcionada aos homens que viviam na cidade e que estavam inseridos num contexto político em que a oratória tinha função importante nas arenas judiciais e políticas. Dessa forma, a historiografia era um instrumento que auxiliaria na oratória, uma vez que os fatos descritos nos discursos deveriam ser introduzidos de forma cautelosa. Convém, por oportuno, ressaltar que Aristóteles, em sua *Retórica* (1360a18-35), apresenta a história como instrumento por meio do qual se pode encontrar matéria para deliberar sobre alguns assuntos, como a legislação. Para o filósofo, para legislar, é útil tanto estudar a história passada do próprio Estado, a fim de verificar que forma de governo é desejável a ele, quanto conhecer as formas de governo vigentes em outros Estados.

---

<sup>16</sup> Rocha (2014) identifica somente um problema de continuidade na passagem do capítulo 12 ao 13, pois ocorre prejuízo quanto ao sentido, uma vez que se trata de uma grande lacuna entre dois fragmentos.

Entretanto, é necessário fazer uma ressalva em relação à narração crítica da historiografia, baseada em acontecimentos políticos e militares, assuntos estes que se encontram no âmbito da coletividade. Apesar de predominar, na historiografia antiga, assuntos de cunho político-militar, é possível identificar algumas características de indivíduos que agem para os eventos acontecerem. Dessa forma, pode não ser o foco da historiografia tratar de indivíduos, porém isso não impede que traços de individualidade possam ser encontrados nesse tipo de texto.

Na *História da Guerra do Peloponeso*, por exemplo, Gribble (2006) enumera que há três características que definem os indivíduos em Tucídides: a primeira é a ausência de detalhes pessoais ou privados, pois somente encontraremos detalhes da vida pública do indivíduo; a segunda é a falta do desenvolvimento de uma história completa dos indivíduos; e, por fim, a terceira é a ausência de aspectos morais na representação do indivíduo, porém esses aspectos podem ser encontrados nos indivíduos políticos. Entretanto, segundo o autor, nem todos os indivíduos são tratados da mesma maneira. A título de exemplo, a atribuição de falas é uma técnica da narrativa de Tucídides que está relacionada com o papel do indivíduo nas reais condições da vida política ateniense do século V a.C.. Alcibíades e Nícias, por exemplo, representam a divisão de opinião, por meio de seus discursos, que será recorrente durante toda a narrativa da expedição à Sicília. Isso corrobora o argumento de Kremmydas (2016), segundo o qual Tucídides molda seus personagens por meio de técnicas literárias nas quais se incluem descrições genéricas de caráter, como traços cívicos – se é Ateniense ou Espartano –, por exemplo.

Tendo em vista essas considerações acerca da temática com ênfase na coletividade, predominante na historiografia, e o foco na individualidade, na biografia, é preciso considerar também outro aspecto que diferencia esses gêneros. Visto que ambos os gêneros buscavam objetivos diferentes, seus leitores deveriam ter expectativas específicas ao lerem as obras de cunho biográfico ou historiográfico. Isso se verifica no prefácio da *Vida de Alexandre*, biografia escrita por Plutarco (*Alex.* 1.1-2):

As vidas do rei Alexandre e do César, que foi derrubado por Pompeu, escrevemos neste livro, e, devido ao grande número de ações já contadas, nenhuma outra coisa diremos de antemão e suplicamos [παραιτησόμεθα] aos estudiosos para não nos julgarem mal, se não podemos transmitir nem todas e nem cada uma das famosas ações de forma cuidadosa, mas resumimos a maior parte delas. [2] Pois não escrevemos histórias [ιστορίας γράφομεν], mas vidas [βίους], e nem, nas mais notáveis ações de todos os eventos, há uma explicação sobre virtudes e vícios, mas, muitas vezes, numa breve ação ou numa palavra ou na educação, alguém consegue fazer uma reflexão do caráter

[ἤθους], mais do que as batalhas nas quais muitos morreram e as maiores cidades sitiadas [conseguem fazê-lo].<sup>17</sup>

Nesse trecho inicial da *Vida de Alexandre*, nota-se a diferença entre os objetivos propostos pela biografia e pela historiografia, pois as ações mais famosas dos biografados, que estão no âmbito político-militar, não seriam o assunto principal abordado pelo biógrafo, pois nem sempre nelas seria encontrado o principal objeto de composição da biografia, a saber, o caráter (ἤθος) do indivíduo. Dessa forma, de acordo com Plutarco, não é somente dos grandes acontecimentos narrados pela historiografia que o biógrafo irá extrair o caráter do biografado, mas também de outras fontes, como nos relatos de falas ou no tipo de educação que seu personagem teve.

Portanto, depreende-se dessas considerações de Plutarco em relação à sua metodologia de pesquisa a possibilidade de obter aspectos do caráter de determinado indivíduo a partir de suas ações em batalhas, apesar de não ser tão eficiente quanto outros recursos, ou seja, há, sim, traços de individualidade nesses tipos de texto. Além disso, apesar de se autodenominar um biógrafo, Plutarco apresenta, ingenuamente ou não, outro aspecto que assemelha o texto biográfico ao historiográfico: a metodologia de pesquisa, que será vista na seção a seguir.

### 1.1.1.2 A Investigação na Biografia

O próêmio da *Vida de Alexandre* (*Plut. Alex.* 1.1-2), visto anteriormente, é utilizado por vários estudiosos<sup>18</sup> a fim de exemplificar a distinção entre os gêneros biográfico e historiográfico, uma vez que o próprio Plutarco se apresenta como biógrafo em seus trabalhos, ratificando as opiniões acerca das características e objetivos desses gêneros herdados desde o século V a.C. Na biografia, os leitores encontrariam assuntos referentes à educação e ao caráter dos biografados, enquanto que, ao lerem um texto de caráter histórico, eles encontrariam relatos de guerras e de reformas políticas (MOMIGLIANO, 1986).

<sup>17</sup> Todas as traduções das *Vida de Alexandre* são de responsabilidade da autora (2016). A tradução para português teve como base o texto grego da edição inglesa de Bernadotte Perrin (1919).

<sup>18</sup> Acerca da reprodução dessa introdução da *Vida de Alexandre*, cf. Momigliano. *História e Biografia*, 1998, p. 182; Gentili & Cerri. *History and Biography in Ancient Thought*, 1988, p.67; Funari. Introdução a Plutarco. In: *Vidas de César*, 2007, p. 132. Neste último, o autor prefere associar as *Vidas* à filosofia e não à história.



Ao levar em conta essa passagem da *Vida de Alexandre*, convém observar a recepção em relação à leitura de ambos os gêneros. Plutarco, ao desculpar-se (παραιτησόμεθα) com seus leitores por não abordar todas as ações e nem cada uma delas de forma cuidadosa, indica que talvez as expectativas de seus leitores pudessem confundir-se, pois as figuras de Alexandre e de César deveriam estar bastante vinculadas a textos de cunho historiográfico. Para tanto, Plutarco verifica a necessidade de distinguir a biografia da historiografia, demonstrando as intenções que busca apresentar no gênero biográfico, visto que os enfoques de ambos são diferentes. Segundo Titchener (1999), distinção não seria a palavra exata nessa situação, pois, na verdade, Plutarco estaria sendo defensivo quando pede aos seus leitores que não o julguem por algo que ele não pretende fazer. O mesmo ocorre no início da *Vida de Nícias*, quando ele expressa receio quanto às más interpretações de suas intenções, uma vez que ele está escrevendo sobre uma pessoa que aparece na narrativa de Tucídides (*Plut. Nic.* 1.1). Dessa forma, de acordo com a autora, quando Plutarco se impõe como biógrafo, uma vez que não escreve Histórias, ele se está se precavendo de ser comparado a um historiador.

De fato, a biografia possui temas e objetivos diferentes dos da historiografia, e, segundo Titchener (1999), as características de um gênero não são aplicadas necessariamente ao outro, principalmente em relação à verdade e à completude. Entretanto, é importante ressaltar que a metodologia utilizada para a composição de ambos os gêneros pode ser considerada a mesma, pois, quando os estudiosos diferenciam esses gêneros, eles não mencionam o caráter investigativo que está por trás da biografia. Ainda, a autora esclarece que a história depende da sutileza e das habilidades de escrita do historiador, cuja inspiração se dá a partir dos documentos, e a biografia, por sua vez, gira em torno da acumulação de vários eventos, que são mais suscetíveis à interpretação subjetiva, ou seja, a observação e a análise crítica se tornam aspectos essenciais. Dessa forma, a biografia apresenta metodologia semelhante à da história.

Ademais, segundo Silva (2006), após a leitura de todas as biografias plutarquianas, é possível identificar que a estrutura textual corresponde à de uma biografia, mas que, no seu conteúdo, pode ser observado que houve um trabalho de investigação e de reflexão que estão no âmbito do trabalho metodológico do historiador. A título de exemplo, na *Vida de Demóstenes*, Plutarco apresenta certa subjetividade quando seleciona alguns relatos (*Dem.* 5.6):

[Demóstenes] quis Iseu como professor de oratória – ainda que Isócrates tivesse tempo disponível naquele momento – ou [εἶτε] porque, como alguns dizem, ele não tinha as dez minas, devido sua orfandade, para pagar o valor

determinado a Isócrates, ou, melhor [εἶτε μᾶλλον], porque admitiu que a oratória de Iseu fosse eficaz e inteligente de acordo com sua necessidade.<sup>19</sup>

Nessa passagem, verifica-se duas possibilidades de relato, marcadas pelos advérbios εἶτε [...] εἶτε, que exigem do biógrafo uma escolha. Assim, podemos verificar que Plutarco, apesar de apresentar duas situações para um fato, demonstra preferência pela segunda, devido ao uso do comparativo μᾶλλον, que significa “melhor, muito, certamente”. Dessa forma, Plutarco revela que, na sua metodologia, houve subjetividade, uma escolha, que são aspectos inerentes também à construção da historiografia.

Em outro trecho da *Vida de Demóstenes*, verifica-se que Plutarco não faz uma escolha em um relato ou outro, mas ele desenvolve uma crítica acerca de uma de suas fontes (*Dem*, 4.2):

Porém, das coisas que o orador Ésquines fala [εἴρηκε] a respeito da mãe de Demóstenes, de que ela teria nascido de um tal Gilón, um homem que fugiu da cidade por causa de traição, e de uma mulher bárbara, não somos capazes de dizer se ele fala de forma verdadeira ou se está difamando e mentindo [οὐκ ἔχομεν εἰπεῖν εἴτ' ἄλητῶς εἴρηκεν εἶτε βλασφημῶν καὶ καταψευδόμενος].

Com base nas palavras de Ésquines, Plutarco demonstra incerteza quanto à verdade desse relato, visto que ele poderia estar difamando ou mentindo (βλασφημῶν καὶ καταψευδόμενος). As palavras ditas por Ésquines demonstram para o biógrafo certa incredibilidade, devido às desavenças que havia entre aquele e Demóstenes. Dessa forma, devido a essa inimizade entre eles, Plutarco consegue se posicionar criticamente em relação ao relato de Ésquines.

Na *Vida de Alexandre*, aparece novamente mais uma demonstração de que Plutarco fizera um trabalho de reflexão para a composição da biografia (*Alex*. 17.3):

A rapidez de seu avanço na Panfília deu motivo a que diversos historiadores [πολλοῖς [...] τῶν ἱστορικῶν] exagerassem os fatos e os convertessem em milagres, a fim de impressionar os espíritos. Narram eles que o mar, por favor divino, se retraiu diante de Alexandre, embora seja geralmente muito tempestuoso nessa costa perpetuamente batida pelas ondas e raramente deixa a descoberto as pontas dos recifes que cercam a margem, ao pé dos cumes escarpados das montanhas.

---

<sup>19</sup> Todas as traduções das *Vida de Demóstenes* são de responsabilidade da autora (2016). A tradução para português teve como base o texto grego da edição inglesa de Bernadotte Perrin (1919).

Após esse relato proveniente de historiadores (τῶν ἱστορικῶν), Plutarco expõe a outra versão do que aconteceu, dizendo que o próprio Alexandre escrevera em suas cartas o que realmente havia acontecido, e que este não mencionava nenhuma ocorrência divina: “Mas o próprio Alexandre, que não fala maravilhosamente em suas cartas sobre isso (αὐτὸς δὲ Ἀλέξανδρος ἐν ταῖς ἐπιστολαῖς οὐδὲν τοιοῦτον τερατευσάμενος), diz que abriu caminho na conhecida Escada e que a atravessou após ele ter saído de Fasélis” (*Plut. Alex.* 17.4). Essa passagem é interessante, pois, além de estar evidente o trabalho investigativo de Plutarco, ele consegue criticar o relato proveniente de historiadores, apresentando nada mais do que as cartas escritas pelo próprio Alexandre como prova, ou seja, o relato de Plutarco, obtido por vias não históricas, demonstra ser, para este, mais digno de confiança do que o de outros historiadores.

Portanto, tendo em vista esses exemplos de biografias plutarquianas, constata-se, de fato, que os assuntos abordados são diferentes na historiografia e na biografia antigas, visto que seus autores tinham objetivos distintos ao elaborá-las. Entretanto, apesar de grande parte dos estudos estar concentrada nessas diferenças, deve-se ter em mente que ambos os gêneros compartilham da mesma metodologia de pesquisa, ou seja, tanto o historiador quanto o biógrafo selecionam, criticam, analisam e interpretam suas fontes acerca de determinado evento/indivíduo.

Dessa forma, após verificar essas reflexões a respeito da historiografia e da biografia antigas, faz-se necessário observar agora como as características desses gêneros, principalmente da historiografia, permaneceram nos tempos modernos.

### **1.1.2. A Metodologia de Pesquisa na Historiografia Moderna**

Na Antiguidade, os recursos utilizados pelos historiadores variaram. De acordo com Grant (2005), a metodologia adotada por eles poderia ser bastante criteriosa ou não em relação à busca dos dados, podendo o historiador recorrer à probabilidade. Quanto à seleção dos fatos, esta não poderia ser completamente objetiva, ou seja, no processo de composição do texto histórico, poderia haver omissões, ênfases, escolhas pessoais e/ou distorções. Dessa forma, de acordo com o autor, não se pode ter uma verdade completa de qualquer historiador, principalmente do antigo.

De um ponto de vista moderno, a metodologia e o propósito da história não mudaram de forma significativa. Ricoeur (2007, p. 353) discute a respeito da filosofia literária

da história, na qual se questiona a diferença entre a história e a ficção, uma vez que ambas são narrativas sobre algo. Segundo o autor, a resposta clássica – que está definida na *Poética* aristotélica – de que a história narra o que aconteceu efetivamente não parece estar em conformidade com o que se encontra na forma narrativa. Surge, dessa maneira, uma aporia, que Ricoeur denomina "aporia da verdade em história", e esta consiste no fato de que os historiadores constroem narrativas diferentes e opostas a partir dos mesmos acontecimentos, ou os omitem, destacando outros etc.<sup>20</sup>

Para Veyne (2008), em relação à Antiguidade, os assuntos tratados pela história e pela biografia permanecem os mesmos. A história, segundo o autor, é uma narrativa de eventos vividos, e todo o resto resultará disso e não dos atores, ou seja, o material historiográfico se encontra nos acontecimentos, e não nos indivíduos. Dessa maneira, Veyne define que a experiência do historiador é a descoberta de um limite, sendo este limite o evento em si, e, dentro dessa limitação, o historiador deverá selecionar, simplificar, organizar, fazer com o que um século caiba numa página. Nesse caso, então, o evento em si será apreendido de uma maneira direta e completa, mas será sempre incompleta e lateralmente por meio de documentos, pois a narração histórica se situa além dos documentos, já que estes não podem ser o próprio evento.

O campo da história, segundo Veyne (2008), é indeterminado, mas há a necessidade de que tudo o que estiver sendo narrado nela tenha realmente acontecido. Para ele, não importa se o enredo seja denso ou pouco espesso, completo ou incompleto, ou seja, desde que tenha acontecido, é considerado texto histórico. Tendo em vista isso, ele cita as seguintes considerações de Lévi-Strauss<sup>21</sup> acerca da historiografia (*apud* VEYNE, 2008, p. 25):

A história é um conjunto descontínuo, formado por domínios, cada um deles definido por uma frequência própria. Existem épocas em que numerosos acontecimentos oferecem, aos olhos do historiador, os caracteres de eventos diferenciais; outras, ao contrário, em que para ele, aconteceram poucas coisas e, por vezes não aconteceu nada (a não ser, certamente, para os homens que viveram esses tempos) [...].

---

<sup>20</sup> Segundo Ricoeur (2007, p. 353), quando se trata de narração, deve-se levar em consideração que se pode contar de outra maneira, haja vista o caráter seletivo da composição e da intriga. Nesse processo, pode-se jogar com outros tipos de intriga e outras estratégias retóricas, além de escolher se se quer mostrar mais do que narrar.

<sup>21</sup> LÉVI-STRAUSS. *O Pensamento Selvagem*, 1966.

Verifica-se, nessas palavras de Lévi-Strauss, que os eventos históricos podem ser numerosos ou não a depender do olhar do historiador, pois, dependendo da época, ele pode identificar ter havido bastante material ou não para compor um texto historiográfico. Contudo, independentemente da quantidade de material disponível ao historiador, este estará submetido ao seu limite, ou seja, ele deve selecionar e organizar o seu texto, destacando alguns eventos, omitindo outros.

Além desses passos a serem seguidos, o historiador deverá recorrer à sua interpretação dos eventos. White (2001) esclarece que o historiador procura a explicação do que aconteceu no passado por meio de uma reconstrução precisa e minuciosa dos acontecimentos que foram registrados nos documentos. Além disso, ele argumenta que os teóricos da historiografia geralmente concordam a respeito de que todas as narrativas históricas contêm um elemento de interpretação inerente a elas. Segundo o autor, há duas formas de interpretação: a primeira acontece devido à grande quantidade de fatos que o historiador possa incluir na sua representação narrativa, e, conseqüentemente, ele deve “interpretar” os seus dados, excluindo outros que não sejam tão relevantes ao seu propósito;<sup>22</sup> a segunda ocorre quando há a falta de dados para a explicação de determinada ocorrência, necessitando o historiador “interpretar” o seu material, preenchendo as lacunas de informações a partir de inferências e especulações.

Segundo Ricoeur (2007), a reflexão da história a respeito do seu projeto de verdade está relacionada com a sua noção de interpretação.<sup>23</sup> O conhecimento histórico implica uma correlação entre subjetividade e objetividade, na medida em que o historiador relaciona o passado e o presente. Em relação à intervenção da subjetividade do historiador, já vista com o estudo de Gribble (1998), ela não é parasitária, mas constitui o conhecimento histórico. Além disso, a implicação subjetiva da história constitui a condição e o limite do conhecimento histórico (RICOEUR, 2007).

Tendo em vista essas considerações acerca do caráter seletivo e interpretativo da história, pode-se concluir que a historiografia moderna e a antiga não diferem uma da outra. Na *História da Guerra do Peloponeso*, por exemplo, podem ser observadas as seguintes considerações a respeito da investigação de Tucídides (*Thuc.* 1. 22, 1-2):

---

<sup>22</sup> White (2001, p. 71) cita a obra de Lévi-Strauss, *O Pensamento Selvagem* (1966), no qual ele menciona que os relatos históricos são interpretativos, ou seja, os fatos históricos não são dados ao historiador, mas são constituídos por ele. Dessa forma, uma vez que os fatos históricos são constituídos, eles são também escolhidos como elementos de uma narrativa. Por fim, diante disso, o historiador deverá escolher, destacar e recortar os fatos para fins narrativos.

<sup>23</sup> Para o Ricoeur (2007, p. 347-348), o conceito de interpretação da historiografia é amplo, visto que ele considera fraca a discussão que comumente é denominada “subjetividade *versus* objetividade na história”.

E quantas coisas muitos disseram nos discursos ou quando estavam prestes a entrar na guerra ou quando nelas já estavam, foi difícil lembrar com rigor as palavras que proferiram, quer para mim, quanto eu próprio as ouvi, como para outros que de outras fontes a mim as transmitiam [χαλεπὸν τὴν ἀκρίβειαν αὐτὴν τῶν λεχθέντων διαμνημονεῦσαι ἢ ἐμοὶ τε ὧν αὐτὸς ἤκουσα καὶ τοῖς ἄλλοθεν ποθεν ἐμοὶ ἀπαγγέλλουσιν]: E conforme o que me pareceu [ἐδόκουν ἐμοὶ] que cada um teria dito e era mais apropriado [τὰ δέοντα] para a circunstância presente, eu mantive-me o mais próximo possível [ἐγγύτατα] daquilo que na realidade [ἀληθῶς] havia sido dito. [2] Quanto aos feitos que foram praticados na guerra, esforcei-me por escrever não sobre informações de alguém que porventura lá estivesse [οὐκ ἐκ τοῦ παρατυχόντος], nem como pessoalmente me parecia provável [ἐμοὶ ἐδόκει], mas recolhendo dentro do possível com rigor [δυνατὸν ἀκριβεῖα] todos os factos nos quais estive presente ou que por outros me foram contados.<sup>24</sup>

Nessa passagem de Tucídides, encontramos as duas formas de interpretação na narrativa histórica citadas por White. A primeira, que concerne à interpretação dos dados, encontra-se na narrativa dos feitos praticados em guerra, pois Tucídides seleciona, dentro do possível e com rigor (δυνατὸν ἀκριβεῖα), os fatos nos quais esteve presente ou os que foram obtidos por meio de testemunhas, excluindo os relatos de pessoas que provavelmente não tinham estado na guerra (οὐκ ἐκ τοῦ παρατυχόντος) e ao que parecia ser a ele (ἐμοὶ ἐδόκει). Fazendo uma analogia com Ricouer (2007), é possível identificar, na história do que é contemporâneo, o surgimento da dificuldade entre a interpretação e a busca pela verdade. Ricouer argumenta que essa dificuldade não está relacionada à intervenção subjetiva, mas à posição temporal entre o momento do acontecimento e o da narrativa. No caso de Tucídides, quando este escreve sua história, relata que foi difícil lembrar-se com exatidão dos discursos (χαλεπὸν τὴν ἀκρίβειαν αὐτὴν τῶν λεχθέντων διαμνημονεῦσαι). Para tanto, para reconstituir esses discursos, manteve-se o mais próximo possível (ἐγγύτατα) do que lhe pareceu (ἐδόκουν ἐμοὶ) ter sido dito.

Convém mencionar que, nessa passagem de Tucídides, podemos verificar como procede a metodologia utilizada. O verbo δοκεῖν, que significa “parecer”, aparece em duas circunstâncias diferentes, sendo uma positiva e a outra negativa em relação à metodologia. Na primeira ocorrência, esse verbo é um recurso utilizado pelo historiador de forma positiva, pois, ao reconstruir os discursos de seus personagens, Tucídides se apoia no que lhe pareceu ter sido dito realmente (ἀληθῶς) e no mais apropriado (τὰ δέοντα). Contudo, quanto aos feitos da guerra, o δοκεῖν não parece ser um procedimento eficaz para a descrição dos fatos, ou seja, o historiador

<sup>24</sup> Todas citações da *História da Guerra do Peloponeso*, utilizadas nesta pesquisa, foram traduzidas por M. R. Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr (2013).

prefere adotar os fatos aos quais esteve presente (a autópsia) ou os que lhe foram informados por testemunhas, evitando, assim, o provável. É interessante essa passagem com o verbo *δοκεῖν*, pois é um dos verbos que constituem o processo de construção do texto de Tucídides, que será tratado na seção “1.2.1 A Retórica na Historiografia”, com mais profundidade.

A historiografia antiga, como visto nesse exemplo de Tucídides, contém aspectos que teóricos modernos discutem como algo corrente do gênero historiográfico. A história narra eventos que realmente aconteceram, entretanto, a partir de um evento, surgem diversos relatos, nos quais o historiador deverá selecionar e organizar as informações que tem à sua disposição, de modo a apresentar o evento de acordo com seu ponto de vista, trabalhando com suas devidas limitações. Para tanto, ele poderá enfatizar alguns acontecimentos, omitindo outros, durante esse processo. Além disso, outro procedimento adotado pelo historiador é a sua interpretação, sendo esse o momento em que podemos verificar a sua subjetividade, seja para criticar o evento, seja para preencher as lacunas deixadas pelas fontes. No caso de Tucídides, os discursos proferidos pelos seus personagens são construídos com base nas interpretações feitas pelo próprio historiador, visto que ele os transcreveu de acordo com o que ele mesmo presenciou ou com o que outros lhe haviam relatado. Por fim, convém ressaltar a dificuldade que o historiador teve ao criar esses discursos, e, no que se refere à verdade histórica, ele prefere mencionar que estão fundamentados no que foi mais próximo da realidade e mais adequado à situação.

Portanto, após verificar as características que norteiam tanto a historiografia e biografia antigas quanto a historiografia moderna, convém fazer, à parte, algumas reflexões a respeito da retórica, visto que ela também é um recurso utilizado na constituição de ambos os gêneros.

## **1.2 A RETÓRICA COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DA HISTÓRIA E DA BIOGRAFIA**

Ao observar que a historiografia e a biografia têm objetivos e temas diferentes, mas que há aspectos que podemos considerar como pontos comuns entre elas, como a metodologia de pesquisa e a escrita, será apresentado, nesta seção, outro fator que aproxima um gênero do outro: o uso de recursos retóricos.

No que concerne à investigação dos eventos, ressalta-se uma questão fundamental em relação à historiografia antiga, a saber, a busca pela autoridade dos fatos. De acordo com

Grant (2005), era comum que os historiadores gregos e romanos criticassem seus predecessores por causa do método investigativo adotado por eles, visto que cada um buscava inovar o estatuto de sua obra, a fim de lhe conferir uma maior autoridade (LIMA; CORDÃO, 2010). Quanto à investigação dos eventos, Heródoto pedia que as pessoas lhe contassem os fatos, mas não acreditava em tudo; Tucídides, por sua vez, reconhecia a dificuldade em obter informações orais corretamente; e Políbio, por fim, seguia a autópsia à risca (GRANT, 2005). Entretanto, independentemente das críticas que houvesse entre os historiadores antigos em relação à investigação adotada pelos seus antecessores, a obra de Tucídides não deixou de tornar-se modelo de escrita da história para autores posteriores, como Luciano de Samósata e Dionísio de Halicarnasso.

Quanto aos processos envolvidos na escrita de cada tipo de texto, a retórica pode estar presente tanto na historiografia quanto na biografia antigas, pois, em ambos os gêneros, faz-se necessário o uso desse recurso, seja para ornamentá-los ou para persuadir o seu leitor/ouvinte. Para tanto, convém apresentar como a retórica aparece nos textos historiográficos e biográficos, a fim de verificar semelhanças e/ou diferenças entre eles.

### 1.2.1 A Retórica na Historiografia

Na *Retórica* aristotélica, pode ser observada a relevância da história para a elaboração de um tipo de discurso, o deliberativo. Dentre os cinco assuntos importantes que podem ser abordados no discurso deliberativo,<sup>25</sup> Aristóteles menciona que era necessário ao orador, ao deliberar a respeito da guerra e da paz, saber a respeito das guerras que seu Estado travara e com quais Estados seria provável ocorrer uma guerra, de modo a manter a paz entre os mais fortes e saber o momento de atacar os mais fracos; além disso, ele deveria saber se o poder bélico do outro Estado era semelhante ao seu (*Rh.* 1359b36). Ao deliberar acerca da legislação, era importante ao orador o conhecimento da história, pois lhe era útil conhecer a história passada do próprio Estado, a fim de discernir qual seria a forma de governo mais desejável para este (*Rh.* 1360a31). Dessa forma, para deliberar tanto acerca da guerra e da paz quanto da legislação, pode-se deduzir que o conhecimento do orador a respeito das fontes historiográficas poderia ajudá-lo na composição de suas deliberações.

---

<sup>25</sup> Segundo Aristóteles, os assuntos abordados no discurso deliberativo são os seguintes: recursos, guerra e paz, defesa nacional, importações e exportações e legislação (*Rh.* 1359b18).



Mais tarde, Quintiliano (séc. I d.C), na sua obra *Instituições Oratórias*, apresenta, porém, as seguintes considerações acerca da do gênero historiográfico em textos retóricos (*Inst. X, 1.31-34*):<sup>26</sup>

[...] também a história pode nutrir o orador com certo suco abundante e agradável; contudo, também ela deve ser lida em si mesma, de modo que saibamos que a maior parte de suas qualidades devem ser evitadas pelo orador. Com efeito, ela está muito próxima dos poetas, é uma espécie de poema em prosa, escreve-se para narrar, não para provar – e a totalidade da obra é composta não para a realização de algo ou para um combate presente, mas para a memória da posteridade e a fama do talento. [...] É lícito empregarmos algumas vezes, nas digressões, o brilho da história, desde que, naquilo que se discutirá, nos lembremos de que se trata não do peitoral do atleta, mas do braço do soldado. [...] Há uma outra vantagem que se tira da história [...]: o conhecimento dos fatos e dos exemplos, em que o orador deve ter sido principalmente instruído [...]

A partir dessas considerações de Quintiliano, verifica-se que ele separa a eloquência oratória e a história. Segundo Hartog (2001, p. 182), Quintiliano põe a história ao lado da poesia – algo que Aristóteles teria rejeitado –, pois aquela não tinha como objetivo nenhuma ação, mas a posteridade e a glória. A história, então, não pretendia demonstrar e nem provar, mas somente “contar”.<sup>27</sup> Contudo, como já visto, nas crônicas locais, há o predomínio de excessos de elogios e de acusações (MOMIGLIANO, 1998), ao passo que, nos textos históricos, a retórica pode aparecer como elemento auxiliar no processo de construção de argumentos, a fim de convencer o ouvinte/leitor de que o que se está contando é verdadeiro (GENTILI; CERRI, 1988).

Convém também ressaltar que não foi somente na modernidade que houve estudos acerca de elementos retóricos na constituição de textos historiográficos, pois, na época imperial de Roma, os estudos acerca da retórica ganharam bastante força, e, devido a isso, a retórica compreendia toda a cultura romana e foi introduzida no trabalho dos historiadores (GRANT, 2005). Dessa forma, serão apresentadas, a seguir, algumas considerações de autores antigos acerca da retórica enquanto componente da escrita da história.

<sup>26</sup> Quintiliano *apud* Hartog (2001). Tradução de Jacyntho Lins Brandão (2001).

<sup>27</sup> Ginzburg (2002), que será visto na subseção “1.2.1.2 Algumas Reflexões acerca da Retórica na Historiografia de um ponto de Vista Moderno”, descreve de maneira inversa essa concepção de história para Quintiliano. Para Ginzburg, objetivo principal da história é persuadir, e não a verdade.

### 1.2.1.1 Algumas Considerações acerca da Retórica na Historiografia Antiga

Cícero, como mencionado anteriormente, apresenta a retórica como instrumento auxiliar para a reconstrução do texto historiográfico. Além disso, no diálogo *Do Orador*, o personagem Antônio relata que a razão para a historiografia não ser ainda tão célebre na língua latina era o fato de seus conterrâneos se dedicarem à eloquência somente para se notabilizarem no fórum, ao passo que os gregos, uma vez afastados das causas forenses, estavam aplicados não somente aos temas ilustres, mas também à escrita da história (*De Orat.* II. 55). Segundo Grant (2005), Cícero verificava uma conexão muito próxima entre a história e a retórica e acreditava que a história era um tipo de oratória e que, portanto, pertencia à retórica. Dessa forma, a história precisava de uma ornamentação que só a retórica poderia oferecer, ou seja, a historiografia, para relatar os feitos, deveria conter elementos retóricos para orná-la.

Antônio continua a discussão apresentando historiadores gregos que ornaram o gênero historiográfico com elementos retóricos. Para ele, Heródoto foi o primeiro historiador a ornar o gênero historiográfico, pois ele não estava ocupado com as causas forenses. Em seguida, ele cita Tucídides como o modelo de superação da arte do discurso, pois ele era denso pela frequência de temas e hábil e conciso com as palavras. Além disso, embora Tucídides tenha se dedicado à política, ele teria escrito a *História da Guerra do Peloponeso* enquanto estava afastado da política, em exílio (*De Orat.* 56-7). Além desses historiadores, Antônio cita outros com o objetivo de mostrar que é grande a tarefa da história para o orador, devido à riqueza e à variedade de discursos presentes nela, pois ele não encontra esses discursos sendo ensinados nos preceitos dos rétores. A partir disso, conclui-se que haveria, no gênero historiográfico, bastante material retórico que passava despercebido nos manuais.

Quanto à metodologia historiográfica, Antônio declara ser uma tarefa complexa e que a construção da história é baseada em temas e palavras. Os temas se estruturam metodologicamente em ordem cronológica, descrição das regiões, planos (por se tratar de feitos grandiosos e memoráveis), e ações. Em seguida, acerca desses planos, o escritor aponta os resultados, e, das ações, ele declara o que foi feito e o que foi dito. Quanto aos resultados, ele explica todas as causas, seja da queda, ou da sabedoria ou da temeridade, e os feitos dos homens. No âmbito das palavras, por sua vez, é necessário buscar uma estrutura e um gênero de discurso amplo, cadenciado, com leveza e sem aspereza dos julgamentos. Assim, a partir desse exemplo em relação à complexidade de escrita da historiografia, conclui Antônio que são muitos os elementos que não se encontram nos manuais retóricos.

Desses elementos ausentes dos manuais retóricos, Antônio apresenta alguns gêneros discursivos que não estão descritos nesses manuais, tais como as exortações, os preceitos, as consolações e os conselhos. Para ele, todos esses gêneros, embora não tenham espaço nos manuais de retórica, deveriam receber um tratamento mais eloquente possível (*De Orat.* 64). Na *História da Guerra do Peloponeso*, por exemplo, há transcrições de exortações, que são discursos que não estão contemplados nos manuais de retórica. Portanto, verifica-se, em Cícero, também quanto a esse aspecto, uma crítica em relação à prática de escrita da história em Roma, visto que esse gênero está relacionado com a retórica, sendo esta adotada pelos romanos somente para fins jurídicos, podendo eles utilizarem-na em outros gêneros textuais.

Entretanto, a historiografia com elementos retóricos não foi vista de forma tão positiva por outros estudiosos. Luciano de Samósata (séc. I d.C.), na sua obra *Como se Deve Escrever a História*, observa que os historiadores de sua época não estavam fazendo o uso da retórica de forma correta nos seus textos historiográficos. Um dos erros que ele aponta nesses textos é a presença de bastante elogio aos generais e comandantes dos seus, rebaixando os inimigos (*Hist. Conscr.* 7). Nesse caso, Luciano apresenta o encômio e a história como gêneros totalmente diferentes, pois o encomiasta utiliza a mentira para elogiar alguém, enquanto que o historiador se vale da verdade. Porém, Luciano defende que, na história, o historiador pode fazer elogios às vezes, desde que seja em um momento oportuno, pois eles devem ser regulados para fins da posteridade (*Hist. Conscr.* 9). Dessa maneira, verifica-se, em Luciano, uma visão que aponta para uma ruptura entre a historiografia e um gênero discursivo da retórica, o epidíctico.

Quando Luciano apresenta a metodologia da escrita da história, porém, é inevitável não observarmos uma estreita ligação do que ele diz sobre a retórica, pois (*Hist. Conscr.* 48):

Após reunir os fatos, o historiador deve tecê-los numa espécie de memorial, constituindo um só corpo ainda sem beleza nem articulações; em seguida, após ordená-lo, deve-se dar-lhe beleza, colorindo as expressões, as figuras e o ritmo.<sup>28</sup>

Dessa maneira, para Luciano, a tarefa do historiador é ordenar os acontecimentos de forma bela, de modo a mostrá-los de forma mais clara possível (*Hist. Conscr.* 51). Portanto, é interessante observar as visões de Cícero e de Luciano nesse sentido, pois ambos mostram que a retórica é um elemento constitutivo para a construção do texto historiográfico.

---

<sup>28</sup> Tradução de Jacyntho Lins Brandão (2009).

O historiador, para Luciano, deveria ser incorruptível, livre, amigo da franqueza e da verdade, alguém que não omitia nada por ódio ou por amizade, visto que os historiadores de sua época elogiavam seus aliados, negligenciando os seus inimigos. Segundo o tratadista (*Hist. Conscr.* 42-43), Tucídides, enquanto historiador, apresentava muito bem essas características, pois ele soubera distinguir as virtudes e os vícios da historiografia, uma vez que o que ele escrevia era uma aquisição para a posteridade, não acolhendo o fabuloso. O bom historiador, dessa maneira, deveria ter a mentalidade de Tucídides, e, em relação à linguagem e à capacidade de expressão, não deveria escrever aumentando a violência, com períodos encadeados, raciocínio retorcido e um arsenal retórico, de modo que a linguagem fosse coerente e densa, e a expressão clara e adequada à vida pública.

Dionísio de Halicarnasso, em sua obra *Das Antiguidades Romanas* (1. 1.2-3),<sup>29</sup> preocupa-se principalmente com o benefício e o prazer, além do sentido do valor moral, que o assunto escolhido pelo historiador irá trazer aos seus leitores. Dessa forma, para ele, a boa prosa histórica, bem como a oratória, era um repositório de frases nobres e de ideias que ajudariam oradores e escritores a se expressarem de maneira mais habilidosa (FOX, 2001). Ademais, Fox argumenta que a história e a retórica, para Dionísio, tinham uma estreita relação no que se refere à educação e à moral, pois tanto os discursos históricos e quanto os oratórios compreendiam uma parte ativa da vida política, e, devido a isso, esses gêneros tinham o potencial de influenciar os seus leitores/ouvintes. Desse modo, em Dionísio, a história e a retórica estavam relacionadas com o processo educacional, além de estarem presentes nas atividades políticas.

Entretanto, há autores antigos que fazem a separação entre a história e a retórica. Além de Quintiliano, como já visto anteriormente, o historiador Políbio (séc. III-II a.C.), por meio do seu método pragmático, expõe as seguintes considerações sobre a sua obra *História* (*Plb.* 9.1):

Não ignoro que minha obra apresenta uma certa austeridade por causa da uniformidade de sua composição, e que ela agrada somente ao gosto de uma classe de leitores, cuja aprovação ela conquistará. Efetivamente, a quase totalidade dos autores, ou pelo menos a sua maioria, atrai muitos tipos de pessoas para a consultas das respectivas obras por versar todos os gêneros de História. O gênero genealógico atrai os leitores superficiais; o gênero pertinente à colonização, à fundação de cidades e aos laços de parentesco entre os seus habitantes [...] atrai os curiosos e os apreciadores de fatos singulares, enquanto o estudioso de política se interessa pelos feitos dos povos, das cidades e dos estadistas. Quanto a mim, concentrei minha atenção exclusivamente nestes últimos assuntos, e como toda a minha obra não trata

---

<sup>29</sup> Dionísio de Halicarnasso *apud* Fox (2001).

de qualquer outra coisa [...], ela agradará somente a uma espécie de leitores, e para o grande público posso oferecer um texto sem atrativos.<sup>30</sup>

Nessa passagem de Políbio, ele apresenta a sua composição como algo uniforme e que agradará somente uma porcentagem de leitores. Além disso, é evidente a sua crítica em relação às crônicas locais, visto que os assuntos tratados nesses textos atraem leitores específicos. A sua *História*, no entanto, aborda somente os feitos dos povos, das cidades e dos estadistas, agradando um tipo de público. Por fim, de acordo com sua forma de escrita, Políbio já antecipa que seu texto será sem atrativos para a maioria dos leitores, ou seja, é um texto sem ornamentos, sem retórica, voltado a um tipo de público.

Portanto, a partir dessas considerações, verifica-se que, na Antiguidade, há autores que apresentam a historiografia como um gênero que se constitui de recursos retóricos. Entretanto, há outros que separam esses gêneros, excluindo a retórica do processo de construção do texto histórico. Tendo em vista isso, será verificado como a retórica é vista em textos historiográficos para autores da Modernidade.

### **1.2.1.2 Algumas Reflexões acerca da Retórica na Historiografia de um Ponto de Vista Moderno**

A historiografia, segundo Ginzburg (2002), assim como a retórica, visa unicamente a persuasão, sendo sua finalidade a eficácia, e não a verdade. Pelling (2012) defende a mesma ideia. Para ele, os historiadores, assim como os oradores, escreviam para persuadir, e seria estranho se o estudo da retórica, mesmo de um modo geral, não conseguisse esclarecer Heródoto e Tucídides. Para Ginzburg (2002), Aristóteles, diferentemente dos sofistas,<sup>31</sup> identificou na retórica um núcleo racional, que são as provas, e, dessa maneira, o nexó entre a historiografia e a retórica deve ser procurado nessas provas. Para tanto, para entender a respeito dessas provas retóricas, convém resgataremos a *Retórica* aristotélica a fim de elucidar o que o autor fala acerca da persuasão da historiografia.

<sup>30</sup> Tradução de Mário da Gama Kury (1996).

<sup>31</sup> Segundo Aristóteles, os sofistas teriam entendido a retórica como uma arte de persuasão por meio de ação dos afetos (1354a14). Górgias (séc. V a.C.) também é um autor que critica a arte oratória. A retórica, para Górgias, em seu tratado *Elogio de Helena* (14), é descrita como uma arte que influencia na disposição da alma dos ouvintes. Górgias compara o poder do discurso retórico com os efeitos colaterais do remédio, pois ambos exercem a mesma força no indivíduo: enquanto os remédios retiram os humores do corpo, os discursos podem atormentar, agradar, levar confiança aos seus ouvintes, ou, no caso de uma má persuasão, podem drogar e enfeitiçar a alma da audiência.

Segundo Aristóteles (*Rh.* 1355b35), os meios de persuasão podem depender de arte ou não. Os que não dependem de arte são aqueles que não foram fornecidos por nós mesmos, como, por exemplo, as testemunhas, as confissões mediante tortura e acordos; e os que dependem de arte, por sua vez, são aqueles que podemos construir e suprir por meio da utilização da retórica.<sup>32</sup> Dentre esses meios de persuasão, podemos considerar a prova como um meio persuasivo que depende da arte, e, para alcançar a persuasão dessa forma, empregam-se os exemplos e entimemas.

Os discursos baseados em exemplos são tão persuasivos quanto os outros, mas, de acordo com Aristóteles (*Rh.* 1356b23), os que são baseados em entimemas são os que causam mais impressão. O entimema, nesse caso, é constituído por poucas proposições, em quantidade menor em relação às que constituem o silogismo completo, de modo a não haver necessidade de enunciá-la, pois o ouvinte saberá qual é a proposição que está implícita.<sup>33</sup> Quanto às premissas dos entimemas, algumas serão necessárias, mas a maioria delas terá caráter contingente, uma vez que os entimemas são inferidos das probabilidades e de signos que apresentam esse caráter. O τεκμήριον (evidência), por exemplo, é um signo de caráter necessário, usado em enunciações que não são refutáveis.<sup>34</sup> Segundo o filósofo (*Rh.* 1402b13), os entimemas são extraídos de quatro lugares-comuns, a saber, a probabilidade (εἰκός), o exemplo (παράδειγμα), a evidência (τεκμήριον) e o signo (σημεῖον). Os entimemas baseados em probabilidades são aqueles que são produzidos a partir do que já existe ou parece usualmente existir; os exemplos são produzidos com base na indução pelo semelhante, pelo único ou pelo múltiplo quando se conclui dedutivamente um particular a partir de uma premissa universal; os entimemas baseados em evidências são aqueles em que a argumentação é feita a partir do real e do necessário; e os que são baseados em signos, por fim, são feitos a partir de uma proposição universal ou particular, existente ou não.

Tendo em vista essas breves considerações sobre o entimema em Aristóteles, Ginzburg (2002) cita o estudo de Croix (1975), no qual ele busca traços da leitura de Tucídides nas obras de Aristóteles, de modo a reforçar a ideia de que a relação entre a historiografia e a retórica se dá por meio das provas/demonstrações. Croix<sup>35</sup> (*apud* GINZBURG, 2002), em sua

---

<sup>32</sup> *Éthos, lógos e páthos.*

<sup>33</sup> Como exemplo de entimema, Aristóteles relata que, para mostrar que Dorieu foi o vencedor de uma competição cujo prêmio foi uma coroa, basta dizer que ele foi vencedor em Olímpia. Quanto a acrescentar que todo vencedor em Olímpia recebe uma coroa, isso também é uma informação inútil, visto que todos estão cientes disso (*Rh.* 1357a15).

<sup>34</sup> De acordo com Aristóteles, o τεκμήριον tem o caráter de irrefutável. Como exemplos de τεκμήριον, o filósofo cita que o sinal que alguém está doente é a febre e que a mulher acabou de dar à luz porque tem leite (*Rh.* 1357b15).

<sup>35</sup> CROIX, G. E. M. Aristotle on History and Poetry. In: *The Ancient Historian and his Materials*. Essays in honour of C. E. Stevens on his Seventieth Birthday. Farnborough, 1975, p. 45-58.

pesquisa, identifica que a expressão ἐπὶ τὸ πολὺ (o frequente), que aparece na *Retórica* aristotélica nas fontes do entimema, ocorre quatro vezes vinculada a alguns dos termos dos quais Tucídides expressou sua relação cognitiva com o passado, como pode ser verificado no seguinte trecho (*Thuc.* 1. 1.1-3):

[A Guerra do Peloponeso] começou logo a seguir ao rebentar da guerra, na convicção de que seria grande e mais digna de relato do que as sucedidas anteriormente, dando-se conta [τεκμαιρόμενος] de que ambas as potências se encontravam, em todos os aspectos, no auge da preparação para essa finalidade [...]. Era impossível, devido à extensão temporal, distinguir com clareza os acontecimentos que se deram antes ou os que foram mais antigos. Quanto às provas [τεκμηρίων] que, investigadas por mim com a maior profundidade, julgo serem de confiar [...]

Esse é um exemplo que apresenta uma das formas metodológicas usadas por Tucídides e por outros historiadores antigos. Segundo Ginzburg (2002), a arqueologia era reconstruída por eventos não testemunhados diretamente pelos historiadores, e, por se tratarem de eventos antigos, era baseada em indícios.

Tendo essas considerações em vista, verifica-se que, para a historiografia antiga, não havia regras precisas para a abordagem das evidências. Segundo Grant (2005), o uso de recursos utilizados pelos historiadores antigos variou bastante. Portanto, a seleção dos eventos, a título de exemplo, não era completamente objetiva, e, conseqüentemente, poderia haver omissões, ênfases, escolhas pessoais nas situações do objeto de estudo e sequência dos fatos, e distorção.

Por outro lado, há autores que não consideram a retórica como algo benéfico para a historiografia. A retórica em textos historiográficos, segundo Momigliano (1998), era apresentada como razões ou desculpas para desvio da verdade. Segundo Fox (2001, p. 77), a distinção entre a historiografia antiga, baseada na retórica, e a moderna, que não é retórica, encontra-se nas discussões de Benjamin. Para Benjamin (1985, p. 224), “a verdadeira imagem do passado [é] perpassa, veloz”, ou seja, a composição da história não consiste em articular como “ela de fato foi”. Portanto, a historiografia, para Benjamin, seria a apropriação de uma reminiscência. Desse modo, de acordo com Fox (2001), a história ideal para Benjamin, que seria a verdadeira imagem, é impossível de captar, restando somente a descrição da realidade do passado por meio de imagens, e estas derivam de seu imediatismo. Portanto, a historiografia, baseada na retórica, iria na direção oposta da objetiva, pois esta demanda atitudes em relação às qualidades estéticas da escrita historiográfica. Em resumo, os recursos retóricos para fins de argumentação ou persuasão distorcem o essencial para a historiografia objetiva.

Após essas reflexões modernas em torno da retórica como elemento constitutivo de textos historiográficos, convém observarmos que a retórica não deve ser vista como um elemento utilizado somente para fins de distorção da verdade dos eventos. Como verificado anteriormente, a metodologia historiográfica, tanto antiga quanto moderna, não permite chegarmos a uma verdade absoluta, pois o historiador tem em suas mãos vários recursos para a composição de sua obra, e a retórica é somente um deles. Conclui-se, então, que a retórica é utilizada para auxiliar na construção dos argumentos de modo a persuadir o leitor/ouvinte dos eventos narrados.

### 1.2.2 A Retórica na Biografia

As primeiras “biografias”,<sup>36</sup> segundo Whitmarsh (2005, p. 76), eram escritas sob a forma de encômios. As obras *Evágoras*, de Isócrates, e *Agésilau*, de Xenofonte, de acordo com o autor, estão à frente de duas tradições: a da biografia e a da retórica encomiástica. No período da Segunda Sofística, quando surgem as biografias (em seu sentido completo), a tradição encomiástica ainda exerce influência sobre esses tipos de textos. Como exemplo, ele cita a obra *Em Honra a Apolônio de Tiana*, de Filóstrato (séc. III d.C.), na qual estão incluídos todos os *tópoi* do discurso epidíctico, como a genealogia, a educação, as virtudes e a morte, que narra a biografia sobre um homem que teria sido divino. De acordo com Whitmarsh (2005), esse texto, uma vez que não é um simples encômio, pois contém elementos tradicionais da biografia, pode também ter o predecessor da hagiografia, que são as biografias de santos. Um exemplo reverso pode ser encontrado em Luciano de Samósata, em sua obra *Alexandre ou o Falso Profeta*, em que a biografia é escrita com base na censura.

Chialva (2010) destaca três vertentes nas quais são desenvolvidos aspectos biográficos antes do estabelecimento do gênero no século I d.C.: (1) a historiográfica, na qual a biografia mantém relações diretas com a escrita da história, uma vez que escritos historiográficos continham episódios de vidas de personagens destacados; (2) a filosófica, em que se inclui o texto *Apologia a Sócrates*, no qual é discutida a importância do gênero epistolar como testemunho de um conhecimento; e (3) a retórica, na qual a influência se desenvolve

---

<sup>36</sup> Destaque do próprio autor (2005).



durante a Grécia Clássica e que se sistematiza nas monarquias helenísticas, atingindo o apogeu no Império Romano, através das escolas de retórica e do papel importante do rétor e do sofista na vida social, tanto cultural quanto política. Os elementos biográficos, nesse caso, aparecem na retórica epidíctica, seja através dos encômios ou das censuras. A narração das biografias de Plutarco, por exemplo, está organizada de acordo com os *tópoi* de composição dos elogios, já citados por Whitmarsh (2005).

Segundo Silva (2006), a retórica é um dos pontos discutidos entre estudiosos que desconsideram o caráter histórico da obra biográfica, especificamente em Plutarco, uma vez que identificaram, nas suas biografias, a retórica sendo utilizada como um recurso de manipulação. A título de exemplo, a autora cita o estudo de Breebaart (*apud SILVA, 2006*),<sup>37</sup> no qual a estética retórica na narrativa plutarquiana é a causa das inconsistências do seu relato histórico, pois, na *Vida de Péricles*, haveria simplificações dos acontecimentos. Em outro estudo, Jiménez (*apud SILVA, 2006*)<sup>38</sup> mostra que, nas comparações feitas por Plutarco, não há crítica ao comportamento de seus biografados, pois o biógrafo estaria reproduzindo a técnica retórica das provas (*προγύμναστα*).

Há retórica na biografia, principalmente a epidíctica, mas convém ressaltar que o uso da retórica na biografia pode também estar relacionado com a investigação que o biógrafo faz de seu biografado. Na *Vida de Demóstenes*, por exemplo, é comum Plutarco recorrer à retórica quando ele se exalta por não concordar com alguma testemunha. Essa exaltação, nesse caso, seria uma manifestação discursiva de uma estratégia retórica em que se verifica a paixão do prosador. As paixões, segundo Aristóteles,<sup>39</sup> são “as causas das mudanças nos nossos julgamentos e são acompanhadas por dor ou prazer” (*Rh.* 137a21-23), e uma delas, que pode ser encontrada na *Vida de Demóstenes*, é a indignação. A indignação, de acordo com o filósofo (*Rh.* 1386b15), é o sentimento que se apresenta a partir de um sucesso obtido por alguém que não o merece; tem por pressuposto o fato de que algo que é imerecido e injusto.

A título de exemplo, a indignação se dá da seguinte forma na biografia de Demóstenes: Plutarco demonstra esse sentimento quando registra relatos que desfavorecem seu biografado, ou seja, para o biógrafo, o orador não as merece. O episódio no qual Demóstenes

<sup>37</sup> BREEBART, A. B. Plutarch and the Political Development of Pericles. *Mnemosyne*, v. 24, n. 3, p. 262-272, 1971.

<sup>38</sup> JIMENEZ, A. P. Introducción General. In: *Vidas Paralelas*. Madrid: Gredos, 1985, p. 7-135.

<sup>39</sup> Aristóteles define como paixões/emoções os seguintes sentimentos: a cólera, a tranquilidade, o amor, o ódio, o medo, a confiança, o pudor, o despudor, a benevolência, a não-benevolência, a compaixão, a indignação, a inveja, a emulação e o desprezo.

deixa o luto para comemorar com os Atenenses o falecimento de Filipe é criticado por Ésquines, pois este acusava o orador de falta de amor à filha. Plutarco, então, escreve as seguintes considerações acerca de Ésquines (*Dem.* 22.3):

Mas é o próprio Ésquines que se mostra vulgar e frouxo [ἀγεννῆς καὶ μαλακός], por considerar o luto e o pranto sinais de uma alma doce e afetuosa para com os seus, e rejeitar que o sofrimento possa ser suportado serenamente e sem desespero.

Visto que Demóstenes teria cometido um ato virtuoso, que foi abrir mão do interesse próprio para se importar com a cidade, então não seria correta a censura que Ésquines fez a respeito dele, de acordo com Plutarco. Por outro lado, o biógrafo (*Dem.* 22.6) argumenta que o melhor consolo era incorporar as coisas piores nas melhores, ou seja, temperar as tristezas pessoais para estar de bem com a cidade.

Contudo, a indignação de Plutarco ocorre outras vezes com os relatos de Ésquines. Cabe destacar que esse recurso retórico, fundamentado na retórica epidíctica, pode ser proveniente de sua pesquisa, visto que Demóstenes e Ésquines eram adversários nas assembleias, como pode ser verificado em seus discursos.

Esse exemplo mostra como a retórica pode aparecer no texto biográfico, entretanto ela não demonstra ser arbitrária, pois esse recurso pode ter sido proveniente da pesquisa feita por Plutarco. Portanto, a retórica também é um elemento que está presente na biografia, porém, ela não pode ser vista somente como um recurso que distorce a verdade, pois ela também pode estar fundamentada nas pesquisas feitas pelo biógrafo.

### 1.3. AS FALAS DE PERSONAGENS

A criação de falas ficcionais em Tucídides para relatar opiniões públicas não pode ser concebida sem a formalização da retórica do século V a.C.; ademais, também em Heródoto podem ser encontrados discursos diretos (MOMIGLIANO, 1998). As falas atribuídas a personagens são tema de bastante discussão na historiografia antiga e moderna, pois elas representam um ponto questionável em relação à finalidade da história, que é o estatuto da verdade. Segundo Kremmydas (2016), estudiosos têm debatido o papel dos discursos na obra

tucidideana como um todo, no que diz respeito à sua confiabilidade histórica e à sua relação com a oratória grega contemporânea no último terço do século V a.C.

O historiador Políbio, em sua obra *Histórias*, relata que o historiador não deveria atribuir aos personagens palavras que não poderiam ter sido ditas, ou seja, a sua função era somente registrar os fatos e as palavras reais (*Plb.* 2. 56.10). Séculos depois, Luciano de Samósata, em *Como se Deve Escrever a História*, defende que o historiador, além de fazer elogios em momentos oportunos, poderia também usar sua capacidade retórica quando fosse transcrever discursos (*Hist. Conscr.* 58), contudo, o discurso deveria estar o mais claro possível e estar condizente com o que a pessoa fala e apropriado aos fatos, como pode ser visto em Tucídides, quando ele esclarece que se manteve o mais próximo possível do que foi dito (*Thuc.* 1.22.1).

Essas são algumas considerações acerca da atribuição de falas aos personagens na historiografia na Antiguidade. Entretanto, essa questão continua a ser objeto de reflexão na Modernidade.

Paul Veyne (1930-), na sua obra *Como se Escreve a História* (1978), argumenta que a experiência historiográfica é a descoberta do limite, como já mencionado anteriormente. Esse limite, de acordo com Veyne (2008, p. 18), funciona da seguinte maneira:

[...] em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria*,<sup>40</sup> por indícios. Ainda que eu tivesse sido contemporâneo e testemunha de Waterloo, ainda que tivesse sido seu principal ator, Napoleão em pessoa, teria apenas uma perspectiva sobre o que os historiadores chamarão o evento Waterloo; só poderia deixar para a posteridade o meu depoimento que, se chegasse até ela, seria chamado indício.

A historiografia, portanto, é construída por meio de documentos ou de testemunhos, ou seja, ela é constituída de indícios. Waterloo, por exemplo, é um evento sobre o qual há vários relatos e perspectivas (indícios) deixados, restando ao historiador a tarefa de reconstituir o evento. Como observado na seção anterior, os critérios utilizados por Tucídides para compor a *História da Guerra do Peloponeso* não são diferentes, pois ele se baseia também em τεκμήρια para a composição de sua obra (*Thuc.* 1. 1.1-3).

Estas são as considerações de Tucídides em relação à reconstituição dos discursos de seus personagens (*Thuc.* 1.22.1):

---

<sup>40</sup> Itálico do autor.

E quantas coisas muitos disseram nos discursos ou quando estavam prestes a entrar na guerra ou quando nela já estavam, foi difícil lembrar [διαμνημονεῦσαι] com rigor as palavras que proferiram, quer para mim, quando eu próprio as ouvi, como para outros que de outras fontes a mim as transmitiam [αὐτὸς ἤκουσα καὶ τοῖς ἄλλοθεν ποθεν ἐμοὶ ἀπαγγέλλουσιν]. E conforme o que me pareceu [ἐδόκουν ἐμοῖ] que cada um teria dito e era mais apropriado para a circunstância presente [περὶ τῶν αἰεὶ παρόντων τὰ δέοντα μάλιστ' εἰπεῖν], eu mantive-me o mais próximo possível [ὅτι ἐγγύτατα] daquilo que na realidade havia sido dito [τῶν ἀληθῶς λεχθέντων].

Aprende-se, desse trecho, a forma pela qual o historiador lida com os discursos proferidos pelos personagens que estiveram na guerra. É interessante não somente observar as dificuldades que Tucídides teve para se lembrar com exatidão dos discursos que ouviu, mas também atentar para o fato de que ele transcreveu discursos que lhe transmitiram (ἀπαγγέλλουσιν), ou seja, a metodologia utilizada não é somente a autópsia, mas também é baseada em testemunhos. Desse modo, a metodologia é levada para o âmbito da tradição oral, que foi tratada diferentemente pelos historiadores antigos, pois Heródoto, por exemplo, não acreditava em alguns relatos que diziam a ele; Políbio, por sua vez, utilizava a autópsia e o inquérito para propósitos pragmáticos; e Tácito, por fim, era cuidadoso em separar as fontes orais das escritas, ou seja, havia certo cuidado com a manipulação das fontes orais, pois elas poderiam ser rumores (GRANT, 2005).

Além desse cuidado, devemos atentar para o fato de que os discursos são transcritos de acordo com o que pareceu (ἐδόκουν) ser apropriado (τὰ δέοντα) a Tucídides, fazendo-o manter-se o mais próximo (ἐγγύτατα) da verdade (ἀληθῶς), ou seja, o critério utilizado por Tucídides na elaboração desses discursos foi o da probabilidade (GRANT, 2005). Segundo Rocha (2016), tanto o verbo δοκεῖν quanto o advérbio ἐγγύτατα representam uma aproximação pouco segura em relação às palavras que teriam sido ditas nos discursos, ou seja, estaríamos no âmbito do conhecimento comum (δόξα), em que pode não haver verdade. Entretanto, em relação aos relatos das ações (τὰ ἔργα), Tucídides faz as seguintes considerações (*Thuc.* 1.1.22.2-3):

Quanto aos feitos que foram praticados na guerra, esforcei-me por escrever não sobre informações de alguém que porventura lá estivesse, nem como pessoalmente me parecia provável, mas recolhendo dentro do possível com rigor todos os factos nos quais estive presente ou que por outros me foram contados. [3] Foi difícil descobrir os factos, uma vez que os que tinham estado presentes nos vários acontecimentos não davam a mesma versão tendo eles

próprios lá estado, mas de acordo com a sua simpatia por um lado ou pelo outro segundo o que era a sua recordação.

Em relação à investigação de Tucídides, verifica-se que há um duplo critério para o estatuto de verdade (ROCHA, 2016): os discursos são provenientes da δόξα, enquanto as ações, da autópsia e da investigação. Os discursos terão um pouco mais de invenção, de modo que Tucídides preencha as suas lacunas, visto que não é possível recuperar todo o conteúdo dito.

Para tanto, convém mencionar o exemplo que Veyne (2008, p. 19) apresenta acerca das transcrições de fala na historiografia. Segundo o autor, se existe um diálogo autêntico entre Napoleão e Alexandre conservado pela estenografia, o historiador não poderá “copiá-lo” tal qual na narrativa, pois ou ele irá falar sobre o diálogo ou, se o citar textualmente, o fará para obter um efeito literário, de modo a dar vida à trama. Ou seja, independentemente do fato de que o discurso esteja documentado ou não, o historiador irá representá-lo de maneira incompleta, atendendo somente aos seus propósitos.

Uma vez que não é possível transcrever discursos diretos *ipsis litteris* na obra historiográfica, verifica-se que estes pertencem ao âmbito da δόξα e da verossimilhança. Nesse sentido, a historiografia pode ser considerada uma mimese, pois o historiador compõe os discursos de acordo com o que é verossímil (τὸ εἰκός), não com o que é verdadeiro (BRANDÃO, 2005). Dessa forma, a crítica de Políbio acerca da transcrição de discursos deve-se, provavelmente, ao fato destes dependerem mais explicitamente do parecer do historiador, visto que, no caso de Tucídides, a construção dos discursos poderia estar relativamente de acordo com que teria sido dito na realidade.

Além do caráter inventivo das falas na historiografia, há também outro aspecto no qual aparece fortemente nas falas: a individualidade. Na *História da Guerra do Peloponeso*, segundo Kremmydas (2016), Tucídides escreve os discursos diretos e indiretos para a apresentação dos acontecimentos da guerra e para a sua interpretação do papel dos indivíduos nela. Ao inserir os discursos, o historiador traz vivacidade à sua narrativa e dá aos seus leitores uma visão sobre a tomada de decisões dos principais momentos da guerra. Portanto, a análise dos discursos diretos se faz importante para compreender o caráter dos personagens históricos, visto que é possível identificar as características dos indivíduos em questão.

Tendo em vista todas essas considerações acerca da historiografia e da biografia, tanto sob o ponto de vista da Antiguidade quanto da Modernidade, verifica-se que a retórica é um recurso que está presente em ambos os gêneros, seja distorcendo a verdade, ornamentando o texto ou persuadindo o leitor/ouvinte. Além disso, apesar de os assuntos da historiografia estarem no âmbito da coletividade, é possível obter algumas informações individuais de alguns personagens, ainda que sem muita profundidade.

Além disso, é importante ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é analisar se o conteúdo relatado por Tucídides – seja por meio dos discursos retóricos que ele atribui aos seus personagens ou por meio de sua narrativa – seja verdadeiro ou não. Apenas será observado como o historiador constrói o caráter – categoria tão importante, para Aristóteles, de sua teoria retórica – de Nícias de modo a verificar quais aspectos individuais desse personagem podem ter influenciado a leitura de Plutarco dessa obra.

## 2 O ÉTHOS DE NÍCIAS EM TUCÍDIDES

Como visto no capítulo anterior, a retórica é um recurso utilizado para constituir o texto historiográfico. Além disso, apesar de a história antiga estar no âmbito dos temas da coletividade e de seu objetivo estar centrado na narração de eventos de cunho político-militar, é possível observar indícios de individualidade nesse tipo de texto. Nos estudos, como o de Ginzburg (2002) e o de Gribble (1998, 2006), por exemplo, verifica-se que o texto tucidideano é composto de recursos retóricos e contém aspectos que qualificam determinado personagem, atribuindo-lhe certo caráter individual.

Neste capítulo, será analisado como o historiador Tucídides desenvolve o *éthos* de Nícias na *História da Guerra do Peloponeso*, seja por meio de sua narrativa ou dos discursos que atribuiu a este personagem. Apesar de Nícias estar presente em vários momentos da guerra,<sup>41</sup> os seus discursos estão transcritos somente nos sexto e sétimo livros da obra, livros nos quais o historiador relata os eventos em torno da expedição à Sicília. Dessa forma, o *corpus* da presente pesquisa se concentra nesses livros.

A análise do *éthos* de Nícias irá fundamentar-se, principalmente, na *Retórica*, de Aristóteles, e no *Do Orador*, de Cícero, uma vez que há dois pontos de vista diferentes em relação ao tratamento do *éthos* do orador nessas obras. Para Aristóteles (*Rh.* 1356a2), o *éthos* é um dos três meios de persuasão que são dependentes da arte,<sup>42</sup> e, neste caso, a persuasão por meio do *éthos* – do caráter – é consequência da confiança que o orador passa aos seus ouvintes através do discurso, demonstrando ser uma pessoa digna de fé, ou seja, o caráter do orador deverá ser fruto de seu discurso e não de uma opinião prévia que a audiência tenha sobre ele (*Rh.* 1356a10). Cícero, por sua vez, defende que o caráter do orador é proveniente da reputação que este obtém por meio de suas ações em vida (*De Orat.* 2.2). Segundo Scatolin (2009), Cícero escolhe Antônio e Crasso para serem os principais personagens do diálogo de sua obra, *Do Orador*, com a finalidade de dar mais credibilidade a ela, e, uma vez que a retórica é o assunto abordado nesse diálogo, nada melhor do que colocá-los como protagonistas, pois eles eram

<sup>41</sup> Weslake (1968) identifica que, nos livros 1 ao 5 da *História da Guerra do Peloponeso*, Nícias é um personagem que está presente em várias decisões e momentos da guerra, porém, Tucídides não focaliza nesse personagem, estando este desempenhando um papel secundário. Somente em *Thuc.* 5.16.1 que o historiador irá fazer menção ao sucesso de Nícias como comandante, mas não há nenhuma indicação de que o sucesso foi necessariamente proveniente de uma boa liderança.

<sup>42</sup> Segundo Aristóteles (1356a2), há três meios de persuasão que são dependentes da arte. São elas: a persuasão por meio do caráter (*éthos*) do orador, a que leva certa disposição de espírito (*páthos*) ao auditório, e a que está no próprio discurso (*lógos*) em relação ao que demonstra ou parece demonstrar.

oradores com grande experiência e consulares. Ademais, a escolha de Cícero por esses personagens, como disserta Scatolin (2009), é consequência da construção do *éthos* proveniente da vida deles, ou seja, infere-se que o *éthos* adquirido por Antônio e Crasso em suas vidas reais possa ter exercido influência para a escolha deles, como personagens, no diálogo do *Do Orador*, de Cícero.

É importante levar em consideração esses dois pontos de vista em relação à construção do *éthos* do orador, pois o caráter de Nícias será analisado dessas duas maneiras, uma vez que o seu caráter pode estar presente tanto na narrativa de Tucídides, antes de este transcrever o discurso direto, quanto nos próprios discursos retóricos. Em relação ao primeiro, podemos considerá-lo como uma qualidade prévia do que teríamos a respeito de Nícias, e, quanto ao segundo, podemos observar que grande parte do *éthos* de Nícias provém de aspectos que podem ser encontrados na *Retórica* aristotélica, principalmente no que concerne ao *éthos* que o orador constrói ao longo de seu discurso, como a prudência (φρόνησις), a virtude (ἀρετή) e a benevolência (εὐνοια) (*Rh.* 1378a10).

Dos discursos que Tucídides atribui a Nícias, há dois discursos deliberativos (*Thuc.* 6. 9-14; e 6. 20-23) e três exortativos (*Thuc.* 6. 68; 7. 61-64; e 7. 77). Além disso, há também transcrito um registro escrito de Nícias em forma de carta (*Thuc.* 7. 11-15). Portanto, neste capítulo, primeiramente, a análise do *éthos* de Nícias concentrar-se-á nos discursos deliberativos, bem como será observado como Tucídides apresenta seu caráter por meio de sua narrativa, a fim de verificar quais características constituem o *éthos* do personagem em questão. Por fim, a análise do *éthos* de Nícias centrar-se-á nos discursos exortativos, de modo a observar se o caráter permanece o mesmo ou não.

## 2.1 AS DELIBERAÇÕES DE NÍCIAS

Na *História da Guerra do Peloponeso*, somente há dois registros de discursos deliberativos de Nícias, que estão transcritos no livro 6 (9-14; 20-23), sendo o primeiro com o objetivo de dissuadir os Atenenses a não partirem para a expedição à Sicília, e o segundo acerca dos recursos necessários para tal empreitada. Nessas duas deliberações, verifica-se um traço em comum: a dissuasão. Nícias, então, seria um personagem que delibera com o objetivo de dissuadir seus ouvintes. Além disso, em ambos os discursos, verifica-se, à primeira vista, a qualidade da temperança/da prudência (ou sensatez), ou seja, Nícias demonstra ser uma pessoa



contida ao fazer suas deliberações. Segundo Aristóteles (*Rh.* 1362b15), o indivíduo que tem a qualidade da temperança (σωφροσύνη) será aquele que toma precauções, não agindo por impulso. Para o filósofo, essa qualidade é positiva, pois ele a considera ser uma das virtudes da alma.

Aristóteles, na sua obra *Ética a Nicômaco*, descreve com mais profundidade a respeito da temperança. Em um contexto deliberativo, por exemplo, a temperança (σωφροσύνη) garante a sensatez (φρόνησις), e a sua garantia, por sua vez, é a concepção de bem para a coletividade (*Nic. Eth.* 1140b13). Para o filósofo, a pessoa sensata tem a capacidade de deliberar acerca das coisas que são boas para si próprio, não de um modo particular, mas das que concernem ao viver bem em geral (*Nic. Eth.* 1140a25). Para tanto, a sensatez seria “uma disposição prática de acordo com o sentido orientador e verdadeiro em vista do bem e do mal Humano” (*Nic. Eth.* 1140b5), ou seja, o fim da ação não será diferente da própria ação (o próprio agir bem é o objetivo final).<sup>43</sup>

A título de exemplo, Nícias, no proêmio de seu primeiro discurso, demonstra ser um indivíduo prudente e que espera o mesmo comportamento de sua audiência (*Thuc.* 6. 9.3):

Mas eu vou mostrar-vos que não só a vossa precipitação [σπεύδετε] não ocorre no momento oportuno, mas também que não é fácil obter aquilo que tão empenhados [ώρμησθε] estais em alcançar.

Nesse trecho, verifica-se que Nícias julga que os Atenienses se comportam de maneira precipitada, rápida (σπεύδετε), em relação à expedição, uma vez que eles já demonstravam estar fortemente empenhados (ώρμησθε) para tal empreitada. Convém destacar esse verbo conjugado ώρμησθε, porque ele aparece em outros momentos<sup>44</sup> para descrever as reações ou sensações da audiência, uma vez que o verbo ώρμᾶν significa “iniciar algo, agitar, excitar”. Além disso, é importante salientar que o assunto da deliberação de Nícias era definir o que era necessário para equipar os navios e para votar pelo que os estrategos pediam para a

---

<sup>43</sup> Para Aristóteles, a pessoa que delibera é alguém absolutamente sensata, pois ninguém pode deliberar acerca de entes que não podem ser de outra maneira e que nem temos o poder de agir. A sensatez não pode ser um conhecimento científico e nem uma perícia, pois, no primeiro caso, o que acontece no horizonte da ação pode ser diferente, e, no segundo, porque o gênero da ação é diferente do da produção. Desta forma, a sensatez será uma disposição prática, na qual o fim da produção será diferente da produção do fim, mas que o fim da ação não poderá ser diferente da própria. Segundo Aristóteles (*Nic. Eth.* 1140a31), Péricles é sensato porque é capaz de ver as coisas boas para si próprio, em particular, e para os homens.

<sup>44</sup> cf. *Thuc.* 6. 24.2 (ώρμηστο); 6. 20.1 (ώρμημένους). Hornblower (2008) sugere que a repetição do verbo ώρμᾶν reforça a obstinação e irracionalidade do impulso. Kundera (2009), por sua vez, argumenta que a guerra ocorre sem motivos notáveis, sendo motivada por uma “vontade por vontade”, ou seja, a partir de uma motivação irracional.

referida expedição, porém, ao deparar-se com uma audiência já decidida a favor da expedição, ele julga esse comportamento imprudente e prefere deliberar com o objetivo de dissuadir os Atenenses, com argumentos que mostrassem que a atitude deles não era a correta. Nícias, então, apresenta-se como alguém capaz de calcular de modo correto a forma de se atingir um objetivo final sério (*Arist. Nic. Eth.* 1140a28).

A segunda deliberação de Nícias apresenta uma série de argumentos utilizados para dissuadir os Atenenses, mostrando várias dificuldades que eles iriam enfrentar. O orador menciona que eles deveriam partir com uma grande tropa, caso eles quisessem conseguir uma vitória digna na guerra (*Thuc.* 6. 21.1), e, além disso, ele assinala a questão do dinheiro, pois deveriam levar em grande quantidade (6. 22.1). Tais argumentos de Nícias, segundo Tucídides (6. 24.1), foram ditos com a finalidade de dissuadir os Atenenses ou de partir com segurança à expedição.

Desta maneira, tanto na primeira deliberação quanto na segunda, pode ser identificado um traço em comum: o da dissuasão. Na narrativa de Tucídides e nos discursos deliberativos, é possível observar indícios de que Nícias objetiva a dissuasão de sua audiência, uma vez que ela já está previamente decidida pela expedição. Em vista disso, convém demonstrar como Tucídides representa Nícias antes de transcrever seus discursos.

### 2.1.1 O *Éthos* de Nícias na Narrativa de Tucídides

Antes da primeira deliberação de Nícias, Tucídides relata que os Atenenses, após eles e os Egesteus voltarem da Sicília, estando estes com o dinheiro para pagar os sessenta navios que aqueles iam mandar em seu auxílio, votaram pelo envio desses navios, tendo como comandantes Nícias, Alcibíades e Lâmaco (*Thuc.* 6.8.1-2).

Após a decisão favorável de partirem para a Sicília, no quinto dia após a respectiva votação, houve outra assembleia para deliberarem a respeito do que era necessário para equipar os navios e para votar pelo que os estrategos pediam para a expedição. Antes do discurso de Nícias, Tucídides faz a seguinte introdução (*Thuc.* 6. 8.4):

E Nícias que contra sua vontade [ἀκούσιος] fora escolhido, julgando que a cidade não tinha tomado a decisão certa [οὐκ ὀρθῶς], a qual, com fundamento num pretexto de pouca importância, mas aparentemente correto, pretendia de facto tomar toda a Sicília, empreendimento de monte, quis dissuadi-los

[ἀποτρέψαι ἐβούλετο] e avançando deu aos Atenienses o seu parecer [παρήνει τοῖς Ἀθηναίοις]:

Primeiramente, Nícias fora escolhido contra sua própria vontade (ἀκούσιος) para a expedição à Sicília.<sup>45</sup> Para tanto ele não somente queria aconselhar os Atenienses (παρήνει τοῖς Ἀθηναίοις), mas ele também queria dissuadi-los (ἀποτρέψαι ἐβούλετο), visto que ele não concordava com essa expedição. Assim, ao verificar que a cidade tomara uma decisão de forma incorreta (οὐκ ὀρθῶς), o orador demonstra ser uma pessoa sensata, por julgar a atitude dos Atenienses precipitada.

Após a deliberação de Alcibíades, Nícias não obteve o resultado esperado de sua audiência, pois os Atenienses estavam mais desejosos pela expedição. Antes da segunda deliberação de Nícias, Tucídides apresenta as seguintes considerações (*Thuc.* 6. 19):

Estas foram as palavras de Alcibíades. E os Atenienses [...] estavam muito mais do que antes inclinados a favor da expedição [ὄρμητο στρατεύειν]. 2. E Nícias sabendo que não podia mais dissuadi-los [ἀποτρέψειε] com os mesmos argumentos, mas podia talvez modificar [μεταστήσειεν] a resolução deles por meio da quantidade do armamento necessário, se o fizesse de considerável grandeza, avançou de novo e disse o seguinte [ἔλεγε τοιάδε]:

Novamente, Tucídides apresenta Nícias como alguém que queria dissuadir sua audiência, porém, para atingir tal objetivo, deveria mudar seus argumentos, a fim de mudar (μεταστήσειεν) a decisão que já estava decretada. Para tanto, o assunto de sua segunda deliberação era a respeito da insuficiência de armamento e recursos para a expedição, e, segundo Tucídides (6. 24.1), Nícias, ao utilizar esses argumentos, ou dissuadia (ἀποτρέψειεν) os Atenienses ou partiria à Sicília com mais segurança (ἀσφαλῶς) pelo menos, ou seja, caso ele não conseguisse mudar a decisão de sua audiência, ele partiria à Sicília de forma prudente. Entretanto, esse último discurso de Nícias surtiu efeito contrário, e os Atenienses ficaram com mais vontade de partir para a Sicília (*Thuc.* 6. 24.2-3):

E eles não perderam nada o intenso desejo [ἐπιθυμοῦν] de realizar a expedição, apesar das complicações dos preparativos, e tornaram-se ainda mais impacientes [μᾶλλον ὄρμητο], sendo o resultado final para Nícias o contrário do que ele pretendia. Na verdade, parecia-lhes que ele tinha feito boas recomendações e agora tudo ia ter mais segurança. 3. Um desejo imenso [ἔρως] de navegar para a Sicília apoderou-se de todos eles igualmente, os mais velhos convencidos de que ou dominavam os lugares contra os quais iam

<sup>45</sup> Hornblower (2008) sugere a leitura de Dover (1965) em relação à falta de vontade de Nícias. O seu comportamento não indicava que ele não queria exercer a função de comandante. Nícias somente não queria aquela função em particular. (DOVER. *Thucydides Book VI*, 1965).

navegar, ou nada podia fazer cair tamanha força; os que estavam na idade de servir, tinham o desejo de ver longínquas paragens e panoramas e ao mesmo tempo tinham a esperança de voltar sãos e salvos; o grosso da multidão e o exército na situação presente, a perspectiva de ganhar dinheiro e aumentar as forças de guerra o que seria para eles inesgotável fonte de rendimento.

Verifica-se que a decisão dos Atenenses não mudou em relação à expedição. Antes de sua primeira deliberação, Nícias encontra seus ouvintes entusiasmados (cf. ὄρμησθε) com a expedição à Sicília, e, após seu último conselho, a audiência fica com mais vontade ainda de partir para a referida empreitada (μᾶλλον ὄρμηντο) – o verbo ὀρμᾶν aparecendo novamente. Segundo Sebastiani (2015), ao estar diante de uma cidade arrebatada pelo ἔρωσ, os argumentos de Nícias não tinham mais valor. Deste modo, de acordo com Tucídides, Nícias não consegue mudar o ânimo de sua audiência.<sup>46</sup>

### 2.1.1.1 Os Verbos παραινεῖν e λέγειν

Tucídides utiliza alguns verbos *dicendi* para introduzir os discursos retóricos. Devido aos indícios de caráter que podem ser encontrados nessas introduções de discursos, uma vez que é possível identificar algumas características de determinados personagens nessas introduções, convém apresentar algumas considerações acerca desses verbos.

A partir das duas passagens nas quais Tucídides introduz os discursos deliberativos de Nícias, verifica-se o uso de dois verbos: o παραινεῖν (*Thuc.* 6. 8.4) e o λέγειν (*Thuc.* 6, 19.2). Para o primeiro, “dar o parecer” ou “dar conselhos” são propostas de tradução, e esse verbo poderá ser encontrado em contextos deliberativos, pois ele irá aparecer em outras introduções de deliberações que estão transcritas na *História da Guerra do Peloponeso*, como, por exemplo, antes da deliberação de Alcibíades, cujo conteúdo irá convencer os Atenenses a partirem para a referida expedição: “Alcibíades adiantou-se então e deu aos Atenenses os seguintes conselhos [τοῖς Ἀθηναίοις παρήνει τοιάδε:]” (*Thuc.* 6. 15.5). O segundo, por sua vez, apesar de sua significação mais generalizada, a saber, “falar” ou “dizer”, aparece também em contextos deliberativos. Contudo, Tucídides, antes de introduzir os discursos deliberativos com o verbo λέγειν, normalmente irá complementá-lo com alguma qualificação para o sujeito ao qual atribui

---

<sup>46</sup> Além dos discursos deliberativos e exortativos, Nícias também não consegue persuadir os seus leitores através da carta que escreveu aos Atenenses, solicitando seu afastamento da guerra devido à sua enfermidade (*Thuc.* 7. 11-15).

o discurso. Antes do discurso de Atenágoras, por exemplo, Tucídides escreve o seguinte: “E Atenágoras, que era o cabecilha do povo [δήμου [...] προστάτης] e ao mesmo tempo o mais persuasivo para muitos [πιθανώτατος τοῖς πολλοῖς], avançou e disse [ἔλεγε] o seguinte” (*Thuc.* 6. 35.2). Nesse trecho, então, verifica-se que Tucídides, antes de transcrever a fala de Atenágoras, relata que ele fala, em um sentido deliberativo, mas o qualifica também como o cabecilha do povo, o líder (δήμου προστάτης), e como o mais persuasivo para muitos (πιθανώτατος τοῖς πολλοῖς).

Outro exemplo com o verbo λέγειν aparece antes de outra deliberação de Alcibíades, porém o verbo está circunstanciando o momento, pois ele encontra-se conjugado no particípio: “Então Alcibíades, avançando, incitou [παρώξυνέ] os Lacedemônios e instigou-os dizendo [ἐξώρμησε λέγων] o seguinte:” (*Thuc.* 6. 88.10). Novamente, aparece o verbo ὀρμᾶν, mas sob a forma ἐξορμᾶν (ἐκ + ὀρμᾶν), que tem o sentido de “excitar para uma ação”. No caso de Alcibíades, Tucídides menciona que ele não deliberou, no mesmo sentido que o παραινεῖν, mas que ele incitou (παρώξυνε) e instigou (ἐξώρμησε) seus ouvintes, ou seja, segundo o historiador, as palavras dele podem ter gerado certo *páthos* em seus ouvintes. Esse fato pode ter acontecido, visto que, após a deliberação de Alcibíades, Tucídides declara que os Atenenses ficaram a ainda mais excitados para a expedição [ὄρμηγτο στρατεύειν] (*Thuc.* 6. 19.1).

Quando o verbo λέγειν aparece na introdução que Tucídides faz da segunda deliberação de Nícias, é interessante verificar que os verbos utilizados para qualificar as palavras de Nícias pertencem ao campo semântico da mudança de ideia, pois ele não podia dissuadir (ἀποτρέψειε) os Atenenses com os mesmos argumentos, mas poderia mudar (μεταστήσειεν) a decisão deles deliberando sobre a falta de armamento e recursos (*Thuc.* 6. 19.2). Dessa forma, verifica-se que Nícias, de acordo com Tucídides, é um personagem que delibera com o objetivo de mudar a opinião já estabelecida.<sup>47</sup> Na sua primeira deliberação, em que o assunto a ser abordado era a decisão do que era necessário para equipar os navios e para votar pelo que os estrategos pediam para a expedição, Nícias resolve tentar dissuadir seus ouvintes a não irem para a Sicília, visto que os Atenenses já haviam decidido partir para a empreitada. Na sua outra deliberação, Nícias, por sua vez, ao observar que não era possível

<sup>47</sup> Segundo Rocha (2008), o episódio do Debate de Mitilene (*Thuc.* 3. 36-49) apresenta a oratória como um tema subjacente. Diodoto e Cleon concordam que os Atenenses se comportam passivamente, enquanto ouvintes, ou ficam entusiasmados perante os discursos de bons oradores. Em ambos os discursos, é traçada a imagem dos Atenenses como uma audiência inconstante: Cleon destaca a passividade pela qual eles entram no jogo de palavras do orador, ao passo que Diodoto lembra elogios que ocorriam antes dos discursos na Assembleia.

dissuadir os Atenienses, tenta, novamente, mudar a decisão a fim de fazê-los desistirem da expedição à Sicília ou partir com cautela, pelo menos.

Para Tucídides, Nícias não somente dá conselhos (παραινή) ou diz certas palavras (λέγει τοιάδε) aos seus ouvintes, como Alcibíades e Hermócrates,<sup>48</sup> mas ele tenta dissuadir seus ouvintes (ἀποτρέπει) por meio dos seus discursos, por mais que não consiga atingir tal objetivo. Nícias é apresentado como alguém que dissuade a fim de mudar a opinião dos Atenienses em relação à expedição contra a Sicília, a fim de preservar sua segurança, caso não consiga dissuadi-los. Trata-se do general que encarna a prudência, em oposição a Alcibíades, no caso da Sicília.

Esse *éthos* prudente de Nícias aparece tanto na narrativa tucidideana quanto nas transcrições de suas deliberações. Desta forma, convém analisar como o *éthos* de Nícias é construído ao longo de suas deliberações, de modo a identificar, de certa forma, elementos que exprimem a falta de êxito dos argumentos utilizados por Nícias para dissuadir os Atenienses em relação à expedição à Sicília.

### 2.1.2 O *Éthos* em Relação à Maturidade dos Personagens

O *éthos* de Nícias pode ser consequência de sua idade, pois ele encontra-se na sua maturidade, e a prudência, para os Gregos do período clássico, é característica de alguém que está no auge da idade madura. Ao analisar as deliberações de Nícias, verifica-se, primeiramente, que sua prudência pode estar relacionada diretamente com sua maturidade, o que tem relação também com outros caracteres, como a coragem e a covardia. Em *Thuc.* 6. 12.2, Nícias demonstra seu caráter prudente, além de fazer uma crítica direta a Alcibíades:

E se alguém aqui, radiante por ter sido escolhido como comandante, vos aconselha a navegar para a Sicília, tendo em consideração somente o seu próprio interesse, mas sendo ainda muito novo [νεώτερος] para comandar, e para provocar admiração devido aos cavalos que cria, atividade dispendiosa, vier a obter algum proveito no exercício do comando, não lhe entreguem a cidade, pondo-a em perigo, para ele se notabilizar como indivíduo. Pensai que tais homens não só arruinam o estado, mas também esbanjam o seu patrimônio pessoal. Isto é na realidade um assunto de enorme importância e não é para

<sup>48</sup> “Hermócrates, filho de Hérmon, porque pensava que sabia claramente o que se passava, avançando falou e deu-lhes o seguinte conselho [ἔλεγε καὶ παρήγει τοιάδε]” (*Thuc.* 6. 32.3). Nesse exemplo, há a ocorrência dos dois verbos, e, além disso, são atribuídas algumas qualificações em relação a Hermócrates, como sua genealogia e sua opinião (σαφῶς οἰόμενος).

ser decidido por pessoa tão jovem [νεωτέρω], nem para ser manipulado com precipitação [ὀξέως].

Nessa passagem, Nícias demonstra prudência por não querer que os Atenienses entreguem a cidade, pondo-a em perigo, a alguém que só quer se notabilizar enquanto indivíduo, não estando preocupado com os interesses coletivos. Em relação a isso, o poder Ateniense não poderia correr riscos de modo que somente uma pessoa se sobressaísse entre eles, e, nesse caso, seria Alcibíades. Segundo Kallet (2001), Tucídides expõe de forma negativa a importância do dinheiro para os Atenienses, quando este, na esfera pública e militar, estaria sendo utilizado para uma vantagem individual. É assim que Nícias critica a riqueza de Alcibíades, pois esta somente era utilizada para fins individuais e para destacar sua reputação, ou seja, a audiência não deveria ser levada por palavras ditas por uma pessoa que tinha um caráter desse tipo.

Esse interesse individualista pode estar relacionado à idade de Alcibíades, visto que Nícias o caracteriza como uma pessoa jovem (νεώτερος). Aristóteles enumera várias características de uma pessoa jovem, e, dentre elas, podemos destacar que os jovens são mais corajosos, pois são impulsivos e otimistas, segundo o filósofo. Além disso, quanto à maneira de agir, os jovens preferem o belo ao conveniente (*Rh.* 1389a41). Tendo isso em vista, pode-se inferir que Nícias critica Alcibíades por este estar interessado somente em se notabilizar enquanto indivíduo, e que, por ser jovem, age impulsivamente, podendo colocar em risco a cidade, ou seja, um bem coletivo, uma propriedade comum. Dessa forma, Alcibíades, para Nícias, estaria deliberando para algo não conveniente, pois, de acordo com Aristóteles (*Rh.* 1362a24), o conveniente (τὸ συμφέρον) é a finalidade do discurso deliberativo.

Alcibíades, por sua vez, segundo Tucídides (6.15.2), encorajava os Atenienses para a expedição e queria opor-se a Nícias, não só por causa de questões políticas, mas também porque desejava fortemente (ἐπιθυμῶν) ser comandante e tinha esperança de que Sicília e Cartago seriam dominados sob o seu comando. Tucídides, então, representa Alcibíades como alguém movido pelas emoções, pois o verbo ἐπιθυμεῖν significa “desejar fazer algo, cobiçar, ter ânsia, almejar”, dentre outros sinônimos. Pode-se dizer que o *éthos* característico de uma pessoa jovem, segundo Aristóteles, corresponde às ações e relatos que Tucídides atribui a Alcibíades.

Dessa maneira, em resposta à crítica de Nícias em relação à sua idade, Alcibíades, em seu discurso, diz as seguintes palavras (*Thuc.* 6. 17.1-2):

Portanto, a minha juventude [ἡ ἐμὴ νεότης] e aquilo que parece ser a minha extraordinária falta de bom senso fizeram frente ao poder dos Peloponésios com argumentos apropriados e convenceram-nos com ardor [ὄργῃ], que inspirava confiança [πίστιν]. Não receeis isto agora e, enquanto eu estou na flor da idade [ἀκμάζω] e Nícias parece ser favorecido de boa sorte [εὐτυχῆς δοκεῖ εἶναι], utilizai os serviços de cada um de nós. [2] Não mudeis agora a vossa resolução sobre a expedição à Sicília, porque esta é muito poderosa.

Ao verificar esse trecho do discurso de Alcibíades, verifica-se claramente o contraste que havia entre o jovem e o velho. Segundo o discurso de Alcibíades, sua juventude já havia sido diferencial na guerra contra os Peloponésios, pois seus argumentos inspiraram ardor (ὄργῃ) e confiança (πίστιν). Segundo Romilly (1996), Alcibíades teria desempenhado papéis importantes na política, reivindicando aos jovens o direito de intervenção para oferecer conselhos úteis. Segundo a autora, na Atenas do século V a.C., eram comuns alusões de conflito entre jovens e velhos em peças teatrais. De fato, na tragédia de Ésquilo, *Os Persas* (datado de 472 a.C.), esse conflito aparece no diálogo entre o falecido rei Dario e seu filho, Xerxes, como pode ser observado na seguinte fala do pai (*Pers.* v. 779-83):

Eu então logrei a sorte tal qual a quis,  
E fiz vastas expedições com vasto exército:  
mas não lancei tamanho mal sobre o país.  
Xerxes, meu filho, novo, pensa novidades [ὄν νέος νέα φρονεῖ]  
e não se lembra de minhas instruções.<sup>49</sup>

Após a desastrosa expedição de Xerxes, o rei Dario descreve que seu filho, por ser jovem (νέος), age diferentemente do que ele, visto que sua sensatez (φρόνησις – substantivo do verbo φρονεῖ) é correspondente a de um indivíduo novo (νέα). A falha na expedição de Xerxes, segundo seu pai, é consequência da falta de prudência de seu filho, pois “ele [Xerxes] supôs não com prudência [οὐκ εὐβουλίᾳ] que superaria/ Posídon e todos os Deuses” (*Pers.* v. 749). Nesse caso, o termo utilizado, εὐβουλίᾳ, que significa “bom conselho, solidez de julgamento ou prudência”, pode estar se referindo ao fato de que Xerxes, por não ter tido um bom conselho antes da expedição, não foi bem-sucedido. Em resumo, a falta de conselho ocasionou a imprudência, e, conseqüentemente, a derrota de Xerxes.

Desta forma, verifica-se como a idade influenciava para a construção do caráter do orador. Por um lado, temos Nícias, com sua maturidade, e, por outro, Alcibíades, com sua juventude. Segundo Aristóteles (*Rh.* 1389a4), os jovens, em termos de caráter, são propensos aos desejos passionais e têm tendência a fazer o que desejam. Além disso, eles gostam de

<sup>49</sup> Tradução de Jaa Torrano (2009).



honorarias, e, sobretudo, de vitórias; têm bom caráter, pois ainda não viram muitas maldades; e são mais corajosos do que em outras idades, sendo impulsivos e otimistas. Em relação à maturidade, o caráter é intermediário. Segundo o filósofo (*Rh.* 1390a34), o caráter da maturidade é a justa medida entre os caracteres do jovem e do idoso. O homem maduro não será confiante em tudo, mas também não será totalmente desconfiado, e, enquanto os jovens são valentes e os idosos, covardes, o homem maduro tem temperança em sua coragem.

Tendo em vista essas considerações, outra característica de uma pessoa madura pode ser identificada nas deliberações de Nícias: é a questão da confiabilidade. Nícias, ao dizer que os Egesteus usam apenas palavras para iniciar uma guerra (*Thuc.* 6. 9.1), demonstra incerteza quanto ao conteúdo verdadeiro do que esse povo dissera aos Atenienses. Não há transcrito discurso de algum Egesteu pedindo auxílio aos Atenienses em relação à expedição para a Sicília, porém Tucídides relata que os Egesteus e alguns embaixadores Atenienses falaram coisas fascinantes e não verdadeiras (ἐπαγωγὰ καὶ οὐκ ἀληθῆ), e que haveria muito dinheiro disponível nos templos e tesouro público (*Thuc.* 6. 8.2). Essa ênfase de Tucídides no conteúdo fascinante e não verdadeiro dos discursos dos Egesteus reforça o sentido que ainda está por vir, uns capítulos mais tarde, da correção da avaliação de Nícias sobre o momento.

A coragem de Nícias não será correspondente à de um jovem. Com efeito, ele tenta convencer de que a temperança pode ser a melhor saída para a referida expedição (*Thuc.* 6. 13.1):

Quando eu os vejo agora aqui sentados, instigados por este homem, encho-me de receio [φοβοῦμαι] e exorto [ἀντιπαρακελεύομαι] os homens mais velhos em sentido contrário a não se envergonharem [μὴ καταισχυρῶσθαι], mesmo se algum está sentado junto destes, de parecer covarde [μαλακὸς] se não votar pela guerra.

Nícias, então, com sua temperança, tenta desencorajar os Atenienses para não partirem para a expedição, alegando que essa atitude não é considerada uma covardia. Para tanto, seus argumentos são construídos de modo a mostrar que a expedição não um empreendimento fácil, contudo Alcibíades, implanta coragem nos Atenienses, demonstrando o contrário. O tom de Alcibíades para essa manobra é de crítica à audiência, visto que, segundo ele, o povo da Sicília não está protegendo a cidade e, por pertencer a várias origens, aceita facilmente mudanças políticas (*Thuc.* 6. 17.2):

Não mudeis agora a vossa resolução sobre a expedição à Sicília, porque esta é muito poderosa. Na verdade, ali as cidades são povoadas por gente de muitas origens, e os cidadãos facilmente aceitam mudança e adotam novas normas. Por esta razão, nenhum deles está armado como estaria para proteger a terra onde nasceu ou a si próprio, nem tem investimentos permanentes para desenvolver a terra de que dispõe, mas aquilo que cada um pensa poder obter dos bens públicos, ou por palavras persuasivas ou sedição, isso ele toma, e se não for bem-sucedido, vai viver para outra terra.

Alcibíades tem os atributos da pessoa jovem. A facilidade com a qual ele representa a expedição à Sicília instiga sua audiência através de sua ousadia e coragem. Apesar de toda a prudência – caráter proveniente de sua maturidade – que foi demonstrada na sua primeira deliberação, Nícias observa que os Atenenses estão mais inclinados para partirem para a guerra após a deliberação de Alcibíades, uma vez que ele inicia sua segunda deliberação descrevendo os Atenenses como ὄρμημένους, ou seja, incitados bastante para realizar a expedição (*Thuc.* 6. 20.1).

Neste contexto, Tucídides apresenta a audiência como um público que está empolgado e decidido a favor da expedição à Sicília. O caráter ousado e jovem, representado por Alcibíades, foi decisivo para a decisão favorável à guerra, a ponto da segunda deliberação de Nícias, que objetivava a dissuasão, surtir efeito contrário.

Após ter observado que a prudência se mostra como caráter do homem maduro, convém apresentar, nesta sessão, os assuntos sobre os quais Nícias demonstra prudência. A prudência de Nícias, então, aparecerá principalmente em questões referentes ao corpo e às posses.

### 2.1.3 A Preocupação em relação ao Corpo e às Posses

Os Atenenses, quando voltaram da Sicília com os Egesteus, estando estes com o dinheiro para pagar os sessenta navios, votaram favoravelmente pelo envio desses navios para auxiliá-los, tendo Nícias, Alcibíades e Lâmaco como comandantes (*Thuc.* 6. 8.1-2). Após essa decisão favorável de partirem para a expedição à Sicília, a assembleia foi reunida novamente para deliberarem a respeito do que era necessário para equipar os navios e votar pelo que os estrategos pediam para a expedição. Nesse dia, Nícias e Alcibíades discursaram e, segundo Tucídides (*Thuc.* 6. 8.4), Nícias fora escolhido contra sua vontade, pois julgava que os Atenenses não haviam tomado a decisão correta, visto que esta fundamentava-se em um

pretexto de pouca importância. Dessa forma, Nícias iniciou seu discurso da seguinte maneira (*Thuc.* 6. 9.1-2):

Esta assembleia foi convocada para discutir os nossos preparativos e o que é necessário para a expedição à Sicília. Por minha parte, contudo, parece-me que devemos reconsiderar tudo isto com mais cuidado e perguntar se é de facto melhor mandar os navios, sem quase termos deliberado sobre matéria de tão grande importância, persuadidos apenas por palavras de estrangeiros, a iniciar uma guerra que não nos diz respeito. 2. E, no entanto, de tal empresa recebo honras e estando eu menos receoso pela minha integridade física do que outros estão, julgo, no entanto, que é igualmente bom cidadão aquele que toma precauções em relação à sua integridade física e à sua propriedade [νομίζων ὁμοίως ἀγαθὸν πολίτην εἶναι ὃς ἂν καὶ τοῦ σώματος τι καὶ τῆς οὐσίας προνοῖται]. Vou sim dizer aquilo que penso ser o melhor para a nossa cidade.

Nícias, no início de seu discurso, apresenta algumas informações acerca do que Aristóteles considera ser o fim da deliberação, que é a felicidade, e do objetivo da mesma, que é o bom e o conveniente. Como já dito, o conveniente (τὸ συμφέρον) é o objetivo de quem delibera (*Arist. Rh.* 1362a24). As pessoas deliberam sobre os meios que conduzem para o fim, que é a felicidade (ἡ εὐδαιμονία) (*Rh.* 1360b6). Para tanto, os meios que conduzem para a felicidade são o que é conveniente sobre as ações, e o conveniente, segundo o filósofo, é bom.

A imagem de bom cidadão (ἀγαθὸν πολίτην) para Nícias é a daquele que toma precauções em relação à sua integridade física e à sua propriedade (ὃς ἂν καὶ τοῦ σώματος τι καὶ τῆς οὐσίας προνοῖται). O verbo προνοῦσθαι significa “providenciar, tomar precaução de algo”, significado este que se aproxima do verbo φρονεῖν, cujo significado, por sua vez, é “ser prudente, ter em mente algum propósito, ser sábio, compreender” etc. Ambos os verbos têm em seu significado o pressuposto de pensar antes de uma ação, e, no caso do φρονεῖν, especificamente, é a ação da pessoa contida, ou seja, que tem temperança. Ao dirigir aos seus ouvintes essa imagem de bom cidadão, verifica-se que Nícias deliberará de modo a demonstrar que isso é algo bom, visto que a temperança é uma das virtudes da alma, como explicou Aristóteles.

Segundo Aristóteles (*Rh.* 1362b15), a temperança (σωφροσύνη) é uma coisa boa, pois é uma das virtudes da alma. O indivíduo contido será aquele que toma precauções, não agindo por impulso. E, no caso de Nícias, preocupar-se tanto com a integridade física quanto com a propriedade pode ser considerado uma ação que objetiva a felicidade, visto que podemos considerá-las como partes desta. Segundo Aristóteles, a saúde (ὕγιαιον) é uma virtude do corpo (τοῦ σώματος ἀρετάς) (*Rh.* 1360b24), pois ela permite que usemos o corpo sem enfermidade

(*Rh.* 1361b4), e a riqueza (πλοῦτον), enquanto bem seguro,<sup>50</sup> é útil e digna de um homem livre. Ademais, há também outros trechos nos quais aparece a preocupação de Nícias em manter a propriedade (*Thuc.* 6. 10.5):

É necessário, portanto, examinar [σκοπεῖν] estas matérias e não considerar correr riscos por um estado que ainda está indeciso, nem desejar um império antes de assegurar o que temos [...] No entanto, somos rápidos em ir ajudar [ὄξέως βοηθοῦμεν] os Egesteus como aliados.

Podemos observar, nesse trecho, que Nícias utiliza novamente o recurso da prudência para persuadir os Atenienses, pois ele acha necessário examinar (σκοπεῖν) se devem correr risco pelos Egesteus. Para Nícias, os Atenienses estão agindo de forma rápida (ὄξέως) ao aliarem-se aos Egesteus, não levando em conta que devem assegurar o seu império antes de desejar outro. Desta maneira, Nícias retoma a premissa inicial de que o bom cidadão é aquele que toma precauções em relação à propriedade, nesse caso, sinônimo de território.

Além disso, Nícias considera não ser interessante que os Atenienses corram riscos por um povo que ainda está indeciso, e, em relação à união dos Atenienses com os Egesteus, Nícias apresenta as seguintes considerações (*Thuc.* 6. 12.1):

Também é necessário não esquecer que a grande peste e a guerra nos deixaram recentemente em tal situação, que só agora estamos a refazer o nosso patrimônio em riquezas e em homens [ὥστε καὶ χρήμασι καὶ τοῖς σώμασιν ἠὲ ξῆσθαι]. Portanto, é justo usar aqui estes recursos conosco e não com estes exilados [ἀνδρῶν φυγάδων] que reclamam a nossa ajuda.

Nesse trecho, verifica-se que Nícias demonstra estar preocupado com o patrimônio Ateniense. Para ele, é justo que eles utilizem-no consigo próprios, desconsiderando o pedido de ajuda dos Egesteus – aos quais o orador atribui a qualidade de “exilados” (ἀνδρῶν φυγάδων). Segundo Kallet (2001), Tucídides delimita a esfera e os termos nos quais a construção monetária está situada, e, nesse caso, a esfera é pública e militar, e os termos são as suas necessidades e sua acumulação para o propósito do poder naval. Além disso, os líderes da cidade deveriam saber a melhor maneira de obter e de implantar os recursos financeiros nessa esfera. Dessa forma, Nícias expõe que era preferível que os Atenienses mantivessem o seu patrimônio tanto de riquezas (χρήμασι) quanto de homens (σώμασιν), ao invés de utilizá-lo com

---

<sup>50</sup> Aristóteles define segurança como posse de bens em lugares e condições cujo uso está nas mãos do proprietário. Ser rico, para o filósofo, consiste mais em usar do que possuir, pois o uso dos bens é a riqueza (*Rh.* 1383a).

os Egesteus, uma vez que eles estavam em fase de crescimento/de aumento (ηὐξῆσθαι) patrimonial após a peste e a guerra contra os Peloponésios.

Nícias não apresenta preocupação somente em relação ao patrimônio Ateniense, mas também demonstra preocupação caso eles venham a conquistar a Sicília (*Thuc.* 6. 11.7):

Portanto, se formos prudentes [εἰ σωφρονοῦμεν], a nossa disputa não é sobre os Egesteus na Sicília, um povo de Bárbaros [ἀνδρῶν βαρβάρων], mas como vamos vigiar intensamente uma cidade que usando meios oligárquicos intriga contra nós.

Nesse trecho, está evidente a tentativa de Nícias de tornar sua audiência prudente, com utilização de Tucídides do verbo σωφρονεῖν, que significa “ter temperança, ser moderado, mostrar autocontrole, ser contido, discreto”, dentre outros, na primeira pessoa plural. Dessa forma, tanto ele, que já demonstra a qualidade de precavido/contido, quanto os Atenienses precisam ser prudentes se acaso dominarem a Sicília.

Além disso, nessa passagem, Nícias utiliza conhecimento das formas de governo em seu discurso. Segundo Aristóteles (*Rh.* 1365b28), compreender as distintas formas de governo, além de distinguir os seus caracteres, instituições e interesses particulares, é o maior e o mais eficaz de todos os meios para se persuadir, pois, para o filósofo (*Rh.* 1365b32), “todos se deixam persuadir pelo que é conveniente, e o que preserva o Estado é conveniente”.

Novamente, aparece outro qualitativo para os Egesteus, que antes haviam rapidamente sido chamados de exilados. Nícias, desta vez, atribui-lhes a qualidade de bárbaros (ἀνδρῶν βαρβάρων). Que motivos levariam Nícias a julgá-los assim, de forma negativa? Uma das razões que podem ter conduzido Nícias a desqualificar os Egesteus seria sua condição de superior em relação a eles, ou seja, descrevê-los como “exilados” e “bárbaros” são indícios de Nícias estar apresentado, para si mesmo, o *éthos* de quem tem poder, de quem é superior (esse tipo de *éthos* será descrito com mais profundidade na seção 2.2.2 O *Éthos* da Superioridade).<sup>51</sup> Além disso, esses adjetivos negativos podem ter relação com a desconfiança de Nícias perante os Egesteus, pois, em *Thuc.* 6.12.1., ele os chama de mentirosos.<sup>52</sup> Esse traço da desconfiança remete ao caráter da pessoa madura, visto na seção anterior, ou seja, Nícias não confia

<sup>51</sup> Nas orações fúnebres, é também possível identificar o *éthos* do indivíduo superior, pois os estrangeiros, nesse tipo de discurso, desempenham o mesmo papel, a saber, de inferiores ou até mesmo de subordinados (LORAUX, 1994).

<sup>52</sup> Tucídides (*Thuc.* 6.8.2) também não demonstra, em seu relato, confiança nos Egesteus, dizendo que eles falaram coisas aliantes e não verdadeiras ao Atenienses.

plenamente nos Egesteus e, para tanto, ele, em nenhum momento, atribui qualidades positivas a eles.

#### 2.1.4 O *Éthos* que não Persuadiu

Após a análise desses discursos deliberativos, verifica-se que a persuasão de Nícias por meio do seu *éthos* não ocorre de maneira satisfatória. Tucídides representa Nícias como uma pessoa prudente, preocupada com a integridade física, com o patrimônio e com os interesses coletivos. A sua prudência, característica de uma pessoa madura, torna Nícias um personagem diferente, no sentido de que ele delibera a fim de dissuadir seus ouvintes, justamente por causa de sua prudência, pensando nos interesses coletivos. Se for levado em conta que a prudência é uma das virtudes da alma, questiona-se o motivo pelo qual os Atenienses não possam ter sido persuadidos por um *éthos* prudente. Tendo isso em vista, é interessante mencionar algumas considerações que Tucídides descreve após a tomada de Mitilene (*Thuc.* 3.82. 2-5):

Em tempo de paz e de bem-estar, as cidades e os particulares demonstram sentimentos melhores, porque não têm de descer a necessidades tão baixas. A guerra, porém, que os priva da aquisição do que é necessário no dia-a-dia, é um mestre severo, e põe o ódio de muitos a igual nível das circunstâncias adversas em que se encontram. [...] 4. Mesmo as palavras tinham de mudar o seu sentido habitual e adaptarem-se ao que se pensava ser próximo das necessidades. Audácia τόλμα já irracional passou a ser considerada como coragem [ἀνδρεία] fiel; hesitação prudente [σῶφρον], refinada covardia [ἀνάδρου]; moderação [ξυνετόν] é considerada como premeditado jogo sem coragem [ἀργόν] viril; ter visão global das coisas, correspondia a ser incompetente em tudo. Avançar, freneticamente e de cabeça, era considerado digno de um verdadeiro homem; querer decidir com segurança [ἀσφαλεία], não passava de um pretexto bem-falante para se escusar. 5. O homem radical é sempre de confiança, o que se opõe é suspeito. Quem tem sucesso a conspirar, é esperto; quem descobre uma conspiração ainda é mais esperto. Mas providenciar para que nenhum desses cenários seja necessário, é quebrar a palavra: quem impedisse um criminoso de praticar um crime era tão louvado, quanto aquele que encorajasse quem nenhum crime tinha cometido [...]

Com base nessas considerações de Tucídides, verifica-se que a prudência deixa de ser algo vantajoso em contextos bélicos, pois os valores se invertem, ou seja, aquilo que era considerado ruim passa a ser algo bom, mas a prudência e a moderação, que são valores virtuosos, passam a ter conotação negativa. Dessa forma, pode-se inferir que o *éthos* prudente

que Nícias desenvolve através de seus discursos não é bem visto em situações de guerra, sendo a ousadia, a coragem e a audácia qualidades que se sobressaem nesse tipo de contexto. Ao menos, a seleção operada por Tucídides, no sexto livro, em nos mostrar um general prudente malsucedido em suas deliberações, só vem a corroborar sua visão de mundo precário, em crise de valores, no contexto da guerra, conforme o historiador já descrevera no livro três.

Aliás, se pensarmos no todo da obra, é interessante mencionar que não foi somente a prudência de Nícias que não teve êxito para dissuadir a opinião geral. Há outro momento da história tucidideana no qual o *éthos* prudente parece não ter sido também eficaz para persuadir a audiência. No início da *História da Guerra do Peloponeso*, quando o rei Arquidamo e o éforo Estelenaídas deliberam junto dos Lacedemônios com o objetivo de iniciar ou não a guerra contra os Atenienses, ocorre essa relação de coragem e prudência, e, logo, a inversão de valores. Antes de Tucídides transcrever o discurso do rei Arquidamo, ele o caracteriza como um homem moderado (ξυνετός) e sensato (σώφρων) (*Thuc.* 1. 79.2). Dessa forma, espera-se que esse *éthos* irá aparecer durante sua deliberação. Para tanto, no proêmio do rei Arquidamo, tem as seguintes considerações (*Thuc.* 1.80.2-81):

Descobrireis que esta iniciativa, sobre a qual agora deliberais, não se apresentará como a mais insignificante das coisas, se porventura alguém, dotado de prudência [σωφρόνως], sobre ela meditar. [...] Talvez alguns de nós estejam possuídos de coragem [θαρσοίη], porque os ultrapassamos em armamento e em número de soldados e de tal forma que por incursões frequentes poderemos devastar a sua terra? [...] 4. A menos que dominemos o setor naval, ou os privemos dos rendimentos com que apetrecham os navios, estaremos sempre em situação precária [...]

A partir dessa passagem, verifica-se que o cenário para iniciar a guerra contra os Atenienses é parecido com o do início da expedição à Sicília, uma vez que o rei Arquidamo observa que os Lacedemônios estão motivados a guerrear contra os Atenienses, sem terem, porém, uma análise prudente da situação. Segundo o discurso do rei, eles deveriam refletir mais um pouco acerca dessa empreitada, ou seja, agir com prudência. Quanto aos valores que se invertem em contextos bélicos, o rei Arquidamo diz o seguinte: “Que a ninguém pareça tratar-se de falta de coragem o facto de muitas cidades não avançarem rapidamente contra uma só cidade” (*Thuc.* 1.83.1), ou seja, para ele, a melhor decisão para os Lacedemônios seria refletir melhor sobre ir ou não à guerra, e, por fim, ele pede a sua audiência para não se envergonhar da lentidão acerca dessa decisão, e diz: “ter pressa [σπεύδοντες] no princípio, é andar devagar [σχολαίτερον] no fim, devido a ter-se começado a guerra sem preparação [ἀπάρασκευοι], e é por isso que sempre habitamos uma cidade livre e com um nome bem respeitado” (*Thuc.*

1.84.1). Portanto, para o rei Arquidamo, a prudência é considerada um ponto crucial para garantir a vitória em batalha, e ele garante que os Lacedemônios são livres e respeitados devido às batalhas vencidas com prudência.

Por outro lado, o éforo Estenelaidas, que pensava de maneira diferente, disse as seguintes palavras após a deliberação do rei Arquidamo (*Thuc.* 1.86.1-2):

A verdade é que se a sua conduta [a dos Atenenses] contra os Medos foi no seu tempo de grande valor, neste momento, ela é negativa no que nos diz respeito e, por isso, merecem um duplo castigo, visto que outrora bons, hoje em dia se tornaram maus. 2. Nós somos, no entanto, os mesmos, tanto ontem como hoje, e, se tivermos as ideias em ordem, não deixaremos que os nossos aliados sejam prejudicados nem adiaremos [οὐδὲ μελλήσομεν] a vingança dos males que sofreram, visto que já não aguentam o terem de sofrer ainda mais [...]

Nessa passagem, o éforo Estenelaidas delibera com o objetivo de persuadir os Lacedemônios a não perderem tempo em relação à decisão sobre a guerra. Consequentemente, após ouvirem as deliberações do rei Arquidamo e de Estenelaidas, os Lacedemônios decidiram partir para guerra contra os Atenenses, ou seja, a prudência não demonstra ser característica de *éthos* tão persuasivo quanto é a coragem e a ousadia.<sup>53</sup> Nesse exemplo, verifica-se que o caso do rei Arquidamo é parecido com o de Nícias. As deliberações, nas quais transparece o *éthos* do homem em idade madura, com prudência e moderação, juntamente com suas experiências em guerra, não dissuadem a plateia.

Por outro lado, Harris (2014) argumenta que a razão de as deliberações de Nícias não terem dissuadido a audiência se deve ao fato de que a proposta do orador seria ilegal. Para o autor, essa ilegalidade se baseia nos procedimentos rotineiros que eram feitos na Assembleia. Primeiramente, a Assembleia não poderia deixar passar uma ação que não tivesse sido aprovada pelo Conselho, que, por sua vez, decidia se aprovava a proposta, ou se instruía a prítania a introduzi-la para a Assembleia, ou votaria para discutirem a proposta na próxima reunião da Assembleia. Dessa forma, o primeiro discurso de Nícias, ao invés de deliberar sobre os recursos a serem levados à expedição – que era a pauta do dia –, faz uma deliberação com a finalidade de dissuadir os Atenenses, com argumentos que não eram esperados para aquele dia.

Esse argumento é interessante quando aplicados a cada uma das deliberações de Nícias. Na primeira, quando ele utiliza argumentos, baseados em sua prudência, com a

---

<sup>53</sup> Gribble (2006) identifica o par Arquidamo e Estenelaidas como outro caso de individualização na narrativa de Tucídides. Da mesma forma que ocorre com Alcibíades e Nícias, há também duas opiniões divergentes entre o rei e o éforo, visto que há uma divisão política, que gera, por sua vez, a individualização.



finalidade de dissuadir os Atenenses, Nícias não consegue alcançar seu objetivo. Assim, além do carácter prudente, o fato de os Atenenses não estarem esperando ouvir um discurso com argumentos fora da pauta reforça ainda mais a rejeição da audiência. Na segunda deliberação, o argumento da ilegalidade demonstra a sua eficácia, pois, de acordo com Harris (2014), Nícias, ao perceber que não ia dissuadir os Atenenses, ele resolve deliberar acerca dos recursos necessários à guerra – que era o assunto da pauta da Assembleia. Segundo Tucídides (6. 24.1), os argumentos utilizados por Nícias na segunda deliberação tinham como objetivo desanimar os Atenenses, apresentando dificuldades em relação às armas e ao dinheiro. Assim, ou ele conseguia dissuadir a audiência ou pelo menos partiria com segurança. Nesta deliberação, por mais que transpareça o carácter prudente, verifica-se que o fato de Nícias ter deliberado sobre um assunto pautado para a Assembleia possa ter contribuído para seu discurso ter surtido um efeito contrário, visto que sua audiência ficou mais agitada para ir à expedição.

Portanto, após essas considerações, o *éthos* identificado nas deliberações de Nícias é o de uma pessoa preocupada com os interesses coletivos, com o patrimônio Ateniense e com a integridade física. Essa prudência em torno desses aspectos pode estar relacionada com o carácter do homem maduro, visto que Nícias julga a juventude de Alcibíades como algo prejudicial para a expedição à Sicília. Entretanto, a dissuasão de Nícias, por meio do *éthos* prudente, não atinge seu êxito, uma vez que esse tipo de valor, em contextos bélicos, pode ser considerado algo não vantajoso, levando os ouvintes a serem persuadidos por deliberações, cujo conteúdo é transmitido através de um *éthos* de coragem, como o de Alcibíades e o de Estenelaidas.

## 2.2 AS EXORTAÇÕES DE NÍCIAS

Nesta sessão, será analisado como o *éthos* de Nícias é construído a partir de suas exortações. Visto que os manuais de retórica antigos não contemplam esse gênero discursivo, convém apresentar algumas considerações acerca das características desse tipo de discurso, de modo a verificar o assunto a ser tratado e a sua finalidade.

As exortações são discursos que são pronunciados momentos antes de uma batalha, tendo como principal finalidade o encorajamento de seus ouvintes – os guerreiros – para lutarem. A coragem, segundo Aristóteles (*Rh.* 1366b12), é uma virtude que permite os homens a realizarem ações nobres em situações de perigos – neste caso, na guerra. Além disso, esse tipo

de discurso pode apresentar outro tipo de função: a transmissão da estratégia de batalha. O gênero exortativo é um dos tipos de discurso que Cícero cita no *Do Orador* que não é abordado nos manuais de retórica antigos. De fato, na tradição, na *Retórica* de Aristóteles, por exemplo, são descritos somente os três gêneros discursivos canônicos, a saber, o deliberativo, o epidíctico e o judiciário, que se distinguem em relação aos elementos que compõem o discurso, ao tempo e à finalidade.

Acerca da caracterização do gênero exortativo, Assunção (2010) estuda a crítica feita aos discursos nos discursos de desafio na *Ilíada*. Nesse estudo, ele procura descrever o discurso exortativo – que o autor chama de discurso de desafio –, a fim de encontrar a qual tipo de gênero discursivo ele pertencia e qual seria o objetivo ou a finalidade dele dentro do contexto narrativo no poema homérico. A exortação na *Ilíada*, nesse caso, pode ser vista de uma maneira abrangente, pois ela pode estar presente tanto nas provocações entre os aliados quanto nas feitas aos inimigos. Para tanto, quando o discurso de desafio e de provocação é direcionado aos aliados ou aos inimigos, o locutor visa um efeito prático, que é estimulá-los ou excitá-los ao combate. Agamêmnon, a título de exemplo, provoca seus aliados a fim de excitá-los ao combate, como pode ser observado nos seguintes versos (*Il. IV. 399-414*):

‘[...] Não é tão bravo seu filho [Diomedes] porém na água excele’. Falou e calou-se Diomedes, respeitoso à censura do rei. O Capaneide Estêlono, então, retorquiu: ‘Atreide, sabedor do dito claro, por que mentes? De exceder nossos pais nos gloriamos! Fomos nós de temos Tebas-Sete-Portas, baluarte votado a Ares, comandando menos tropas, porém seguindo presságios divinos e confiados em Zeus. De orgulho ensandecidos, os pais tombaram. A eles não nos comensures!’ Mas Diomedes, o forte, olhando de través, torvo, falou: ‘Amigo, silencia. Escuta-me: contra o pastor-de-povos, Agamêmnon, rei, não me insurjo, pois ele incita a combater [ὄτρύνοντι μάχεσθαι] os Gregos, belas-cnêmides [...]’<sup>54</sup>

Nessa passagem da *Ilíada*, Agamêmnon compara Diomedes ao seu pai, Tideu, de forma negativa. Segundo Assunção (2010), o silêncio de Diomedes representa a eficácia do discurso do Atrida, pois, quando Estêlono responde ao rei que a geração deles era a melhor,

---

<sup>54</sup> Tradução de Haroldo de Campos (2003).

Diomedes censura o amigo, dizendo que Agamêmnon dizia aquelas coisas apenas para incitá-los ao combate.

Quando o discurso é direcionado ao inimigo antes do combate, o efeito pode ser um pouco mais complexo, pois a desqualificação do adversário ou a afirmação de superioridade do locutor parecem se integrar de um modo natural e imediato no contexto conflitivo (ASSUNÇÃO, 2010). Na *Ilíada*, a ideia de insultar o inimigo é a de conquistar uma vitória sobre o adversário mais valente possível, de modo a assegurar uma reputação mais estendida. Além disso, os discursos de desafio, quando dirigidos aos inimigos, é uma forma de eles demonstrarem, em combate, que as palavras ditas pelo locutor não sejam verdadeiras.

Ao observar esse exemplo da *Ilíada*, verifica-se que o gênero exortativo cumpre sua função principal, que é encorajar o ouvinte, provocando-o ao combate. Entretanto, na *História da Guerra do Peloponeso*, esse tipo de discurso, além de encorajar os guerreiros, tem a função de transmitir a estratégia de combate, que, por sua vez, remete a um dos assuntos que os discursos deliberativos abordam: guerra e paz. Ademais, a exortação pode ser considerada um discurso que persuade, principalmente, por meio do *éthos*, visto que orador precisa transmitir confiança aos seus ouvintes, e do *páthos*, uma vez quem o orador irá introduzir o sentimento de coragem em sua audiência.

Tendo em vista essas considerações, será analisado o *éthos* de Nícias que é construído através de seus discursos exortativos, que estão transcritos em *Thuc.* 6. 68; 7. 61-64; e 7. 77.

### **2.2.1 A Experiência de Nícias em Guerras**

Quando se trata de assuntos acerca de guerra e de paz, Aristóteles (*Rh.* 1359a35) sugere que o orador, quando for deliberar, deva conhecer a extensão do poder bélico de seu Estado. Além disso, ele precisa saber quais foram as guerras as quais seu Estado travou e Estados vizinhos também. O conhecimento de uma possível guerra com outros Estados também se faz necessário, de modo a manter a paz com os mais poderosos e saber o momento certo de atacar os mais fracos. Ademais, o orador deve saber a respeito do poder bélico do outro Estado, a fim de verificar se é semelhante ao seu, e, por fim, ele precisa ter o conhecimento teórico não somente apenas de guerras travadas por seu Estado, mas também por outros, bem como saber

quais foram os desfechos de cada uma, visto que as circunstâncias semelhantes costumam produzir resultados semelhantes.

A partir dessas considerações de Aristóteles, é importante mencionar que os discursos exortativos e deliberativos compartilham características semelhantes. Como já visto, ambos abordam assuntos acerca da guerra e da paz, mas há outras características. Segundo Aristóteles (*Rh.* 1359a34-37), o discurso deliberativo diz respeito a coisas que podem ou não acontecer, e, além disso, o assunto da deliberação é algo que depende de nós mesmos e que o seu princípio se encontra na ação que está sob nosso poder. As exortações, por sua vez, têm essas características, uma vez que a estratégia bélica é algo que pode ou não se efetivar, e a ação esperada dependerá do ouvinte.

Tendo isso em vista, é possível observar que, nos três discursos exortativos de Nícias, há o predomínio do assunto de guerra e paz, além do conhecimento estratégico de batalha. Em *Thuc.* 7. 63, Nícias profere as seguintes palavras:

É indispensável que vos lembreis disto, tanto quanto puderdes, para combater até a última e que não vos deixeis empurrar para a terra, nem desatracar, quando um navio aborde outro navio, antes de estardes certos de que haveis varrido os hoplitas da cobertura do navio inimigo. 2. Digo estas palavras mais para os hoplitas do que para os marinheiros, porque é aos que estão em cima que mais compete esta tarefa, tanto mais que é nosso privilégio termos ainda hoje a vantagem das nossas forças terrestres. 3. Aos marinheiros dou o conselho, ao mesmo tempo que imploro, que não se deixem frustrar em demasia com os nossos insucessos, numa altura em que estamos mais bem preparados nos nossos conveses e dispomos de maior número de embarcações [...].

Nessa passagem da exortação de Nícias, é evidente a transmissão de uma estratégia de combate. De forma semelhante à de uma deliberação, Nícias exorta seus homens a agirem conforme seu conselho, de modo que consigam a vitória. Além disso, nessa estratégia bélica, pode ser observado que o orador demonstra conhecimento acerca da forma pela qual os inimigos lutam, ou seja, no que se refere aos assuntos de guerra e paz tratados na *Retórica*, Nícias demonstra conhecer como é organizada a luta dos hoplitas e dos marinheiros.

É interessante também observar o conhecimento bélico de Nícias sob outro aspecto, pois ele utiliza suas próprias experiências para transmitir a estratégia de batalha. Quando Nícias pede aos marinheiros para não desanimarem com os insucessos deles, infere-se que batalhas e estratégias anteriores não foram bem-sucedidas, sendo necessário ao orador encorajar seus ouvintes.

Em outra exortação, quando os Atenienses se encontram sem esperança de sair vitoriosos da expedição à Sicília, Nícias recorre novamente ao seu conhecimento em relação a guerras (*Thuc. 7. 77*):

Atenienses e aliados, é mais indispensável que perante os acontecimentos presentes, mantenhais a esperança, pois outros houve que em circunstâncias bem piores do que estas se salvaram, não tampouco vos deveis acusar com demasiada severidade, nem pelos insucessos que se deram, nem pelos sofrimentos que agora sentis sem os merecerdes.

Nessa passagem, é possível observar que Nícias, ao se deparar com a falta de esperança diante de uma vitória, demonstra ser experiente ou conhecer outras situações de guerra, nas quais as circunstâncias eram bem piores, mas em que se teve um desfecho bom. Ele utiliza esse fato como exemplo com a finalidade de tentar encorajar os Atenienses e aliados a prosseguirem em batalha. Tanto nessa passagem quanto na outra, o conhecimento de Nícias em torno dos assuntos de guerra pode estar relacionado à sua maturidade, uma vez que ele pode ter participado de outras guerras, acumulando experiência, ou que tenha somente conhecimento de outras que não tenha participado. Plutarco – que será visto detalhadamente no próximo capítulo – descreve Nícias como um indivíduo experiente em guerras, e que, devido à sua prudência, ele era bem-sucedido na maioria das batalhas (*Plut. Nic. 6.1*).

Em relação à maturidade e ao acúmulo de experiências, convém apresentar como aparece o *éthos* do rei Arquidamo, em suas exortações, visto que ele demonstra ter experiência em batalhas também, como pode ser observado nas seguintes palavras (*Thuc. 2. 11.1*):

Peloponésios e aliados, os nossos pais tomaram parte em muitas campanhas, quer no Peloponeso, quer fora do Peloponeso e entre nós os mais velhos sabemos bem o que é a guerra [οἱ πρεσβύτεροι οὐκ ἄπειροι πολέμων εἰσίν]. Todavia, muito embora nunca tivéssemos ido para a luta com forças mais bem preparadas do que as nossas agora, uma vez que somos em maior número e muito bons guerreiros, a verdade é que vamos enfrentar um estado muito poderoso.

Nessa passagem de Arquidamo, fica evidente a relação entre a idade e a experiência em guerras, visto que ele declara que está entre os mais velhos e que estes sabem, devido à experiência (*ἄπειροι*), o que significa a guerra. Por fim, aparece novamente o caráter da prudência quando ele tem a consciência de que vão enfrentar um estado forte, por mais que os Lacedemônios estejam em maior número e com mais força, ou seja, seu *éthos*, apesar de estar em um contexto exortativo, continua sendo o de uma pessoa prudente e sensata. Assim, com

base nas palavras de Nícias e do rei Arquidamo, verifica-se que as experiências em batalhas, bem como o conhecimento de guerras anteriores, são aspectos importantes que estão presentes em discursos exortativos presentes na obra de Tucídides.

Em Nícias, o caráter da prudência não aparece de forma tão clara nas exortações quanto nas deliberações. Entretanto, segundo Aristóteles (*Rh.* 1378a8), a confiança, que a audiência adquire em relação ao orador no que concerne ao seu *éthos*, provém de três qualidades, a saber, da prudência, da virtude e da benevolência. Num contexto deliberativo, as afirmações falsas ou os maus conselhos ocorrem devido à falta de uma ou mais dessas qualidades. De acordo com o filósofo, a prudência estaria relacionada à veracidade da informação; a virtude, à moral; e a benevolência, à melhor ação a ser adotada. O orador que tiver essas três qualidades despertará a confiança de sua audiência.

Tendo em vista essas considerações de Aristóteles, pode-se dizer que Nícias tenta atrair a confiança de seus ouvintes ao exortá-los de forma benevolente, uma vez que ele aconselha quais passos os Atenenses e aliados devem seguir para conseguir a vitória. Para tanto, para exortá-los, faz-se necessário que Nícias demonstre conhecimento de guerra e experiência em batalhas a fim de que consiga aconselhar da forma mais correta possível. E isso Tucídides faz Nícias fazer por meio de seus discursos.

Portanto, o *éthos* de Nícias – bem como o do rei Arquidamo – pode estar associado à sua maturidade, visto que ele recorre às suas experiências e ao conhecimento de guerra para adquirir confiança e, logo, persuadir os Atenenses e aliados. Entretanto, não é somente esse *éthos* que irá predominar em suas exortações, pois há outro caráter de Nícias que é desenvolvido: o da superioridade.

### 2.2.2 O *Éthos* da Superioridade

Além da persuasão por meio do *éthos* construído com o fato de que o orador tem conhecimento adequado com base em outras guerras, ou seja, o de que ele é digno de confiança, há outro caráter que aparece nos discursos exortativos, que é o da pessoa que é superior/poderosa. Dessa forma, de modo parecido com as provocações na *Iliada* que Assunção (2010) identifica, Nícias incita os Atenenses e os aliados ao combate da seguinte maneira (*Thuc.* 7. 68.3-4):

[...] Deixai-vos penetrar por esse sentimento de orgulho [grego], que é digno de ser preservado, enquanto sois considerados Atenienses, mesmo os que o não são por nascimento, ao serdes admirados, até para além da Hélade, pelo domínio da nossa língua e imitação da nossa maneira de estar, pelo facto de terdes partilhado em não menor escala das vantagens do nosso império no que respeita o medo inspirado nos nossos súbditos e a protecção contra injustiças. 4. A vós que tendes, em conjunto conosco e em plena liberdade, partilhado o nosso império, é justo pedir que não o sujeiteis à traição, e com desprezo pelo Coríntios, os quais vencestes vastas vezes, e também pelos Siciliotas, nenhum dos quais, quando a nossa armada estava no apogeu, jamais se atreveu a fazer-vos frente, pedir-vos que os mantenhais a distância, para mostrardes que, mesmo numa situação de fraqueza e de insucesso, o vosso saber é mais forte do que o vigor dado pela sorte a qualquer outro.

Nessa passagem, podem ser observados dois meios de persuasão, um pelo *éthos* e outro pelo *páthos*. O *éthos* que Nícias evoca em sua audiência é característico de pessoas que têm o poder. Isso pode ser verificado quando Nícias diz aos seus ouvintes para continuarem com o sentimento orgulho, seja Ateniense ou estrangeiro. No caso específico dos estrangeiros, eles deveriam também ter orgulho, pois eles propagavam a língua e os costumes dos Atenienses, ou seja, o *éthos* que Nícias desenvolve é da superioridade Ateniense. Segundo Aristóteles (*Rh.* 1391a20), esse comportamento é recorrente em pessoas que têm poder, e esse tipo de caráter é comum em pessoas ricas e poderosas, distintas e melhores, e as pessoas que têm poder são mais ambiciosas e de caráter mais destemido que os ricos. A responsabilidade faz com que eles se atentem com as obrigações pelas posições que ocupam e precisam estar atentos quanto à sua proteção. Assim, nesse trecho, é evidente essa questão do poderio e do império Ateniense, pois eles lutam em honra da continuidade desse poder.

Como nas orações fúnebres, a presença dos estrangeiros é fundamental para as exortações. Quando Nícias fala a respeito do orgulho que os estrangeiros deveriam ter, pois eles propagavam a língua e os costumes Atenienses, ele reivindica a Atenas o poderio sobre os outros gregos, enumerando vários prêmios adquiridos por meio da bravura dos Atenienses (LORAUX, 1994).

A persuasão por meio do *páthos* está ligada diretamente à do *éthos* da superioridade, pois o orador tenta inserir o sentimento de confiança/coragem (*θαρσαλέος*) em seus ouvintes. Segundo Aristóteles (*Rh.* 1383a35), as pessoas se sentem confiantes quando creem ser superiores aos rivais em quantidade e vantagens que as tornam mais superiores, como dinheiro, força física, quantidade de amigos, terras e equipamentos militares de todos os tipos ou dos mais importantes. Tendo isso em vista, é comum observar que, não somente nas exortações, mas também nas deliberações, está presente a superioridade em relação ao inimigo, seja ao

desqualificar as tropas inimigas, descrevendo-as como desorganizadas (*Thuc.* 6. 68.2; 7. 66.2), ou que estão em maior número de soldados ou que são melhores (6. 68.2; 7. 67.1).

Além disso, é interessante observar que não é somente nas exortações ditas pelos Atenienses que há o *éthos* de superioridade em relação a outros povos, mas também nas feitas em discursos de inimigos, como neste de Brásidas (*Thuc.* 5. 9.1):

Homens do Peloponeso: qual o tipo de país do qual procedemos, país que sempre gozou da liberdade devido à sua coragem e ao facto de como Dórios estardes prestes a combater os Jónios, ao lado dos quais sois superiores [κρείσσοις], são factos que brevemente se demonstram. Irei, porém, expor-vos a forma como penso que devemos fazer o ataque [...].

Com base nessa passagem da exortação de Brásidas, verifica-se que o *éthos* da superioridade não fica somente restrito ao âmbito Ateniense. Nesse caso, demonstrar esse tipo de carácter pode ser um *tópos* recorrente em discursos exortativos, pois o orador, ao demonstrar aos seus ouvintes que eles são superiores, melhores, excelentes (acepções para κρείσσων), pode conseguir incitar-lhes coragem e confiança por meio desse tipo de recurso.

Tendo em vista essas considerações, podem ser observadas características tanto do discurso deliberativo quanto do epidíctico nas exortações, pois temos um conselho que visa um elogio, ou seja, o louvor pode induzir alguém a um procedimento. Na *Retórica* (*Rh.* 1368a7), Aristóteles explica que, quando o orador deseja induzir alguém a uma ação, ele deve pensar naquilo que o ouvinte teria feito – seus atos – para ser louvado. Em um contexto bélico, por exemplo, a ideia de superioridade presente nas exortações – tanto do lado dos Atenienses quanto dos Lacedemônios – é um valor que deve ser posto em ação, na luta. Em resumo: a superioridade e o poderio são valores que serão louvados somente após a ação. No caso da *Iliada*, a censura – que é a provocação de Agamêmnon, ao desqualificar Diomedes – também é algo que deve ser posto em ação (ASSUNÇÃO, 2010).

Posto isso, a superioridade de determinada região ou povo é proveniente das ações que foram realizadas em prol desse renome. Na Grécia Antiga, o indivíduo, seja herói ou guerreiro, que morre de forma gloriosa, adquire renome que se estenderá para a posteridade. Em consequência de ter tido uma morte gloriosa (εὐκλεῆς θάνατος), é atribuída ao herói a condição de ἀνὴρ ἀγαθός, que é um conjunto de qualidades, prestígios e valores conferidos a classe dos ἄριστοι (VERNANT, 1978). Esse ideal de Bela Morte aparece, principalmente, nas narrativas de contexto bélico. Na *História da Guerra do Peloponeso*, Péricles, por exemplo, diz, em sua oração fúnebre, que gostaria de estabelecer com testemunhos incontestáveis o elogio aos mortos, pois as virtudes que honravam a cidade eram consequência dos feitos desses



homens e de outros (*Thuc.* 2. 41.1), ou seja, a superioridade dos Atenenses é proveniente de ações de guerreiros que, com coragem, lutaram para a continuação do poderio de Atenas. Assim, no caso da oração fúnebre, a atividade guerreira funcionava como modelo para a atividade cívica, uma vez que a virtude do cidadão se anulava diante da do guerreiro (LORAUX, 1994). O ἀνὴρ ἀγαθός, de acordo com Nicole Loraux, é o homem que morre em combate, pois ele demonstrou a razão de sua existência, defendendo a liberdade de sua πόλις, visto que ele é formado por ela. A título de exemplo, convém ressaltar as palavras do rei Arquidamo, já citadas anteriormente, ao mencionar que os Lacedemônios habitam uma cidade livre e tinham um nome bem respeitado [ἐλευθέραν καὶ εὐδοξοτάτην πόλιν]” (*Thuc.* 1.84.1).

Dessa forma, é interessante observar que a exaltação do poderio Ateniense, que foi vista nos discursos deliberativos e exortativos, pode estar presente em textos de cunho epidíctico, como no caso da oração fúnebre. Na oração fúnebre de Péricles, verifica-se a importância dada aos aliados e estrangeiros para a construção do *éthos* de superioridade dos Atenenses. Segundo Loraux (1994), a presença de estrangeiros era fundamental, e, nesse discurso de Péricles, por exemplo, Tucídides (2. 31.1) mostra, gabando-se, a abertura que caracteriza a política militar de aceitar estrangeiros. Assim, é possível verificar a intenção de impressionar os estrangeiros, aliados e amigos, adversários reais ou potenciais, ou seja, o poder Ateniense permanece forte devido à ajuda de estrangeiros e aliados. Além disso, toda a demonstração guerreira, seja a partida para a Sicília ou os funerais coletivos, transforma-se em uma demonstração do poderio Ateniense perante outros povos e supõe a participação de um povo heterogêneo. No discurso de Atenágoras (*Thuc.* 6.39.1), por exemplo, ele fala ao público sobre a grandiosidade da democracia. Outro exemplo é a partida para a expedição à Sicília, que teria sido assistida por diferentes povos (*Thuc.* 6. 31.1).

Portanto, o *éthos* da superioridade de determinada região ou povo é recorrente nos discursos exortativos, podendo aparecer em deliberações e elogios, como no caso da oração fúnebre. Nícias demonstra esse tipo de caráter nos dois tipos de discurso. A ideia de representar a superioridade perante o inimigo impõe certa confiança para a audiência agir. Entretanto, a superioridade é fruto da ação, ou seja, para que atinjam esse *éthos*, é necessário coragem e confiança para agir.

Este capítulo teve como objetivo analisar o *éthos* de Nícias em Tucídides. Além disso, o caráter desse personagem foi comparado com o de outros personagens, como Alcibíades, Arquidamo e Brásidas. Dessa forma, foi possível apresentar alguns traços

individuais que estão presentes na historiografia de Tucídides, uma vez que foram identificadas características inerentes de alguns personagens. Nícias, então, é caracterizado principalmente pela sua prudência.

A prudência de Nícias pode estar relacionada ao fato de o personagem estar na sua maturidade, e esse caráter se faz importante, pois é contrastado com a jovialidade e a ousadia de Alcibíades (*Thuc.* 6. 12.2). A sua prudência prevalece quando ele se preocupa em proteger seu corpo – sua saúde (*Thuc.* 6. 9.2) – e o patrimônio em geral, sejam riquezas, homens ou territórios (*Thuc.* 6. 12.1). Assim, o caráter de Nícias seria o de um líder que pensa na melhor forma de investir os recursos financeiros, ao invés de gastá-los para fins individuais, corroborando a ideia de Aristóteles de que a pessoa sensata sabe o que é bom para a coletividade. Nesses discursos de Nícias, verifica-se sua preocupação em relação aos gastos financeiros e aos homens, e em relação aos riscos que o poder Ateniense e seu território poderiam correr.

Tendo em vista todas essas considerações acerca do *éthos* de Nícias, será verificada a recepção de Plutarco em relação ao caráter desse personagem. Desse modo, será observado até que ponto os traços individuais de Nícias que Tucídides deixa transparecer, seja por meio de sua narrativa ou dos discursos transcritos, influenciaram a construção do caráter do Nícias na biografia plutarquiana.

### 3 A RECEPÇÃO DE NÍCIAS EM PLUTARCO

Após verificar como Tucídides apresenta o caráter de Nícias em sua obra, seja por meio da sua narrativa ou dos discursos retóricos, convém analisar neste capítulo como Plutarco descreve o caráter desse personagem em sua biografia, levando-se em consideração a sua leitura da obra de Tucídides. Para tanto, antes da análise do caráter de Nícias, serão descritas algumas considerações em torno das fontes utilizadas por Plutarco para a composição da biografia, de modo a identificar semelhanças com algumas delas, como, por exemplo, com Tucídides, visto que o episódio da expedição à Sicília é narrado de forma similar por ambos os autores.

Dessa forma, espera-se, em um primeiro momento, que Plutarco construa o caráter de Nícias de modo semelhante a Tucídides. Assim, a análise concentrar-se-á, principalmente, no comportamento prudente do referido personagem, pois é, a partir desse caráter, que se derivam outros tipos de comportamento, como a desconfiança. Em seguida, após a análise da prudência de Nícias em Plutarco, serão descritas também algumas características do personagem que não são desenvolvidas de forma mais profunda por Tucídides ou que são apresentadas de outra maneira por este, a saber, a sua genealogia e suas riquezas.

Portanto, este capítulo tem por objetivo analisar como Plutarco apresenta e avalia o caráter de Nícias, tendo em vista a sua leitura de Tucídides, de modo a verificar semelhanças e/ou diferenças de interpretação a respeito do comportamento do general Atenense.

#### 3.1 AS FONTES DE PLUTARCO NA *VIDA DE NÍCIAS*

Na *Vida de Alexandre*, apesar de Plutarco distinguir claramente a história da biografia e de se posicionar enquanto biógrafo, ele não deixou de elaborar um trabalho de cunho historiográfico, uma vez que ele seleciona e critica as fontes pesquisadas. Dentre estas, o biógrafo se baseia em cartas que foram escritas pelo próprio Alexandre, com o objetivo de criticar alguns relatos recorrentes feitos por outros historiadores. De modo semelhante, no primeiro capítulo da *Vida de Nícias*, Plutarco apresenta quais foram as fontes que utilizou para a composição dessa biografia, evidenciando, novamente, o caráter investigativo que está por trás da construção de sua obra. Para tanto, Plutarco leva em conta as seguintes considerações ao narrar a *Vida de Nícias* (Nic. 1.5):

Discorrendo brevemente [βραχέως] sobre as ações [πράξεις], que pelo menos Tucídides e Filisto escreveram, visto que não é possível omiti-las, pois elas, certamente, compreendem a conduta [τρόπον] e a disposição [διάθεσιν] dele [de Nícias], que foi envolvida por diversos e grandes sofrimentos, e os assuntos necessários [ἀναγκαίων], a fim de que eu não me pareça completamente negligente e preguiçoso, eu tento reunir os relatos que sobreviveram dentre vários, os que foram ditos por outros esporadicamente ou os que foram descobertos por meio de votos ou de decretos antigos, não reunindo uma história [ιστορίαν] inútil, mas transmitindo a compreensão do caráter [ἦθος] e da conduta [τρόπου] [do personagem].<sup>55</sup>

A partir dessa passagem da biografia de Nícias, depreende-se que ainda permanece a distinção entre a historiografia e a biografia antigas, uma vez que as ações (πράξεις) – que são objeto de pesquisa principal da história – serão narradas brevemente (βραχέως). Além disso, é possível identificar que, nessas ações narradas pelos historiadores, há indícios que caracterizam a conduta (τρόπον) e a disposição (διάθεσιν) do personagem, além de assuntos necessários (ἀναγκαίων), ou seja, infere-se que há, no texto historiográfico, elementos que identificam qualidades individuais de determinado personagem, apesar desses elementos não aparecerem de forma completa. Dessa forma, para escrever a *Vida de Nícias*, Plutarco utiliza como fonte as obras de Tucídides<sup>56</sup> e de Filisto<sup>57</sup> devido à importância que elas deveriam ter na época ou por elas atenderem aos seus objetivos, visto que não era possível omiti-las e que elas traziam relatos acerca de assuntos necessários. Ademais, Plutarco também utiliza, como fonte, o historiador Timeu<sup>58</sup> para a composição da biografia de Nícias, todavia, ele faz muitas críticas em relação ao trabalho dele. A sua crítica recai sobre o fato deste historiador ter desejado superar Tucídides no que concerne à escrita da historiografia, porém, segundo Plutarco (*Nic.* 1.1), ele se revelara “vulgar” (φορτικός) e “amador” (ιδιώτης) ao querer escrever à maneira de Tucídides. Ademais, visto que as fontes historiográficas não eram suficientes para a composição de seu texto, Plutarco recorre a outros meios de pesquisa a fim de compreender o caráter (ἦθος) e a conduta

<sup>55</sup> Todas as traduções da *Vida de Nícias* são de responsabilidade da autora (2016). A tradução para o português é baseada no texto grego da edição francesa de Robert Flacelière e Émile Chambry (1972).

<sup>56</sup> Segundo Hornblower (1995), é inegável a recepção de Tucídides durante o período imperial. De fato, Tucídides se torna modelo de escrita para autores posteriores, como Luciano e Dionísio (cf. Capítulo 1 desta pesquisa), e fonte de pesquisa, como Plutarco, que será visto neste capítulo.

<sup>57</sup> Trata-se de Filisto de Siracusa (430-356 a.C.). Ele foi historiador e escreveu a obra *História da Sicília*. Alguns antigos críticos, devido à sua competência enquanto historiador, o denominam como um imitador de Tucídides (ROBERTS, 2005).

<sup>58</sup> Timeu foi também um historiador e escreveu um grande trabalho historiográfico durante seu exílio em Atenas. Dentre seus escritos, encontra-se, em 38 livros, a *História da Sicília*, do qual só se tem notícia devido aos 164 fragmentos sobreviventes nas críticas de Políbio (ROBERTS, 2005).

(τρόπος) do personagem em questão.<sup>59</sup> Portanto, nessa passagem, é clara a diferença entre a história e a biografia antigas no que concerne aos seus objetos de pesquisa, porém, nada impede de que, em um texto de cunho historiográfico, haja descrições de indivíduos.

Uma vez que Plutarco recorre a Tucídides como fonte de pesquisa, é possível verificar que vários episódios da *Vida de Nícias* são semelhantes aos da *História da Guerra do Peloponeso*, principalmente em relação à expedição à Sicília, como pode ser visto no trecho a seguir (*Plut. Nic.* 12.4):

Quando a Assembleia foi reunida novamente, Nícias, ao incitá-la, começou a dissuadir [ἀπέτρεπε] e a protestar e, para completar, acusava Alcibíades de expor a cidade ao perigo [πόλιν εἰς χαλεπὸν], devido aos seus interesses próprios e à sua ambição [ἰδίων κερδῶν καὶ φιλοτιμίας].

Nessa passagem, percebe-se que Plutarco narra de forma similar ao relato de Tucídides a Assembleia na qual Nícias e Alcibíades deliberaram sobre o que era necessário levar para a expedição. Na *História da Guerra do Peloponeso*, Tucídides relata que Nícias fez um discurso com o intuito de dissuadir (ἀποτρέψαι ἐβούλετο) os Atenienses (*Thuc.* 6. 8.4), e, nesta deliberação (*Thuc.* 12.2), ele censura Alcibíades, uma vez que este demonstra ser a favor da expedição, pois tinha o interesse de se notabilizar enquanto indivíduo (ἰδίᾳ ἐλλαμπρύνεσθαι), não levando em consideração que estava expondo a cidade ao perigo (πόλεως κινδύνῳ).

A partir desse exemplo, nota-se a proximidade da leitura que Plutarco fez do texto de Tucídides, uma vez ele utiliza o mesmo verbo, o ἀποτρέπειν, para sua narrativa (ἀπέτρεπε/ἀποτρέψαι), ao dizer que Nícias desejava dissuadir a audiência, além de utilizar vocábulos semelhantes (ἰδίᾳ/ἰδίων) e com sentido muito próximo (πόλιν εἰς χαλεπὸν/ πόλεως κινδύνῳ). Além disso, é possível identificar outras passagens da *Vida de Nícias*, nas quais verifica-se indícios da leitura que Plutarco fez da obra de Tucídides. Titchener (2000), a título de exemplo, observa essa possível leitura no episódio em que é narrada a morte de Nícias (*Plut. Nic.* 26.6). Nesse trecho, o biógrafo conjectura se Nícias merecia uma morte igual àquela, e, para tanto, ele avalia a situação com o advérbio ἀναξίως, que significa “desmerecidamente”. Tucídides, por sua vez, quando relata acerca da morte de Nícias, ele o qualifica como “o que menos merecia” (ἥκιστα δὴ ἄξιος) (*Thuc.* 7. 85.5).<sup>60</sup> Dessa forma, por meio desses exemplos, percebe-se como

<sup>59</sup> Segundo Albin (1997), o *éthos* é uma das ferramentas que controla as disposições do indivíduo e assume um papel importante em todas as *Vidas Paralelas*, onde as grandes naturezas (φύσεις) estão inseridas. Consequentemente, uma excelente natureza provém de grandes virtudes e vícios.

<sup>60</sup> Quanto à morte de Nícias, Plutarco considera-a injusta devido ao fato de seu biografado ter evitado participar da expedição. Em Tucídides, segundo Titchener (2000), a injustiça não aparece de forma clara e há interpretações de que o historiador estaria sendo irônico.

Plutarco se mantém próximo ao texto de Tucídides, uma vez que são identificadas palavras idênticas ou do mesmo campo semântico em ambas as obras.

Apesar de Plutarco ter escrito a *Vida de Nícias* de maneira muito próxima ao texto de Tucídides, ele utiliza outros materiais com o objetivo de encontrar assuntos referentes ao caráter do indivíduo. Com efeito, pode haver alguma dificuldade para distinguir, em Plutarco, as fontes provenientes de Tucídides e as de outros materiais (PELLING, 1992). De acordo com Pelling (1992), o episódio da expedição à Sicília na biografia é um claro exemplo de que Plutarco conhece a obra de Tucídides exclusivamente, pois a maioria das informações é reprodução desta. Contudo, há outras passagens que demonstram ser provenientes de fontes não identificadas, devido ao seu detalhamento, como, por exemplo, alguns eventos sobrenaturais (*Plut. Nic.* 13.1) e algumas informações sobre o número de mortos (*Plut. Nic.* 11.1).

Quanto às referências que Plutarco utiliza para sua narrativa, deve-se levar em conta as reflexões que Titchener (1999) e Pelling (1992) trazem a respeito do assunto. Titchener alega que Plutarco, ao se impor como biógrafo na *Vida de Nícias*, demonstra não querer ser comparado a Tucídides, dado que ele não escreve textos de cunho historiográfico. Pelling, por sua vez, argumenta que Plutarco não deseja competir no mesmo nível de Tucídides, contudo, ele considera que sua contribuição poderá ser mais útil, principalmente no que concerne aos fatos que ele revelará mais detalhadamente a respeito de Nícias. Portanto, a intenção de Plutarco não seria fazer um texto melhor que o de Tucídides, mas ele pretendia preencher as lacunas deixadas pelo historiador. De modo geral, Plutarco parece querer narrar minuciosamente os comportamentos individuais mais profundos, de modo a avaliar o caráter de seus biografados, objeto de pesquisa não abordado pela historiografia.

Portanto, depreende-se que, na *Vida de Nícias*, pode haver aspectos que envolvam o caráter de Nícias de modo diferente ou mais desenvolvido do que em Tucídides. Para tanto, para a análise do caráter de Nícias será levada em conta aqui a leitura que Plutarco fez do historiador, bem como a sua recepção de outras fontes, com o objetivo de verificar semelhanças e/ou diferenças no relato do caráter do biografado.

### **3.2 A PRUDÊNCIA DE NÍCIAS**

A prudência é o principal caráter de Nícias e será com base nela que suas ações irão se desenvolver. Como já visto, Tucídides, em seu relato e nos discursos retóricos, apresenta

Nícias como um indivíduo prudente e é, a partir desse comportamento, que são originados outros, como a falta de confiança e o cuidado com o corpo e com o patrimônio. Em Plutarco, não é diferente: a prudência está presente em toda a biografia. Em *Nic.* 2.3-4, por exemplo, ele caracteriza Nícias da seguinte forma: “Muitos diferenciavam Nícias, pois seu incrível comportamento não era austero nem muito inoportuno [οὐκ ἦν αὐστηρὸν οὐδ’ ἐπαχθὲς], mas tinha relações com precaução [εὐλάβεια]”. Apesar de não ser os termos utilizados para prudência – σωφροσύνη ou φρόνησις –, a εὐλάβεια, que pode significar “precaução, circunspeção, prudência, timidez, temor aos deuses, piedade”, remete-nos ao sentido da prudência, pois infere-se que, quando uma pessoa age com precaução, ou timidez, ou circunspeção, ela está comportando-se como alguém ponderado, sensato, preocupado, que prevê e evita futuros inconvenientes e/ou perigos. Portanto, é importante ressaltar que a εὐλάβεια é o termo utilizado por Plutarco quando este se refere à prudência de Nícias, não sendo encontradas ocorrências com os termos aristotélicos, a saber, a σωφροσύνη ou a φρόνησις.

Além disso, na *Vida de Nícias*, a prudência está vinculada diretamente com a ideia de segurança, e, em um primeiro momento da biografia, parece que Plutarco considera esse caráter positivo, como pode ser visto em *Nic.* 6.1: “Nícias tentava evitar campanhas muito difíceis e longas, e, toda vez que ele tinha que partir em uma, ele, com segurança [ἀσφαλείας], tinha êxito [κατορθῶν] na maioria delas”.<sup>61</sup> Dessa forma, por mais que Plutarco não mencione a respeito da prudência de Nícias nessa passagem diretamente, pode-se inferir que a ideia de segurança remete a esse caráter do biografado, ou seja, Nícias era bem-sucedido em suas campanhas por causa de sua prudência, visto que ele agia com segurança.

Entretanto, em relação à expedição à Sicília, Plutarco mostra que o caráter prudente de Nícias não se torna eficaz diante de outros, como a ambição (φιλοτιμία), como pode ser visto no trecho a seguir (*Plut. Nic.* 9.2):

Nícias teve completamente a oportunidade de fazer parar e acalmar a cidade, mas, ao colocar a segurança [σωτήριον] à frente, os problemas caíram no caminho, e, com a força e a violência da ambição [φιλοτιμίας] de Alcibíades, foi forçado novamente a ir à guerra.

<sup>61</sup> É interessante observar que, em textos anteriores, contemporâneos a Nícias, a prudência aparece como uma virtude importante em contextos bélicos, no sentido de que ela é necessária para que a batalha seja bem-sucedida. Na tragédia *Os Persas*, de Ésquilo, o falecido rei Dario refere-se que o fracasso de seu filho Xerxes em batalha é consequência da falta de conselho (οὐκ εὐβουλίᾳ), logo, subentende-se falta de prudência (*Pers.* v. 749). Na *Carta VII*, de Platão, o filósofo aconselha Dionísio II que, se agisse de modo racional e prudente (ἐμφορνά τε καὶ σώφρονα) (*Plat. L.* 7.332e2), colonizando as cidades devastadas da Sicília e coligando os governos, ele conseguiria multiplicar o reino de seu pai, Dionísio I. Segundo Irwin (2013, p. 7), após a vitória sobre a expedição ateniense, Siracusa se tornou a maior cidade grega da Sicília, e, no final do século V a.C., com as invasões cartaginesas, Dionísio I foi eleito general com plenos poderes sobre Siracusa. Ele reinou durante 38 anos, como “tirano” de Siracusa.

Nessa passagem, mais uma vez, torna-se evidente a sua leitura de Tucídides, devido à semelhança do relato. Ao não querer que ocorra a expedição à Sicília, Nícias recorre a argumentos que envolvam a sua prudência, que está introduzida na ideia de segurança (σωτηρία). Entretanto, como já visto em Tucídides, a audiência não se deixa persuadir pelo *éthos* de Nícias, preferindo as ideias ambiciosas de Alcibíades.

Até esse momento da biografia, a prudência de Nícias pode ser considerada como algo positivo, mas, no decorrer da expedição, Plutarco avalia esse tipo de caráter como não adequado ao momento, podendo ser interpretado como falta de coragem ou medo. Em Tucídides, por exemplo, Nícias pede aos seus ouvintes para que não entendam a sua atitude de não querer ir à expedição como um ato covardia (μαλακία), pois ele achava que os Atenienses deveriam pensar melhor em relação a essa empreitada, e, caso mudassem de ideia, não deviam se sentir envergonhados (μη καταισχυνθῆναι) (*Thuc.* 6. 13.1). Dessa forma, no texto tucidideano, verifica-se que o próprio Nícias pede que não seja mal interpretado em relação à sua atitude, visto que sua conduta prudente não era para ser considerada como covardia.

Por outro lado, quando Plutarco narra os acontecimentos da expedição a Sicília, a avaliação do caráter prudente de Nícias muda, tornando-se algo negativo para o personagem. Para Titchener (2013), por exemplo, o caráter central de *Vida de Nícias* será a covardia, ao passo que, na *Vida de Crasso* (o par de Nícias das *Vidas Paralelas*), será a ambição, e esse julgamento de Nícias se dá justamente devido ao seu final catastrófico na expedição à Sicília, visto que Nícias tivera um final vergonhoso. Dessa forma, convém apresentar algumas leituras acerca da prudência de modo a analisar como Plutarco avalia esse caráter de Nícias.

Vernant (2005), ao falar brevemente acerca da educação antiga, particularmente em Esparta, menciona que era necessário aos jovens, antes de alcançarem a cidadania, adquirir as qualidades físicas e necessárias de um combatente. A educação entre os Espartanos se dava da seguinte maneira, segundo Vernant (2005, p. 172):

Os meninos, por exemplo, deviam praticar uma virtude chamada σωφροσύνη: andar em silêncio, na rua, com as mãos sobre a veste, sem olhar nem à direita, nem à esquerda, com os olhos fixos no chão. Nunca responder, não deixar ouvir a voz. Era preciso mostrar que em matéria de modéstia o sexo masculino superava o sexo feminino. Assim, relata Xenofonte, acreditariam estar vendo verdadeiras jovens.<sup>62</sup> Mas, paralelamente a essa postura casta e reservada, hiprefeminina, poderíamos dizer, eles deviam fazer o que normalmente era proibido: roubar da mesa dos adultos, ser astuciosos, desembaraçar-se,

<sup>62</sup> Segundo Vernant (2005, p. 176), essas informações são encontradas em a *República dos Lacedemônios*, de Xenofonte (*Const. Lac.* III, s).



insinuar-se para conseguir alimentação sem se deixar surpreender. Durante cruéis batalhas coletivas, onde todos os golpes eram permitidos, mordidas, unhas, coices, era necessário dar prova da mais violenta brutalidade, praticar a selvageria absoluta, atingir os limites extremos dessa virtude masculina que se chama ἀνδρεία (coragem).<sup>63</sup>

É interessante observar o quanto a prudência e a coragem são virtudes que estão em âmbitos opostos, no sentido de que agir com coragem seria o mesmo que agir sem prudência e vice-versa. Esse exemplo de Vernant, retirado da obra de Xenofonte (séc. III a.C.), a *República dos Lacedemônios*,<sup>64</sup> apresenta algumas características que se diferenciam da prudência, encontrada em Aristóteles, pois enquanto este argumenta que a prudência é uma virtude predominante em homens adultos, aquele identifica essa virtude sendo ensinada às crianças da Lacedemônia. Além da prática da prudência, essas crianças aprendiam atos de selvageria, de modo que, em situação de batalhas, estas, quando adultas, atingissem o limite de sua coragem. Ou seja, para o povo Lacedemônio, essas duas virtudes eram transmitidas às crianças sob duas condições, sendo a prudência visada para um bem-estar social, e a coragem, por outro lado, para um bom êxito em situações de guerra.

Na *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, o tratamento em relação à coragem não é diferente. A covardia seria o medo em excesso, e quem demonstra esse caráter não é confiante, sendo o corajoso aquele que age de forma contrária (*Nic. Eth.* 1115b34). Segundo o filósofo, diante dos perigos da guerra, por exemplo, espera-se que o indivíduo aja de modo corajoso e não covarde, visto que a cidade lhe fará honras posteriormente, como já foi visto no capítulo anterior (seção 2.2.2 O *Éthos* da Superioridade). Por outro lado, Aristóteles argumenta que a prudência é a faculdade de enxergar as coisas boas e vantajosas para o bem-estar geral, e a temperança funciona como a garantia desse caráter, uma vez que ela não será influenciada por prazeres e/ou sofrimentos em excesso (*Nic. Eth.* 1140a24-1140b15). Dessa forma, ao se levar em conta as reflexões de Aristóteles, verifica-se que, quando o indivíduo não age com coragem, não significa que ele esteja sendo prudente, mas covarde, pois a coragem e a prudência tratam-se de duas disposições diferentes.

Krajewsky (2001), em seu artigo *The Dark Side of Phronēsis: revisiting the political incompetence of philosophy*, dispõe acerca da prudência na filosofia moderna. Segundo esse autor, o consenso moderno da compreensão contemporânea da φρόνησις remete as suas origens a Xenofonte e a Aristóteles. Krajewsky descreve que as concepções de

<sup>63</sup> Inclusão minha.

<sup>64</sup> Segundo Roberts (2005), essa obra de Xenofonte relatava acerca do sistema cívico Lacedemônio, que apresentava contradições com as práticas usuais dos Gregos.

σωφροσύνη e φρόνησις foram adotadas por inúmeras disciplinas, como, por exemplo, liderança educacional e empresarial, medicina, planejamento urbano etc. Nesses termos, por sua vez, foi agregada, em seu sentido, a sua concepção antiga, a saber, temperança, sabedoria prática, prudência, paciência, discrição, dentre outros sinônimos. Contudo, de acordo com o autor, há, por trás da prudência, características negativas, pois ela pode indicar conformismo, acomodação, oportunismo, dentre outros, ou seja, verifica-se que, na modernidade, ainda permanece a ideia de que a prudência e a coragem são virtudes opostas.

Portanto, a partir dessas considerações, a prudência de Nícias em Plutarco pode ter sido interpretada como falta de coragem, logo, como uma covardia, visto que ela estaria sendo exercida em momento não oportuno. Nas deliberações de Nícias em Tucídides, a ideia era a dissuasão dos Atenenses, e não a demonstração de covardia, ou seja, a prudência era destacada acima de tudo, visto que, tanto nas deliberações quanto na própria narrativa, é esse caráter que está presente, como pode ser observado após a última deliberação de Nícias, quando ele cogita na possibilidade de não conseguir dissuadir a audiência, mas pelo menos partir com segurança à expedição (ἀσφαλῶς) (*Thuc.* 6. 24.1). Nas exortações transcritas por Tucídides, por outro lado, que são discursos que são proferidos com o objetivo de encorajar os ouvintes para a batalha, não há evidências que mostrem claramente a prudência de Nícias, sendo identificados outros tipos de caracteres, como a superioridade e a experiência.

Em Plutarco, o aspecto negativo quanto à prudência de Nícias parece estar relacionado às suas ações durante a guerra, pois esse não seria o momento adequado para manter esse tipo de comportamento, por mais que ele tenha tido êxito em campanhas anteriores exercendo sua prudência. Em situações de combate, então, esperava-se a coragem, o que não ocorreu. Na seguinte passagem, há um claro exemplo de como Plutarco relata a forma que Nícias agia durante a expedição (*Plut. Nic.* 16.9):

Muitos censuram Nícias, pois no momento de suas ações ficava perdido por causa de seu pensar, de sua lentidão e de sua vigilância [διαλογίζεσθαι καὶ μέλλειν καὶ φυλάττεσθαι]: quando ninguém poderia criticar as suas ações, visto que, quando ele estava animado, era ativo e eficaz [ἐνεργὸς καὶ δραστήριος], mas, por outro lado, quando estava em ação, era hesitante e covarde [μελλητῆς καὶ ἄτολμος].

Nesse trecho, verifica-se que suas ações durante a expedição não foram bem vistas, ou seja, Nícias não estaria agindo de forma correta, uma vez que sua prudência não era adequada ao momento. As suas ações eram baseadas no pensamento, na lentidão e na proteção, ou seja, qualidades que estão no âmbito da prudência. Porém, as circunstâncias lhe exigiam outro

comportamento, pois, nas batalhas, esperava-se que ele fosse ativo (ἐνεργός) e eficaz (δραστήριος), mas era lento e covarde (μελλητής καὶ ἄτολμος). Segundo Pelling (1992), Nícias era um personagem tipificado, pois era um comandante prudente que, quando era posto em ação, era rápido e eficaz, porém, como visto no texto, era esse o comportamento esperado, que não permanecia durante as batalhas.

Como não há ocorrência dos termos σωφροσύνη e φρόνησις na *Vida de Nícias* para descrever o caráter de Nícias, deve-se levar em conta que a noção de prudência aparece nas passagens com outras palavras, como a precaução (εὐλάβεια) e a segurança (σωτηρία), que estão no âmbito dessa virtude. Dessa forma, após analisar a passagem supramencionada, há outra marca que caracteriza a prudência de Nícias em Plutarco, a saber, a lentidão em relação às ações. Em *Thuc.* 6.10.5, é possível identificar esse comportamento de Nícias, uma vez que ele acha necessário examinar com mais calma (σκοπεῖν) a expedição, pois ele percebe que os Atenienses estão agindo rapidamente para ajudar (ὄξέως βοηθοῦμεν) os Egesteus. O rei Arquidamo é outro exemplo de que o agir lentamente está inerente ao caráter prudente, pois, para o rei, não deve ser considerado como covardia (ἀνανδρία) o fato de os Lacedemônios não avançarem rapidamente (μὴ ταχὺ) contra uma cidade; ele conclui que estes não deveriam se envergonhar por agirem lentamente e por esperarem (τὸ βραδὺ καὶ μέλλον) (*Thuc.* 1.83.1; 84.1). Em Plutarco, por sua vez, há outros trechos nos quais é possível analisar que Nícias não agia de maneira rápida durante batalha, como pode ser visto na seguinte consideração (*Plut. Nic.* 14.2):

Não era o momento para precaução excessiva e nem lentidão [τῆς πολλῆς εὐλαβείας καὶ μελλήσεως]: como uma criança [παιδὸς], olhava de seu navio a ação, tomando a si não ser influente com os argumentos e muitas vezes voltava sem coragem [ἐναμβλῦναι].

Nessa passagem, Plutarco põe a precaução e a lentidão lado a lado e as avalia como qualidades negativas de Nícias, comparando-o a uma criança (παιδὸς). Para o biógrafo, então, percebe-se que esses comportamentos não seriam dignos de um homem, mas de uma criança. É interessante observar que essa crítica de Plutarco, ao comparar Nícias a uma criança, inverte o que Aristóteles teria mencionado, em sua *Retórica*, acerca da prudência, uma vez que esta seria uma qualidade predominante no homem adulto. Apesar de verificar que, em Xenofonte, a prudência entre os Lacedemônios era praticada desde a infância, em Plutarco, quando este equipara Nícias a uma criança, fica evidente a percepção negativa que o biógrafo tem, nesse contexto, dessa virtude, visto que, em situações de batalha, a prudência não é uma virtude

adequada. Na *História da Guerra do Peloponeso*, Tucídides não menciona que Nícias estaria agindo lenta ou covardemente, mas ele, diante das dificuldades (*Thuc. 7. 76; 77.1*), encorajava os Atenenses, sob os argumentos de que eram superiores (caráter este que não aparece na *Vida de Nícias*), além de exercer influência, visto que ele era experiente em guerras, inspirando-lhes confiança.

Portanto, o caráter prudente de Nícias, em Plutarco, é tratado de forma negativa, uma vez que essa característica não deveria continuar em contextos bélicos, sendo interpretada como falta de coragem. Convém lembrar que esse caráter de Nícias não foi somente visto de forma negativa em Plutarco, mas em Aristófanes (séc. V a.C.) também. Nícias, sob o codinome de “1º escravo”, é um dos personagens da comédia *Os Cavaleiros*, e, nessa peça, Aristófanes o caracteriza comicamente como alguém covarde e medroso. No início da peça, em que estão ele e o 2º escravo (Demóstenes) esfregando as costas um do outro, eles decidem mudar a situação deles a fim de tirar Paflagônio (Cléon)<sup>65</sup> do poder, dizendo as seguintes palavras (*Aristoph. Kn. 11-19*):

Dem.: “Mas afinal, gemer para quê? Não valia mais procurarmos uma saída e acabarmos com a choradeira?”  
 Nic.: “Uma saída? Qual?”  
 Dem.: “Ora, diga lá.”  
 Nic.: “Não, não, fala tu primeiro, que eu não faço questão nenhuma disso.”  
 Dem.: “Ah, com um raio, eu? Eu, não! Fala tu, força! Depois eu digo também o que acho.”  
 Nic.: “‘Fuarça?!’... Isso não é para mim. Ora... como é que eu hei de dizer a coisa de uma maneira habilidosa, à Eurípides: Por que tu não me dizes aquilo que eu tenho de dizer?”<sup>66</sup>

Depreende-se, desse trecho d’*Os Cavaleiros*, que a prudência de Nícias pode ter sido interpretada de forma negativa já em sua própria época, sendo ele caracterizado como alguém receoso, a quem falta coragem e força de iniciativa. Além disso, há outros trechos dessa comédia que mostram o comportamento de Nícias de forma caricaturada, como pode ser visto em *Kn. 111*, em que ele diz que receia (δέδοιχα) o gênio de Demóstenes, pois, para ele, poderá se tornar um gênio do mal.

Por fim, quanto ao último ponto acerca da prudência de Nícias, convém mencionar o estudo de Titchener (2000), cujo tema principal é a morte de Nícias de Plutarco. Segundo a autora, Plutarco considera a sua morte como algo injusto, uma vez que ele fora contra a

<sup>65</sup> De acordo com o primeiro argumento da comédia, a peça teria sido composta contra Cléon, um demagogo Atenense.

<sup>66</sup> Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva (2000).

expedição à Sicília o tempo inteiro, ou seja, ele não merecia morrer em uma ação que tentava impedir, como pode ser analisado a seguir (*Plut. Nic. 26.6*):

Mas também, após se lembrarem dos discursos [τῶν λόγων] e dos conselhos [παρανέσεων] os quais ele pronunciou, quando tentava evitar [κωλύων] a expedição, pensaram melhor sobre como ele sofreu de maneira injusta [ἀναξίως].

Nessa passagem, depreende-se que Plutarco apresenta algumas considerações acerca do destino de Nícias, que foi injusto por causa de sua prudência, visto que ele evitara (κωλύων) a campanha, demonstrando, desde o seu início, opinião contrária a ela. Contudo, convém ressaltar que a sua morte ser considerada injusta não representa um caso de morte indigna, no sentido de que Nícias não tivesse tido uma bela morte, pois ele não escolhera morrer corajosamente em batalha (LORAUX, 1994). Devido a seu caráter prudente, ele não merecia morrer numa causa com a qual ele não concordava e a qual evitara. Segundo Titchener (2000), o fato de Plutarco não relatar os detalhes pormenores da morte de Nícias – como fez Tucídides – indica supostamente que ele não concordava com o destino de Nícias.

Portanto, a partir de todas essas considerações acerca da prudência de Nícias, infere-se que, em Plutarco, ela foi interpretada tanto de forma positiva quanto negativa, sendo esta última interpretação a mais recorrente. Para o biógrafo, Nícias era uma pessoa prudente no ponto de vista das relações (*Nic. 2.3-4*) e em relação ao não querer ir à expedição (*Nic. 9.2*), porém, esse comportamento não seria adequado em contextos que se exigia outro, como a coragem. Em Tucídides, por outro lado, a opinião acerca de sua prudência se dá de maneira diferente. Segundo Lateiner (1985), o julgamento de Tucídides é primeiramente político, e não moral ou pessoal, ou seja, para o historiador, Nícias demonstrou não ser hábil em relação à política, ao falhar enquanto comandante. A perspicácia militar de Nícias raramente era bem-sucedida. Para Tucídides, a prudência é uma boa virtude, porém, como visto anteriormente, em contextos bélicos, ela torna-se uma ferramenta desvantajosa.

Dessa forma, talvez a imagem de alguém sem coragem e medrosa fosse uma opinião recorrente a respeito de Nícias já no final do século V a.C., visto que, em Aristófanes, o caráter de Nícias é representado comicamente. Provavelmente, o insucesso de Nícias na expedição à Sicília pode ter colaborado para uma avaliação posterior ainda pior, sendo suas ações julgadas como falta de coragem.

### 3.3 A MATURIDADE DE NÍCIAS

Conforme inicialmente analisado, a prudência, segundo Aristóteles, é uma virtude que prevalece em pessoas que estão na idade adulta, na maturidade, porém, em Xenofonte, verifica-se que a prudência fazia parte da educação das crianças Lacedemônias. Em Tucídides, essa virtude aparece em contraposição à juventude, visto que esta representava a imprudência e poderia ser prejudicial em contextos bélicos. Além disso, foi visto que era corriqueiro, na Antiguidade, o conflito entre o jovem e o velho, pois eram duas opiniões opostas a respeito de um assunto, que defendiam valores diferentes.

Em Plutarco, verifica-se que esse tipo de conflito permanece entre Nícias e Alcibíades, uma vez que é possível observar a divisão de opiniões entre o povo a respeito do comportamento do jovem e do velho. Em *Plut. Nic.* 11.2, Plutarco narra o episódio em que ambos são condenados ao ostracismo,<sup>67</sup> e, segundo o biógrafo, a justificativa dada para tal acusação era devido à conduta ousada (θράσος) de Alcibíades que era temida pelo povo e à riqueza (πλοῦτος) de Nícias, mas o problema principal teria sido a respeito de seu modo de vida, pois ele era antissocial e oligárquico (*Plut. Nic.* 11.3):

Como dizem, o conflito dos novos [νέων], que queriam fazer guerra [πολεμοποιῶν], era em relação aos velhos [πρεσβυτέρους], que queriam paz [εἰρηνοποιούς], pois uns dirigiam a condenação contra Nícias, e outros contra Alcibíades.

A partir dessa passagem em Plutarco, verifica-se claramente o conflito entre o jovem e o velho. Ademais, é interessante observar que as qualidades atribuídas a cada um desses indivíduos permanecem as mesmas, uma vez que o jovem é impulsivo, mais corajoso, e o mais velho, por sua vez, mais prudente e mais calmo. Dessa forma, essas características que foram atribuídas a cada indivíduo poderiam gerar divisões de opiniões. Além disso, convém mostrar que esse conflito entre o jovem e o velho aparece também em outra biografia escrita por Plutarco, a *Vida de Alcibíades*, e essas condutas, que eram opostas, acabam por se

---

<sup>67</sup> Segundo Plutarco (*Nic.* 11.1), o ostracismo era um procedimento Ateniese, no qual indivíduos eram submetidos ao exílio durante dez anos. Esse procedimento era feito quando um indivíduo adquiria reputação ou riqueza que gerava suspeita. Roberts (2005) argumenta que é difícil falar particularmente sobre os motivos que levaram alguns indivíduos serem condenados ao ostracismo. Os Atenienses, por exemplo, condenaram um homem ao ostracismo porque rejeitaram seu princípio de ter se levantado e ajudado um líder da oposição. Contudo, segundo Roberts (2005), convém ressaltar que nenhum cidadão foi condenado por ostracismo devido a problemas individuais motivados por malícia ou problemas não políticos.

complementar. Na biografia de Alcibíades, no episódio da expedição à Sicília, Plutarco relata que, apesar de Nícias ter sido eleito comandante contra a própria vontade, os Atenienses o escolheram porque acreditavam que o decurso da expedição seria melhor se combinassem a prudência (προνοίας) de Nícias com a coragem (τόλμαν) de Alcibíades (*Alc.* 18.1). Dessa forma, é possível inferir que as considerações antigas acerca do jovem e do velho podem ter influenciado nos relatos de Plutarco, visto que as fontes anteriores abordam esse assunto.

Um outro aspecto que aparece na *Vida de Nícias* relacionado com a maturidade é a experiência. Por meio dos discursos exortativos em Tucídides, foi possível identificar que Nícias usa como argumento a sua experiência em guerras anteriores para transmitir confiança à sua audiência. Em Plutarco, além da passagem na qual é narrado que Nícias, com segurança, tinha bom êxito nas campanhas (*Nic.* 6.1), pode ser verificado esse mesmo caráter em outro momento da biografia, como será visto a seguir (*Nic.* 15.3):

Neste tempo, estando Nícias no comando, embora Lâmaco estivesse mais apto para tal função, ele agia de modo precavido [εὐλαβῶς] e, por causa de sua lentidão [μελλήσεως], mantinha-se sempre no poder.

Depreende-se desse trecho que Nícias, apesar de não ser tão experiente quanto Lâmaco, consegue um cargo melhor. Além disso, novamente, observa-se que a prudência e a lentidão são os artifícios utilizados por Nícias para se manter no poder.

Por fim, é importante tomar nota sobre mais um aspecto em comum quanto à maturidade que a *Vida de Nícias* tem em relação à obra de Tucídides, que é o fato de Nícias ser representado como uma pessoa desconfiada. Na *História da Guerra do Peloponeso*, como já visto, Tucídides (*Thuc.* 6. 8.2) relata que os Egesteus falavam coisas fascinantes e não verdadeiras (ἐπαγωγὰ καὶ οὐκ ἀληθῆ), e isso ecoa na deliberação de Nícias, quando ele pensa que os Atenienses deveriam reconsiderar melhor sobre a expedição e não serem influenciados apenas por palavras de estrangeiros (ἀνδράσιν ἄλλοφύλοις) (*Thuc.* 6. 9.1). Dessa forma, Nícias demonstra não estar confiante em relação ao que foi dito pelos Egesteus, refletindo o seu caráter prudente.

Em Plutarco, esse mesmo episódio é narrado, e a questão da desconfiança é representada de modo mais evidente, como pode ser visto a seguir (*Plut. Nic.* 10.5):

Além da esperança por uma posição contrária à da Assembleia, Nícias chamou uma testemunha e pediu ao povo para não acreditar e nem confiar daquela forma em pessoas que claramente estavam mentindo [ψευδομένους], uma vez que eles falavam coisas contrárias a respeito de si mesmos.

Observe que a desconfiança de Nícias é mais evidente no relato de Plutarco do que no de Tucídides, visto que ele teria dito que os Egesteus estariam mentindo (ψευδομένοις). Em *Thuc.* 6.9.1, Nícias, em nenhum momento, diz que eles não estariam falando a verdade. Na realidade, ocorre somente o fato de Nícias, demonstrando o caráter da superioridade, posicionar-se contra ao fato de os Atenenses terem se deixado levar facilmente pelos argumentos deles, atribuindo-lhes somente a qualidade de estrangeiros.

Entretanto, a desconfiança de Nícias em Plutarco não aparece somente em relação aos Egesteus, mas também aos próprios Atenenses, como pode ser visto a seguir (*Plut. Nic.* 22.2-3):

Nícias ouviu de maneira dura a respeito da fuga e do afastamento da ilha, pois ele não tinha medo dos Siracusanos, mas certamente temia [φοβεῖσθαι] os Atenenses, bem como suas justiças e seus acusadores. Ele afirmava que não era difícil ficar por ali mesmo, caso ficasse com eles, pois era preferível morrer pelas mãos dos inimigos do que pelas dos seus concidadãos [μᾶλλον αἰρεῖσθαι τὸν ὑπὸ τῶν πολεμίων θάνατον ἢ τὸν ὑπὸ τῶν πολιτῶν].

Verifica-se que Plutarco descreve Nícias como alguém que não tinha confiança nos próprios Atenenses, fato este que não aparece em Tucídides. Contudo, nessa passagem, é interessante verificar a questão da interpretação da prudência de Nícias por Plutarco, visto que ele, ao preferir (μᾶλλον) ficar na ilha para morrer pelas mãos do inimigo, demonstra um ato de coragem. Nícias, então, estaria demonstrando esse tipo de caráter numa situação de risco, na qual a morte se faz presente, e, além disso, nessa passagem, é possível inferir que ele não manifesta a sua prudência, prevalecendo a virtude da coragem.

### 3.3 A GENEALOGIA DE NÍCIAS

Normalmente, algumas das *Vidas Paralelas* contêm introduções a respeito dos ancestrais ou dos pais dos biografados, seguidas de anedotas ou não, e de sua educação. Na *Vida de Nícias*, esses aspectos não são muito desenvolvidos, e Plutarco somente registra as seguintes considerações acerca da ancestralidade de seu biografado (*Plut. Nic.* 2.1):

Primeiramente, começo a dizer sobre Nícias o que Aristóteles escreveu a respeito dele: que três homens teriam se tornado os melhores dentre os cidadãos, por terem hereditariedade, benevolência e afeição com as pessoas,



são estes homens [βέλτιστοι τῶν πολιτῶν καὶ πατρικὴν ἔχοντες εὐνοίαν καὶ φιλίαν πρὸς τὸν δῆμον]: Nícias, filho de Nicérato, Tucídides, filho de Melésias, e Teramenes, filho de Hagnon.

A partir dessa passagem, infere-se que Nícias, primeiramente, tem a qualidade dos ἄριστοι, visto que ele era um bem-nascido, pois tinha hereditariedade, benevolência e afeição com as pessoas (πατρικὴν ἔχοντες εὐνοίαν καὶ φιλίαν πρὸς τὸν δῆμον). Entretanto, tanto em Plutarco quanto em Tucídides, a única informação sobre a infância de Nícias é esta: a de que ele é filho de Nicérato. Quanto à sua educação, nenhuma informação é dada por ambos os autores. Segundo Albini (1997), não é possível identificar um padrão regular de ação e reação na relação entre a família e a construção do caráter do biografado na obra de Plutarco, principalmente no caso de personalidades militares, como Nícias, uma vez que não há muitas informações e anedotas sobre a sua infância. Porém, há outros aspectos apontados pela autora que merecem destaque, como o fato de Plutarco mostrar que uma personalidade forte supera as circunstâncias e que a boa descendência não é pré-requisito para a glória, ao passo que a falta de riqueza, nobreza ou descendência não impede ninguém de alcançar grandes resultados. Além disso, há mais outros dois fatores que podem influenciar a descrição da vida do indivíduo, que são as influências sociais e psicológicas. Como exemplo, pode-se citar o início da biografia de Demóstenes, em que Plutarco relata acerca de sua infância difícil devido à sua orfandade (*Plut. Dem.* 5.6), porém essas circunstâncias não o impedem de vir a ser um orador prestigiado posteriormente, de acordo com o biógrafo.

A partir dessas considerações, observa-se que, na *Vida de Nícias*, o fato de Plutarco iniciar a biografia apresentando Nícias como um bem-nascido, benevolente e afetuoso com o povo – um ἄριστος – não implica que o personagem fará jus a esses atributos ao longo de sua biografia. Ele terá suas qualidades e virtudes, como a prudência e a riqueza – que será descrita na próxima sessão. Contudo, será a prudência que prevalecerá como elemento de destaque ao longo da sua biografia.

Dessa forma, não é possível identificar algum aspecto referente à influência da família no comportamento de Nícias durante sua vida adulta. Entretanto, pode-se concluir que o fato de ele ser um bem-nascido não significa que o restante de sua vida será necessariamente bem-afortunada.

### 3.4 A RIQUEZA DE NÍCIAS

Por fim, será abordado um aspecto que Plutarco desenvolve mais detalhadamente do que Tucídides. A riqueza de Nícias, por exemplo, é um dos aspectos que Plutarco desenvolve e avalia de forma distinta. Na *História da Guerra do Peloponeso*, Tucídides não menciona nada a respeito da riqueza de Nícias diretamente, talvez por não ser conveniente ao seu texto falar pormenores acerca disso. No texto tucidideano, não aparece de maneira clara a respeito das riquezas de Nícias, mas depreende-se dos discursos deliberativos atribuídos a ele a sua preocupação em relação à proteção do patrimônio Ateniese em geral, como, por exemplo, território, recursos, homens, entre outros elementos (*Thuc.* 6.10.5; 6.12.1). Portanto, convém ressaltar que, em Tucídides, Nícias é caracterizado como um sujeito que estava preocupado com o patrimônio/a riqueza no âmbito coletivo. Alcibíades, por outro lado, é representado como uma pessoa que usava sua riqueza para se notabilizar enquanto indivíduo, não demonstrando nenhuma prudência em relação à cidade, expondo-a ao perigo (*Thuc.* 6. 12.2).

Na *Vida de Nícias*, é notável o quanto Plutarco escreve a respeito da riqueza de seu biografado. Nos primeiros capítulos dessa biografia, são narradas várias anedotas nas quais Plutarco expõe o quanto Nícias era uma pessoa rica e o quanto gostava de esbanjar sua riqueza, como pode ser visto em *Nic.* 3.5-7, por exemplo:

São lembradas as suas [de Nícias] magnificências [φιλοτιμήματα] feitas em Delos como radiantes e dignas de um deus [λαμπρὰ καὶ θεοπρεπῆ][...] Depois do sacrifício, da competição e do banquete, ele colocou uma palmeira de bronze como oferenda para o deus e, com dez mil dracmas, comprou o local e dedicou-o a ele.

Nessa passagem, pode-se observar que Plutarco caracteriza Nícias como alguém magnificente, ambicioso, cujas ações visam grandiosidade e honrarias (φιλοτιμήματα), e essa qualidade é identificada como uma boa virtude, caso seja usada de forma sensata. Aristóteles, na sua obra *Ética a Nicômaco*, enumera as qualidades de uma pessoa magnificente. Para o filósofo, a magnificência é uma excelência que se refere à riqueza, mas ela diz respeito às despesas gastas e excede à generosidade<sup>68</sup> devido à grandeza que abrange a sua dimensão. O

---

<sup>68</sup> A generosidade, de acordo com Aristóteles (*Nic. Eth.* 1119b21), é a disposição que diz respeito a elementos da riqueza, e esta, por sua vez, constitui-se de todas as coisas cujo valor pode ser avaliado em dinheiro. Segundo o filósofo, o generoso é louvado nas situações de dar e receber dinheiro, principalmente na ação de dar.

magnificante gasta com coisas que envolvem grande quantidade de dinheiro e que são apropriadas ao seu caráter (*Arist. Nic. Eth.* 1122a20).

Apesar de o termo que Plutarco utiliza para magnificência/ambição/amor à honra (φιλοτιμία) ser diferente do utilizado por Aristóteles, a saber, μεγαλοπρέπεια, percebe-se que ambos se referem a mesma qualidade, pois, para o filósofo, a excelência de uma obra magnificante, a sua magnitude, encontra-se na sua grandiosidade, e, dentre as despesas feitas, há aquelas que são denominadas como honrosas, que são os gastos que são relativos às divindades, como as oferendas, as construções de templos, os sacrifícios etc., bem como os relativos ao bem comum, como equipar um coro, armar um navio de guerra ou oferecer um banquete à cidade (*Arist. Nic. Eth.* 1122b18). Portanto, observa-se que a magnificência é um gasto aplicado no âmbito coletivo.

Tendo essas reflexões em vista, pode-se inferir, à primeira vista, que, na passagem supramencionada, Plutarco apresenta a riqueza como uma boa virtude de Nícias, uma vez que, nesse episódio, é narrada uma situação em que ele age de forma magnificante, fazendo sacrifícios e construindo objetos em honra aos deuses, ou seja, ele utiliza seus recursos com a cidade, com a coletividade. Entretanto, esse episódio em Delos pode ser interpretado de forma negativa, pois a religiosidade de Nícias não é bem vista por Plutarco. Segundo Pelling (1992), os relatos que denotam religiosidade, como os presságios e os augúrios, provavelmente eram provenientes da obra de Timeu, justamente devido às críticas que Plutarco escreveu a respeito de sua obra. Essa reprovação de Plutarco em relação a Timeu pode estar relacionada ao fato de o biógrafo censurar a superstição, como pode ser visto no seu tratado *Sobre a Superstição* (*Plut. De Super.* 164e). Para ele, essa prática seria pior que o ateísmo, pois o homem supersticioso era movido por uma força divina errada, que era o medo (δεισιδαιμών), e ele acreditava que a superstição era um forte medo que deixava o indivíduo totalmente desabilitado (TITCHENER, 1991). Portanto, a religiosidade de Nícias pode ser sido interpretada de maneira negativa, por ser considerada uma superstição, ou seja, apesar de a aplicação de sua riqueza em tributo ao deus estar no âmbito da coletividade, ela pode ter sido somente um meio de adquirir sua φιλοτιμία.

Em Tucídides, foi visto que o historiador avalia a riqueza de forma negativa, quando esta é utilizada para fins individuais (KALLET, 2001). Na deliberação de Nícias, diz-se que aqueles que visam se notabilizar enquanto indivíduos são homens que, além de arruinar o Estado, esbanjam o seu patrimônio pessoal (*Thuc.* 6. 12.1). Contudo, em Plutarco, é possível verificar que Nícias também é caracterizado como um indivíduo notável no que se refere ao

dinheiro (*Nic.* 3.1), embora não se possa, sobre a passagem a seguir, afirmar que a riqueza de Nícias esteja sendo descrita exatamente como uma virtude:

Péricles, que conduzia a cidade por meio de sua virtude confiável e de seu poder discursivo [ἀρετῆς ἀληθινῆς καὶ λόγου δυνάμεως], não tinha a necessidade de aparência em relação à multidão e nem de ser o mais persuasivo. Nícias, por outro lado, sendo privado desses atributos [τούτοις μὲν λειπόμενος], mas possuindo riqueza [οὐσία], era popular entre o povo [ἔδημαγώγει] por causa disso.

Plutarco, ao colocar Péricles e Nícias em paralelo, apresenta dois tipos de sujeitos: um que lidera por causa de sua virtude e poder discursivo (Péricles), e outro que tinha influência sobre o povo porque tinha dinheiro (Nícias). À primeira vista, quando ele menciona que Nícias não possui as mesmas qualidades (τούτοις μὲν λειπόμενος) de Péricles, mas que sua popularidade era devido à sua riqueza (οὐσία), infere-se que o Nícias, de Plutarco, aparentemente, seria alguém que ele mesmo critica, através dos discursos transcritos por Tucídides.

Além disso, a ideia de que Nícias não teria virtudes confiáveis e nem poder discursivo – qualidade esta que pode ser vista em Tucídides quando aquele não tem bom êxito ao tentar dissuadir os Atenienses – traz certa imagem negativa no que se refere à influência que pessoas ricas teriam na Antiguidade, pois, uma vez que Nícias e Alcibíades tinham dinheiro e posses, eles teriam autoridade sobre os cidadãos por causa disso. Quando Tucídides apresenta a crítica de Nícias a Alcibíades por este exaltar a sua riqueza, compreende-se uma reflexão do historiador tanto a respeito das atitudes negativas que um indivíduo rico poderia demonstrar, quanto a respeito da opinião prévia que a audiência teria em relação ao sujeito, se o fato deste possuir riquezas fosse algo que influenciasse nos rumos da cidade. Portanto, parece que, para Plutarco, a riqueza de Nícias nem sempre tem um valor positivo, enquanto, para Tucídides, pelo simples fato de este conduzir os seus leitores a concordarem com a crítica feita a Alcibíades, a riqueza pode estar sendo caracterizada como algo negativo.

Outra passagem da *Vida de Nícias* em que Plutarco apresenta a riqueza de Nícias acima de outras qualidades, pode ser vista em *Nic.* 15.2: “A dignidade [ὄγκος] de Nícias era grande devido a outras coisas [τᾶλλα], mas também à sua riqueza [πλοῦτον] e à sua reputação [δόξαν]”. Nesse trecho, Plutarco especifica que seu biografado é alguém que deve a dignidade à sua riqueza e à sua reputação. Porém, deve-se observar que a sua dignidade provém de outras virtudes, que não são precisamente explicitadas (τᾶλλα); além disso, δόξα, que significa opinião, julgamento, conjectura, reputação, dentre outros, também pode ser considerada como

algo generalizado, no sentido de que ela pode significar qualquer tipo de opinião, uma vez que o autor não descreve detalhadamente em que consistia a reputação de Nícias. Dessa forma, Plutarco destaca somente a riqueza de Nícias como atributo de sua dignidade, deixando, em segundo plano, outras qualidades que estão no âmbito da δόξα e outras coisas (τᾶλλα). Ou seja: aqui a riqueza de Nícias é vista explicitamente como algo que está acima de outras qualidades, sendo estas indeterminadas, reforçando a ideia de que sua riqueza exercia influência sobre as pessoas.

Portanto, conclui-se que a forma de tratamento da riqueza de Nícias é um ponto que diferencia Plutarco de Tucídides, visto que o historiador não menciona, de forma direta, esse atributo de Nícias, talvez por não ser o foco de sua exposição, ou por este também ser uma personalidade que exercia influência por causa do seu dinheiro – fato este que Tucídides reprovava. Quanto à avaliação de Plutarco no que concerne à riqueza de Nícias, observa-se que esse atributo é considerado como algo negativo, no sentido de que o general utilizava seus recursos somente para fins individuais, como exercer influência sobre as pessoas; Nícias também é representado como uma pessoa magnificente, por financiar banquetes e construir ornamentos para deuses, porém, a religiosidade de Nícias é criticada por Plutarco, uma vez que esta se tratava de superstição. Por fim, infere-se somente que a sua influência enquanto sujeito se dá principalmente por causa de suas posses, uma vez que outras qualidades são deixadas em segundo plano.

A partir dessas considerações da *Vida de Nícias*, verifica-se que a leitura de Plutarco se mantém muito próxima ao texto de Tucídides, principalmente na narrativa da expedição à Sicília, corroborando, então, com o fato de que é possível depreender características individuais a partir de um texto historiográfico, e uma das primeiras semelhanças é o fato de Plutarco utilizar vocabulário semelhante ao de Tucídides em episódios que ambos relatam.

Ademais, o caráter de Nícias em Plutarco compartilha de muitos dos mesmos comportamentos que Tucídides descreve, tanto em sua narrativa quanto nos discursos. Entretanto, após a análise da *Vida de Nícias*, foi observado que existem alguns pontos que não foram abordados por Tucídides com profundidade, como a riqueza de Nícias e a desconfiança dele em relação aos Atenenses. Dessa forma, supõe-se que Tucídides não tenha abordado esses aspectos porque estes iam contra as suas críticas e propósitos na *História da Guerra do Peloponeso*.

Por fim, o caráter principal que norteia toda a biografia de Nícias é o da prudência. Esse caráter, por sua vez, dá origem a outros comportamentos, como a necessidade de segurança e a lentidão no que se refere a decisões e ações. Em Tucídides, a prudência é vista de forma positiva e ela suscita todos esses comportamentos, inclusive a proteção em relação ao próprio corpo e ao patrimônio, no âmbito coletivo. Todavia, em Plutarco, verifica-se que há dois pontos de vista em relação à prudência. O primeiro ponto é positivo, pois é a prudência um caráter predominante em pessoas adultas e que é demonstrada para a boa deliberação, quando Plutarco salienta que Nícias tenta evitar a expedição; o segundo, por sua vez, dá-se de forma negativa, uma vez que a prudência é tratada como falta de coragem. Porém, essa avaliação contrária se dá devido ao fato de que, em situações de guerra, esperava-se coragem e iniciativa de Nícias, note-se, então, que se trata de outro caráter, e não prudência. As suas condutas durante a expedição eram características de um indivíduo prudente, e não corajoso.

Dessa forma, conclui-se que Plutarco representa Nícias como um sujeito que, devido à sua prudência, não age de maneira correta em situações nas quais se exigia outro comportamento, o do homem corajoso. Por fim, Plutarco demonstra que Nícias foi corajoso somente uma vez, que foi no episódio em que é narrado que ele deveria sair da ilha, ao declarar que preferia morrer pelas mãos dos inimigos a morrer pelas dos seus concidadãos, remetendo-o ao ideal de bela morte, uma vez que ele não queria abandonar a área de combate, lutando até o último momento, a fim de adquirir continuidade da superioridade dos Atenienses e honra ao seu povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar como Tucídides e Plutarco construíram o *éthos* de Nícias em suas respectivas obras, *História da Guerra do Peloponeso* e *Vida de Nícias*. Portanto, após realizar todas as análises e comparações a respeito do caráter desse personagem, convém reunir, nestas considerações finais, todas as informações que foram pertinentes neste trabalho.

No primeiro capítulo, foram apresentadas algumas considerações acerca das historiografia e biografia antigas, tanto sob o ponto de vista da Antiguidade quanto da Modernidade. Verificou-se que, apesar de a história e a biografia tratarem de assuntos diferentes, elas compartilham algumas semelhanças, como a metodologia de pesquisa e a forma de escrita. A retórica também é um recurso que está presente em ambos os gêneros. Contudo, observamos que vários estudiosos, tanto da Antiguidade quanto da Modernidade, discutem a respeito dessa arte. Enquanto uns defendem que a presença da retórica nos textos historiográficos é benéfica,<sup>69</sup> outros preferem afastá-la desse gênero,<sup>70</sup> alegando que ela distorce a verdade.

Entretanto, no que concerne à verdade, foi visto que não se pode ter uma verdade completa de qualquer historiador ou biógrafo, pois a metodologia da historiografia e da biografia antigas poderia ser bastante criteriosa ou não em relação à busca dos dados, podendo o historiador recorrer à probabilidade. Ademais, quanto à seleção dos fatos, o historiador ou o biógrafo não poderiam ser completamente objetivos, ou seja, durante o processo de composição do texto histórico, poderia haver omissões, ênfases, escolhas pessoais e/ou distorções. Portanto, não se pode ter uma verdade absoluta na história ou na biografia, uma vez que a escrita desses textos está condicionada às intenções que o seu autor almeja.

Tendo em vista essas considerações, não foi objetivo deste trabalho julgar se determinado relato de Tucídides ou de Plutarco fosse verdadeiro ou não. Para tanto, a análise do caráter de Nícias foi baseada nos discursos retóricos que Tucídides atribui ao personagem e nos relatos de ambos os autores.

Além disso, outro assunto abordado, no primeiro capítulo, foi a individualidade nos personagens de Tucídides. Apesar de os assuntos da historiografia estarem no âmbito da coletividade, foi possível identificar algumas informações individuais de alguns personagens,

---

<sup>69</sup> Cícero (séc. I a.C.), Luciano (séc. I d.C.), Ginzburg (2002), por exemplo.

<sup>70</sup> Quintiliano (séc. I d.C.), Políbio (séc. III a.C.), Benjamin (1985), por exemplo.

ainda que sem muita profundidade. Em Tucídides, foram observadas algumas características individuais através dos discursos diretos e na própria narrativa do historiador, antes deste relatar os discursos oratórios. Dessa forma, a análise da *Vida de Nícias* (capítulo 3) leva em conta quais aspectos individuais que Tucídides apresenta em sua obra que podem ter influenciado a leitura de Plutarco. Assim, foram analisadas semelhanças e/ou diferenças em relação ao tratamento do caráter de Nícias em ambas as obras.

Para tanto, no segundo capítulo, é analisado o *éthos* de Nícias em Tucídides, e, para uma devida análise, fez-se necessária a descrição teórica de duas obras: a *Retórica*, de Aristóteles, e o diálogo *Do Orador*, de Cícero. Nessas obras, são apresentadas duas concepções diferentes acerca do *éthos*: para Aristóteles, o caráter se desenvolve a partir dos discursos proferidos; para Cícero, o *éthos* é fruto da reputação que o indivíduo adquire em sua vida. Essas duas concepções de *éthos* são importantes para a análise do caráter de Nícias em Tucídides, pois suas características podem estar tanto nos discursos que o historiador atribui a ele, quanto na sua narrativa, sendo interpretadas como um caráter prévio que teríamos a respeito do personagem. Tucídides, por exemplo, descreve Nícias como alguém que queria dissuadir os Atenienses para desistirem da expedição à Sicília.

A partir da análise do *éthos* de Nícias em Tucídides, verifica-se que a característica predominante, nas suas deliberações, é a prudência, e esta, por sua vez, reflete em outros tipos de comportamento, como a precaução em relação ao corpo e às riquezas – homens, posses, terrenos e dinheiro –, além da segurança e da lentidão em suas ações. Além disso, pode ser observado o conflito entre o jovem e o velho nas palavras de Nícias e Alcibíades, visto que eles defendiam valores diferentes: por um lado, temos Nícias, com sua prudência; por outro, Alcibíades, com sua ousadia.

Nas exortações, além da prudência, manifesta-se outro caráter, a saber, o da superioridade. Essa característica era utilizada para mostrar, tanto para os Atenienses quanto para os seus aliados (estrangeiros), que o poderio Ateniense era consequência de batalhas vencidas. Portanto, a superioridade funcionava como argumento para encorajar a audiência para lutarem, com a finalidade de continuar com o seu império, permanecendo superiores.

Por fim, ao analisar esses discursos de Nícias, observando a reação de sua audiência, conclui-se que suas tentativas de dissuasão não foram bem-sucedidas, ou seja, o seu caráter prudente não foi convincente para os Atenienses, uma vez que estes já estavam predispostos a partirem à Sicília. Em busca de soluções prováveis para entender a razão de os Atenienses não acatarem os conselhos de Nícias, verificou-se, nas reflexões de Tucídides sobre a guerra (*Thuc.* 3. 82.2-5), que virtudes positivas, como a prudência e a moderação, adquirem significados



negativos, como covardia e medo. Ou seja, os valores bons em tempos de paz são considerados ruins durante a guerra.

Por fim, no terceiro capítulo, foi analisado como Plutarco representa o caráter de Nícias, levando-se em conta essas considerações encontradas em Tucídides, uma vez que o próprio biógrafo declara, no próêmio da *Vida de Nícias*, que utiliza o referido historiador como fonte de pesquisa. Entretanto, há também descrições a respeito de Nícias não que são feitas em Tucídides, mas em outros autores. Assim, neste capítulo, também foram descritas as características de Nícias que não foram abordadas pelo historiador.

À primeira vista, verificou-se que a leitura de Plutarco se mantém muito próxima ao texto de Tucídides, principalmente no episódio em que é narrada a expedição à Sicília, corroborando, assim, com o fato de que é possível depreender características individuais a partir de um texto de gênero historiográfico. Plutarco compartilha de muitos comportamentos de Nícias que Tucídides descreveu, tanto em sua narrativa quanto nos discursos. Entretanto, na *Vida de Nícias*, foi observado que há alguns pontos que não foram abordados por Tucídides com profundidade, como a riqueza de Nícias. Dessa forma, supõe-se que Tucídides não tenha abordado esses aspectos porque estes iam, provavelmente, contra as suas críticas e propósitos na sua obra.

A prudência de Nícias norteia toda a sua biografia. Essa característica reflete-se outros comportamentos, como a necessidade de segurança e a lentidão no que se refere às decisões e ações. Em Tucídides, a prudência era vista de forma positiva e ela suscitava, da mesma maneira, todos esses comportamentos, inclusive a proteção em relação ao próprio corpo e ao patrimônio, no âmbito coletivo. Em Plutarco, verifica-se que a prudência de Nícias é predominantemente descrita de maneira negativa, sendo avaliada como falta de coragem. Essa avaliação contrária se dá devido ao fato de que, em situações de guerra, espera-se outro posicionamento do indivíduo, como a coragem e a agilidade nas ações.

Conclui-se que Plutarco representa Nícias como um sujeito que, devido à sua prudência, não age de maneira correta em situações nas quais se exigia outro comportamento, o do homem corajoso. Essa avaliação de Plutarco mostra que as considerações a respeito do comportamento do indivíduo em guerra não mudaram desde a época de Tucídides.

Portanto, essas são as considerações a respeito de Nícias que Tucídides e Plutarco descrevem em suas obras. A sua prudência é a principal característica descrita por ambos os autores, sendo avaliada de maneira positiva pelo historiador, e negativa pelo biógrafo. Esse tipo de caráter não seria adequado em situações de guerra para Plutarco, porém, em Tucídides, de

acordo com suas reflexões sobre a guerra no livro 3, a prudência adquire o significado de falta de coragem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras Antigas:

ARISTÓFANES. **Os Cavaleiros**. Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva. Brasília: Editora da Universidade de Brasília – São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de António de Castro Caeiro. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Retórica**. Tradução de Alexandre Manuel Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

CÍCERO. Do Orador. In: **A Invenção no Do Orador de Cícero**: um estudo à luz de *Ad Familiaris* I, 9, 23. Tradução de Adriano Scatolin. São Paulo, 2009.

ÉSQUILO. Os Persas. In: **Tragédias**. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

GÓRGIAS. Elogio de Helena. Tradução de Maria de Cecília Miranda N. Coelho. **Cadernos de Tradução**, Brasília, n. 4, p. 15-19, 1999.

HOMERO. **Ilíada**. 4. ed. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003. 1 v.

PLATÃO. **Carta VII**. 2. ed. Tradução e notas de José Trindade dos Santos e Juvino Maia Junior. São Paulo: Loyola, 2013.

PLUTARCH. Alcibiades. In: **Plutarch's Lives**. Translated by Bernadotte Perrin. London: Harvard University Press, 1916. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0181>>

\_\_\_\_\_. Alexander. In: **Plutarch's Lives**. Translated by Bernadotte Perrin. London: Harvard University Press, 1919. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0129>>

\_\_\_\_\_. Demosthenes. In: **Plutarch's Lives**. Translated by Bernadotte Perrin. London: Harvard University Press, 1919. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a2008.01.0111>>

\_\_\_\_\_. De Superstitione. In: **Moralia**. Translated by Gregorius N. Bernardakis. Leipzig: Teubner. 1888. 1 v. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0188%3Asteph%3D164e>>

\_\_\_\_\_. Nicias. In: **Greek Lives**. Translated by Robin Waterfield. New York: Oxford University Press, 1998. (Oxford World's Classics)

PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Alcibíades e Coriolano**. Tradução de Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. (Coleção Autores Gregos e Latinos)

PLUTARQUE. Nicias. In: **Vies**. 2. ed. Texte établi et traduit par Robert Flacelière et Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 2003. 7 v. (Collection des Universités de France)

POLÍBIO. **História**. 2. ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

SAMÓSATA, Luciano de. **Como se Deve Escrever a História**. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 2. ed. Tradução, prefácio e notas de Raul M.R. Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

THUCYDIDES. **Historiae in Two Volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1942. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0199>>

### **Gramáticas e Dicionários Consultados:**

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **Greek-English Lexicon**. New York: Oxford University Press, 1891.

RAGON, E. **Gramática Grega**. Tradução de Cecília Bartalotti. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

ROBERTS, J. **Dictionary of the Classical World**. New York: Oxford University Press, 2005.

SMITH, H. W. **Greek Grammar**. United States: Harvard University Press, 1920.

### Textos e Artigos:

ALBINI, F. Family and the Formation of Character: Aspects of Plutarch's Thought. In: MOSSMAN, J. (org.). **Plutarch and his Intellectual World: Essays on Plutarch**. Great Britain: The Classical Press of Wales, 1997. p. 59-71.

ASSUNÇÃO, T. R. A Crítica ao Discurso nos Discursos de Desafio na *Ilíada*: Eneias a Aquiles no Canto XX, 200-258. In: \_\_\_\_\_; FLORES-JUNIOR, O.; MARTINHO, P. (org.). **Ensaio Retórica Antiga**. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

BARRERA, J. C. B. Making History, Talking about History. **History and Theory**, v. 40, n. 2, p. 190-205, 2001.

BENJAMIN, W. Sobre o Conceito da História. In: **Obras Completas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, J. L. **A Invenção do Romance**. Brasília: Editora da UnB, 2005.

CHIALVA, I. "... como una tragédia": história e *páthos* em las *Vidas* de Nicias e Crasso de Plutarco. In: CERQUEIRA, F. B.; SILVA, M. A. O. (org.). **Ensaio sobre Plutarco: Leituras Latino-Americanas**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2010. P. 149-178.

FOX, M. Dionysius, Lucian, and the Prejudice against Rhetoric in History. **The Journal of Roman Studies**, v. 91, p. 76-93, 2001.

FUNARI, P. P. Introdução a Plutarco. In: **Vidas de César**. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

GAZINELLI, G. G. A *Vida de Eurípides* em Sátiro. **Clássica**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 147-170, 2014.

GENTILI, B.; CERRI, G. **History and Biography in Ancient Thought**. GIANGRANDE, G. (edt.). Amsterdam: J. C. Gieben, 1988.

GINZBURG, C. **Relações de Força: História, Retórica, Prova**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRANT, M. **Greek and Roman Historians: information and misinformation**. Canadá & EUA: Routledge, 2005.

GRIBBLE, D. Individuals in Thucydides. In: REGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. (eds.). **Brill's Companion to Thucydides**. Leiden: Brill, 2006.

\_\_\_\_\_. Narrator Interventions in Thucydides. **Journal of Hellenic Studies**, n. 118, p. 41-67, 1998.

HÄGG, T.; ROUSSEU, P. Introduction: Biography and Panegyric. In: \_\_\_\_\_ (eds.). **Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 2000.

HARTOG, F. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

HARRIS, E. M. Nicias' Illegal Proposal in the Debate about the Sicilian Expedition (Thuc. 6.14). **Classical Philology**, v. 109, n. 1, p. 66-72, jan. 2014.

HORNBLOWER, S. **A Commentary on Thucydides: Books 5. 25-8 – 8. 109**. Oxford: Oxford University Press, 2008. 3v.

\_\_\_\_\_. The Fourth-Century and Hellenistic Reception of Thucydides. **Journal of Hellenic Studies**, v. 115, p. 47-68, 1995.

IPIRANGA JUNIOR, P. Fragmentos e Tópoi Biográficos nos séculos V e VI a.C., **Clássica**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 121-146, 2014.

IRWIN. T. H. Introdução à *Carta VII*, de Platão. In: PLATÃO. **Carta VII**. 2. ed. Tradução e notas de José Trindade dos Santos e Juvino Maia Junior. São Paulo: Loyola, 2013.

KALLET, L. **Money and the Corrosion of Power in Thucydides: The Sicilian Expedition and its Aftermath**. Berkeley: University of California Press, 2001.

KRAJEWSKY, B. The Dark Side of *Phrónēsis*: Revisiting the Political Incompetence of Philosophy. **Clássica**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1/2, p. 7-21, 2011.

KREMMYDAS, C. *Éthos* and logical argument in Thucydides' Assembly debates. In: PAPAIOANNOU, S.; SERAFIM, A.; DA VELLA, B. (org.). **A Theatre of Justice: Aspects of Performance in Greco-Roman Oratory and Rhetoric**. Brill: Leiden, 2016. Forthcoming.

KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LAFER, M. de C. N. Autobiografia de Nicolau de Damasco – Breve Apresentação e Tradução. **Clássica**, Belo Horizonte, v. 27. n. 2, p. 171-179, 2014.

LATEINER, D. Nicias' Inadequate Encouragement (Thucydides 7. 69.2). **Classical Philology**, v. 80, n. 3, p. 201-213, jul. 1985.

LIMA, M. V. de; CORDÃO, M. P. de S. História e Historiografia Antigas: A Construção de um Gênero Discursivo. **Mnemosyne**, v.1, n. 2, p. 269-291, jul./dez. 2010.

LORAUX, N. **A Invenção de Atenas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MOMIGLIANO, A. História e Biografia. In: FINLEY, M. (org.). **O Legado da Grécia** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. **Génesis y Desarrollo de la Biografía en Grecia**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1986.

OSLEY, A. S. Greek Biography Before Plutarch. **Greece & Rome**, vol. 15, n. 43, p. 7-20, jan. 1946.

PELLING, C. Aristotle's *Rhetoric*, the *Rhetorica ad Alexandrum*, and the Speeches in Herodotus and Thucydides. In: FOSTER, E.; LATEINER, D. (eds.). **Thucydides and Herodotus**. United States: Oxford University Press, 2012.

\_\_\_\_\_. Plutarch and Thucydides. In: STADLER, P. A. (edt.). **Plutarch and the Historical Tradition**. London: Routledge, 1992, p. 10-40.

RICOEUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, S. L. R. *A Vida de Augusto*, de Nicolau de Damasco: Tradução Acompanhada de Breve Introdução. **Clássica**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 181-193, 2014.

\_\_\_\_\_. **Logos, Writing and Persuasion in Thucydides' History**. London: University of London, 2008. p. 265. Thesis (PhD) – Department of History of Royal Holloway College, University of London, London, 2008.

\_\_\_\_\_. Tucídides: entre a Verdade das Ações e as Palavras dos Discursos. In: SILVA, M. A. O.; MAGALHÃES, L. O. de; VARGAS, A. Z. (orgs.). **Heródoto e Tucídides: História e Tradição**. Bahia: Editora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2006. No prelo.

ROMILLY, J. de. **Alcíades ou Os Perigos da Ambição**. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

SCATOLIN, A. **A Invenção no *Do Orador de Cícero***: um estudo à luz de *Ad Familiaris* I, 9, 23. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. p. 313. Tese (doutorado) – Programa de Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SEBASTIANI, B. B. A Ironia do Fracasso: Nícias e Tucídides, Aníbal e Políbio. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 15-37, 2015.

SILVA, M. A. de O. **Plutarco Historiador**. São Paulo: EdUSP, 2006.

TITCHENER, F. Autobiography and the Hellenistic Age. In: \_\_\_\_\_; MOORTON JUNIOR, R. F. (eds.). **The Eye Expanded Life and the Arts in Greco-Roman Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 1999.

\_\_\_\_\_. Practical Rhetoric in Plutarch's Nicias 26.6 and Thucydides 7.86.5. In: **Rhetorical Theory an Praxis in Plutarch**: Acta of the IV<sup>th</sup> Internacional Congress of the Internacional Plutarch Society. Louvain: Peeters, 2000. p. 519-525.

\_\_\_\_\_. Why did Plutarch Write about Nicias? **Ancient History Bulletin**, n. 5, p. 153-158, 1991.

VERNANT, J. A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado. **Discurso**, São Paulo, n. 9, p. 31-62, nov. 1978.

\_\_\_\_\_; VIDAL-NAQUET, P. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

VEYNE, P. **Como se Escreve a História**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.



WESTLAKE, H. D. **Individuals in Thucydides**. United States: Cambridge University Press, 1968.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2011.

WHITMARSH, T. **The Second Sophistic**. Great Britain: Oxford University Press, 2005.